



Pacto Nacional pela
Alfabetização na Idade Certa

ALFABETIZAÇÃO DE CRIANÇAS DE 6 A 8 ANOS

Relatos de experiência docente

Everaldo Silveira
Maria Aparecida Lapa de Aguiar
Rosângela Pedralli (Organizadores)



VOLUME IV



Núcleo de Estudos e Pesquisa
em Alfabetização e Ensino
da Língua Portuguesa

ALFABETIZAÇÃO DE CRIANÇAS DE 6 A 8 ANOS
Relatos de experiência docente

VOLUME IV

Everaldo Silveira
Maria Aparecida Lapa de Aguiar
Rosângela Pedralli
(Organizadores)



ALFABETIZAÇÃO DE CRIANÇAS DE 6 A 8 ANOS
Relatos de experiência docente
VOLUME IV



Pacto Nacional pela
Alfabetização na Idade Certa

MINISTÉRIO DA
EDUCAÇÃO



UFSC
UNIVERSIDADE FEDERAL
DE SANTA CATARINA



Núcleo de Estudos e Pesquisa
em Alfabetização e Ensino
da Língua Portuguesa

NÚCLEO DE
ALFABETIZAÇÃO E
ENSINO DA
LÍNGUA PORTUGUESA
UFSC-CED-NUP

Florianópolis, 2017

MINISTÉRIO DA
EDUCAÇÃO



Núcleo de Estudos e Pesquisa
em Alfabetização e Ensino
da Língua Portuguesa

COORDENADORA
Nelita Bortolotto

VICE-COORDENADORA
Maria Aparecida Lapa de Aguiar



Pacto Nacional pela
Alfabetização na Idade Certa

COORDENADORA GERAL
Nilcéa Lemos Pelandré

COORDENADORA PEDAGÓGICA
Vânia Terezinha Silva da Luz



UFSC
UNIVERSIDADE FEDERAL
DE SANTA CATARINA

REITOR
Luiz Carlos Cancellier de Olivo

VICE-REITORA
Alacoque Lorenzini Erdmann

CENTRO DE CIÊNCIAS DA
EDUCAÇÃO – CED

DIRETOR: Nestor Manoel Habkost
VICE-DIRETOR: Juares da Silva Thiesen

Ilustração da Capa
"Encontro com o saber" de Usha Roig, 2016

Ilustração da Folha de Rosto
"Pipas" de Usha Roig, 2012 (detalhe)

Projeto Gráfico, diagramação e arte-finalização
Carlos Righi

Revisão
Laiana Abdala Martins

Catálogo na fonte pela Biblioteca Universitária
da Universidade Federal de Santa Catarina

A385 Alfabetização de crianças de 6 a 8 anos :
relatos de experiência docente: volume IV /
Organizadores, Everaldo Silveira, Maria
Aparecida Lapa de Aguiar, Rosângela
Pedralli. - Florianópolis : UFSC/CED/NUP,
2017.
116 p. ; il.

Inclui bibliografia.
Pacto Nacional pela Alfabetização na
Idade Certa.

1. Educação de crianças. 2. Letramento -
Educação. I. Silveira, Everaldo. II. Aguiar,
Maria Aparecida Lapa de. III. Pedralli,
Rosângela.

ISBN 978-85-9457-006-2

CDU: 37

Produção Editorial



Núcleo de Publicações do Centro de
Ciências da Educação – UFSC-CED-NUP

Conselho Editorial

Camila Monteiro de Barros, David Antonio da
Costa, Diana Carvalho de Carvalho, Eliane
Santana Dias Debus, Giandrêa Reuss Strenzel,
Gilka Elvira Ponzi Girardello, João Nilson
Alencar, Lilane Maria de Moura Chagas,
Marcos Edgar Bassi, Marlí Dias de Souza
Pinto, Olinda Evangelista, Patrícia Laura
Torriglia, Regina Ingrid Bragagnolo, Sandra
Mendonça, Suzani Cassiani

Coordenadora

Diana Carvalho de Carvalho

Editoria Técnico-Administrativa

Bethânia Negreiros Barroso
Jorge Cordeiro Balster

Colaboradores

Aida Rotava Pain, Aline Cassol Daga, Carla
Cristofolini, Cintia Franz, Clara Iracema
Bewiahn, Daniela Cristina da Silva, Eliandra
Moraes Pires, Eloara Tomazoni, Gracielle Boing
Lyra, Hellen Pereira, Joanildes Felipe, Jussara
Brigo, Laiana Abdala Martins, Liliâne Vanilde de
Souza, Lisete Hahn Kaufmann, Maira G. F.
Kelling Machado, Marisa Stragliotto, Natássia
D'Agostin Alano, Roberta Schnorr Buehring,
Sabatha Catoia Dias, Selma Felisbino
Hillesheim, Suziane Mossmann

*Do alto da arrogância qualquer homem
Se imagina muito mais do que consegue ser
É que vendo lá de cima, ilusão que lhe domina
Diz que pode muito antes de querer
Querer não é questão, não justifica o fim
Pra quê complicação, é simples assim*

*Focado no seu mundo qualquer homem
Imagina muito menos do que pode ver
No escuro do seu quarto ignora o céu lá fora
E fica claro que ele não quer perceber
Viver é uma questão de início, meio e fim
Pra quê a solidão, é simples assim*

(Lenine & Dudu Falcão, 2015 – Simples assim.
In: Carbono)

SUMÁRIO

Apresentação da versão digital	09
Apresentação	11
4. Seção IV	
A criança na relação com as linguagens	
4.1 A alimentação do 2º ano é saudável? <i>Cíntia Franz, Rosane Dall, Agnol Arend & Roselene Dietrich Weirich</i>	15
4.2 A interdisciplinaridade e os diferentes gêneros textuais <i>Roseli Chittó, Simone Tozzo Bordin & Joanildes Felipe</i>	20
4.3 Entrelaçando saberes: diversos caminhos da aprendizagem no desenvolvimento de uma <i>sequência didática</i> <i>Cíntia Franz, Veranice Grebin Franke & Ivana Regina Tedesco Cerutti</i>	23
4.4 Projeto didático: aprendendo com literatura <i>Cleidiana Watto & Maira Gledi Freitas Kelling Machado</i>	26
4.5 Interagindo com Angela Lago e Zoé Rios <i>Etenir de Cássia Suppi Goulart & Joanildes Felipe</i>	29
4.6 Gastronomia açoriana nas práticas escolares <i>Tânia Pittarello, Sarita de Sant'Anna Leandro, Gracielle Böing Lyra & Jussara Brigo</i>	31
4.7 Interdisciplinaridade na reflexão do contexto escolar <i>Cristiane Kappaun, Inês Marconatto & Maira Gledi Freitas Kelling Machado</i>	34
4.8 Alfredo Volpi visita São Francisco do Sul: uma experiência histórica com cores, formas e produção escrita <i>Maria de Lourdes Montemor Picheth, Roberta Fernandes Buriti & Roberta Schnorr Buehring</i>	38
4.9 Ampliando conhecimentos por meio da leitura <i>Isabel Trevisol & Joanildes Felipe</i>	41
4.10 Sementes de leitura <i>Queila Stein & Joanildes Felipe</i>	43
4.11 Projeto <i>Oficina de Jogos</i> : participação ativa dos familiares no processo de apropriação da leitura e da escrita das crianças <i>Marcio Alexandre Siqueira, Andreia Marise Marques Eger & Alcemira Amara da Cunha</i>	46

A criança na relação com as Ciências Humanas

- 4.12 Folclore brasileiro: a lenda da Erva Mate 53
Silvia Wieczorekjevicz & Rita Rosélis Schulka Vicente de Souza
- 4.13 Sementes que floresceram na sequência didática 56
Glaucia Clasen, Rute Albuquerque, Gracielle Boing Lyra & Jussara Brigo
- 4.14 Africanidades em movimento 59
Simone Stein Pires, Daniela Guse Weber & Roselete Fagundes de Aviz

A criança na relação com as Ciências da Natureza e a Matemática

- 4.15 Projeto “De mão em mão, medindo um avião”: uma experiência interdisciplinar 65
Verônica Felix Leite, Taíze dos Santos Batisti, Lindamir Luciana Schneider da Silva & Beatriz Kohn de Cristo
- 4.16 Brincando e criando com a Geometria 69
Sílvia Zimmermann Pereira Guesser, Elisângela Decker & Carla Peres Souza
- 4.17 Sentindo com os sentidos: no mundo das sensações 72
Ieda Pertuzatti, Cíntia Franz & Marlise Maria Junges Hackenhaar
- 4.18 Aprendendo com a serpente 77
Michela Cristiane Stingham de Souza, Morgana Rozza Tasca & Dolores Follador
- 4.19 Viajando com as três partes 80
Leonora Maria Machado, Eliane de Almeida Dal Berto & Fabiana Carmen Carneiro Bastos
- 4.20 Aprendendo e brincando 83
Alini Cadornim, Isabel Trevisol & Joanildes Felipe
- 4.21 Análise de estratégias pessoais para resolução de situações-problema 85
Raquel da Silva & Jovino Luiz Aragão
- 4.22 Dez sacizinhos: o lúdico na alfabetização e na matemática 88
Ana Cristina B. H. dos Santos, Suzane M. Z. Manchein, Zenilda B. Ceregatti & Lisete Hahn Kaufmann
- 4.23 Nascentes, um bem precioso 91
Adriana Maria Tonial Piaia, Claudia Elizabet Fávero Boccalon & Maira Gledi Freitas Kelling Machado

4.24	Saber os preços para poder economizar	95
	<i>Carina Paza, Ana Carolina da Conceição & Roberta Schnorr Buehring</i>	
4.25	Tangram: articulação com práticas de leitura e produção textual	98
	<i>Aydir Fátima Balvedi, Vera Lúcia Ribeiro de Matos & Selma Felisbino Hillesheim</i>	
4.26	Os piratas: aprendendo o valor das coisas	102
	<i>Ana Paula David de Oliveira Tecila, Vera Marlize Schröer & Dolores Follador</i>	
4.27	Flora: conhecendo o ambiente que nos cerca	106
	<i>Carolina Kuhnen, Maria Leticia Naime-Muza & Gracielle Boing Lyra</i>	
4.28	A Geometria nos diferentes espaços do cotidiano	108
	<i>Ediane Zanesco, Lucimara Frigo Machado & José Antônio Gonçalves</i>	
4.29	O uso de mapas, tabelas e gráficos para o letramento	111
	<i>Enisia Tolardo Magnavita, Samara de Alencar Cabral dos Santos, Gracielle Boing Lyra & Jussara Brigo</i>	
4.30	Utilizando relatório na descoberta do ecossistema a partir do terrário	113
	<i>Edma Firmínio Fortunato & Jacqueline Policarpo</i>	

Apresentação da versão digital

Esta coletânea, composta por cinco volumes, nasce de um desejo – gestado no plano da coordenação e dos encontros de formação ocorridos por ocasião do PNAIC/UFSC – de publicizar as ações didático-pedagógicas levadas a termo por alfabetizadores de diferentes regiões de Santa Catarina. Tal coletânea materializa, portanto, esse desejo com dupla finalidade: (i) dar visibilidade aos importantes trabalhos desenvolvidos por esses profissionais e (ii) socializar trabalhos educativos que carregaram consigo avanços em relação ao que tem se feito historicamente em processos de alfabetização via escolarização formal, a fim de que possam contribuir tanto como inspiração para o delineamento de ações didático-pedagógicas outras quanto como ponto de partida para discussões em cursos de formação inicial e continuada.

Os mencionados cinco volumes têm convergências e especificidades na sua organização. Esses volumes convergem, em linhas gerais, quanto à apresentação de relatos de experiências produzidos em coautoria por alfabetizadores, orientadores de ensino, formadores e, em alguns casos, supervisores, os quais derivaram de planejamento por *projetos* ou *sequências didáticas*, tal qual definido no material-base da formação do PNAIC. Marca a especificidade dos volumes o critério para aproximação dos relatos que figuram em cada qual deles: nos primeiros dois cadernos, a opção de organização foi por concentrar trabalhos que privilegiavam Leitura e Produção textual no primeiro deles e trabalhos que se debruçavam sobre a Educação Matemática no segundo; já nos três últimos cadernos, buscou-se articulação mais explícita com os documentos oficiais de ensino (DCNs, 2013; PCSC, 2014; BNCC, 2016), aproximando os relatos ali apresentados nas áreas do conhecimento – *Linguagens, Ciências Humanas e Ciências Naturais e Matemática*.

A decisão pela publicização digital deste material não descarta da ciência de que, como parte de um processo formativo que é, ele apresenta avanços, mas também fragilidades, ambos de natureza filosófico-epistemológica e teórico-metodológica. Tal ciência, no entanto, a nosso ver, não anula as suas con-

tribuições para o campo da alfabetização, na medida em que são bastante escassos exemplos de ações didático-pedagógicas convergentes com a concepção de alfabetização assumida no/pelo Pacto, que se quer na perspectiva do letramento. Isso porque, por algum tempo, estudiosos do fundamento teórico que sustenta tal concepção (os Estudos do Letramento) mostraram-se reticentes quanto à apresentação de encaminhamentos metodológicos precisos, incluindo exemplos, se não por outras razões, pelo zelo em não produzir modelos que pudessem ser replicados, o que contrariaria a defendida necessidade de considerar os usos situados da escrita.

A replicação modelizada das ações levadas a efeito em classes de alfabetização e convertidas nos relatos registrados nestas páginas certamente não foi o motor de nosso desejo de publicação na forma impressa e na forma digital desta coletânea, ainda que eventualmente isso possa ocorrer. Se assim o for, contamos com compreensão aguda de Vigotski (1968)¹ acerca do processo de desenvolvimento humano pela apropriação, que tende a demandar inicialmente um movimento de *imitação* para passar então a um movimento autônomo em relação ao objeto do conhecimento. Por outro lado, se a nossa compreensão acerca das contribuições deste material se confirmar, ele servirá como desencadeador, a ser ressignificado, expandido, realinhado, discutido, problematizado, em favor do que é a atividade-fim do processo formativo, que teve como embrião o PNAIC e no qual todos e cada um de nós nos engajamos: a apropriação do Sistema de Escrita Alfabética nos/para os usos sociais da escrita por todas as crianças, tomando como ponto de partida do trabalho educativo práticas sociais e, no bojo delas, os diferentes componentes curriculares das áreas do conhecimento em relação interdisciplinar, sem, contudo, secundarizar suas especificidades.

Organizadores da coleção

¹ Registra-se a compreensão de que a Teoria Histórico-Cultural de Vigotski, ainda que apresente alguns compartilhamentos – concepção de sujeito e de língua, grosso modo – com os Estudos do Letramento, tem por fundamento outra corrente filosófico-epistemológica. Eximimo-nos de apresentar tais distinções, em razão de seu afastamento dos propósitos de um texto de apresentação.

Apresentação

A concepção da *alfabetização na perspectiva do letramento* apresenta-se aos educadores como um grande desafio. Configura-se pela necessidade de reflexão contínua, articulando a todo o tempo teoria e prática no planejamento de ações didático-pedagógicas, as quais partem, inevitavelmente, da *prática social*.

Nessa perspectiva, trabalhar interdisciplinarmente deixa de ser uma opção e passa a ser uma condição. O trabalho interdisciplinar, além disso, não pode ser entendido como uma mera aproximação dos componentes curriculares derivada de uma temática comum.

O conceito de interdisciplinaridade no contexto do *letramento*, portanto, está envolto em uma maior complexidade: na *alfabetização* que assume como ponto de partida a *prática social*, o que une diferentes componentes curriculares é justamente a própria *prática social*, uma vez que, nela, os objetos da cultura que se dão a conhecer articulam sempre diferentes campos do conhecimento.

Essa articulação, por sua vez, não pode ser ignorada pelos educadores, sob pena de se negligenciar o que move a ação desses profissionais, que é o ato de levar sujeitos que não conhecem a conhecer, e de contribuir para que esses sujeitos se apropriem de conhecimentos – a exemplo da língua escrita – que são fundamentais para o seu desenvolvimento e para a sua inserção social efetiva. Nesse contexto, a pergunta que passa a mover o planejamento dos educadores, então, não é “o que mais é possível trabalhar?”, mas sim “o que mais é necessário trabalhar?”, isso porque o que fundamenta sua ação como profissionais da educação é a contribuição objetiva e deliberada para a formação de sujeitos heterogêneos na origem.

Parece inegável que alinhar-se à *alfabetização na perspectiva do letramento* e, com ela, à interdisciplinaridade, não significa desconsiderar as especificidades dos componentes curriculares ou, como quer Vigotski (2007 [1978], p. 104), “Cada assunto tratado na escola tem a sua própria relação específica com o curso do desenvolvimento da criança [...]”.

Assim concebendo, os cadernos de relatos em tela – volumes III, IV e V – foram organizados tendo como crivo a ênfase dos trabalhos em cada uma das três áreas do conhecimento, definidas pelos documentos norteadores de ensino contemporâneos, a exemplo das Diretrizes Curriculares Nacionais para a

Educação Básica (2013) e a versão atualizada da Proposta Curricular de Santa Catarina (2014), quais sejam: (i) Linguagens; (ii) Ciências Humanas; e (iii) Ciências da Natureza e Matemática.

Nossa intenção com tal organização é, de algum modo, contribuir para a atividade fundamental do professor, que é agora, por imperativo de documentos oficiais, pensar seus planejamentos contemplando essas três áreas. Estamos cientes do risco de agir desse modo, uma vez que, por vezes, os limites das áreas nos projetos e nas sequências didáticas relatadas é bastante tênue, o que é absolutamente convergente com a própria essência da *alfabetização na perspectiva do letramento* e do conceito de interdisciplinaridade. Optamos por assumir esse risco por entendermos que, num momento inicial de trabalho nessa perspectiva, compreender como cada área é contemplada e, em seu bojo, cada componente oferece contribuições para a formação das crianças parece bastante significativo.

Outro aspecto que cabe frisar é o de que todos os relatos apresentados nestes cadernos foram orientados metodologicamente, em convergência com o definido pelo material norteador do PNAIC, por projetos e/ou por sequências didáticas. Esse comportamento evidencia um avanço em direção a processos de ensino mais consequentes e comprometidos com sujeitos reais, vivos, corpóreos.

Ainda no que diz respeito à relação estreita das experiências que figuram neste conjunto de cadernos, vale destacar que todos de certa forma estão fundamentados nas discussões do material norteador do PNAIC. Justamente em razão disso, a remissão a esse material, o que inclui paráfrases e ações afins, pode ser inferida ao longo de todos os trabalhos, ainda que não se tenha explicitado nas referências que acompanham os textos.

Por fim, a apresentação do critério de aproximação desses trabalhos exime-nos da necessidade de se realizar categorizações entre eles, de modo que o leitor encontrará aqui trabalhos pospostos a partir deste único fio condutor: as três áreas do conhecimento em favor de ações de ensino ocupadas em facultar a apropriação nos/para os *usos sociais da escrita* por crianças nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental, processos levados a termo por profissionais com diferentes perfis – alfabetizadores, orientadores de estudo e formadores – integrantes do PNAIC/SC.

Everaldo Silveira
Maria Aparecida Lapa de Aguiar
Rosângela Pedralli
(Organizadores)

A criança na relação com as linguagens



A ALIMENTAÇÃO DO 2º ANO É SAUDÁVEL?

Cíntia Franz¹
Rosane Dall'Agnol Arend²
Roselene Dietrich Weirich³

Este relato trata de uma *sequência didática* aplicada pela professora alfabetizadora Roselene Dietrich Weirich, da Rede Municipal de Ensino de Arabutã, em Santa Catarina, desenvolvida com 18 alunos do 2º ano, do Núcleo Educacional Municipal Nova Estrela, no segundo semestre do ano letivo de 2013. A professora trabalhou diferentes temas/conteúdos dos componentes curriculares de forma *interdisciplinar*, utilizando vasto acervo de literatura, além de textos informativos, *folders*, visitas, pesquisas e experiências. Sobre a importância de trabalhar a interdisciplinaridade, Brasil (2012, p. 11) nos elucidou o seguinte:

É uma proposta que exige interação entre duas ou mais disciplinas, o que resultará em comunicação e enriquecimento recíproco e, conseqüentemente, em uma transformação das metodologias de pesquisa, em uma modificação de conceitos, de terminologias fundamentais etc.

Para garantir a interdisciplinaridade, a professora Roselene organizou o trabalho através da *sequência didática* (SD) com a escolha dos conteúdos considerando os conhecimentos prévios dos alunos, bem como o que era relevante para suas vidas. Isso propiciou situações de aprendizagens que favoreceram a sistematização de conhecimentos e a reflexão, diversificando a organização do trabalho pedagógico, suas estratégias didáticas e seu olhar para a aprendizagem dos alunos. Como consta em Brasil (2015, p. 12):

[...] uma das grandes contribuições do trabalho articulado entre as diferentes áreas do conhecimento é a possibilidade de desenvolver nas

crianças habilidades e conceitos diversificados de modo que sejam alfabetizadas e letradas, ampliando suas percepções do mundo que vivem com maior autonomia.

Um dos enfoques da nossa formação foram os *gêneros do discurso*, e a professora Roselene utilizou-se de gêneros variados para a consolidação dos *direitos de aprendizagem* referentes aos componentes curriculares Língua Portuguesa, Matemática, Geografia e História. Durante todo o trabalho, a alfabetização matemática e a alfabetização (através dos eixos *leitura, oralidade, produção textual e análise linguística*), além do *letramento*, tiveram destaque.

Cabe esclarecer que o trabalho foi desenvolvido durante todo o segundo semestre, de agosto a novembro, totalizando 153 aulas distribuídas em 60 dias de aula. O objetivo era o de trabalhar, além da consolidação da alfabetização e do *letramento*, a alimentação saudável, o sistema monetário, a educação fiscal, grandezas e medidas, campo aditivo e multiplicativo, problemas. A SD se iniciou com a leitura do livro *Camilão, o Comilão*, de Ana Maria Machado (2011), por meio da antecipação de sentidos, com diferentes questionamentos sobre a capa, o con-



Figura 1 - Capa do livro apresentado pela alfabetizadora
Fonte: Machado (2011)

teúdo do texto, o título e as ilustrações, e ativando os conhecimentos prévios relativos ao texto lido.

A partir da capa, questionou-se aos alunos: “O que irá acontecer nesta história?”. Na medida em que se lia, os alunos participavam, retomando a sequência dos alimentos que Camilão recebia. Antes de finalizar a leitura da história, a professora propôs a escrita e a ilustração de como imaginavam o final da história. Depois, puderam comparar as suas hipóteses com o final da história. As crianças ficaram muito empolgadas escrevendo e depois comparando os finais. Com as informações sobre a quantidade de alimentos conseguida por Camilão, a professora abordou conceitos referentes a *dobro e metade, sequência numérica e contagens*; também propôs di-



Figura 2 - Produção feita por um aluno
Fonte: acervo pessoal da professora

¹ Formadora, Polo 3. Mestranda do PROFLETRAS da UFSC, Licenciada em LETRAS e Especialista em Práticas Pedagógicas Interdisciplinares. Professora de Língua Portuguesa da Rede Pública Municipal de Rio do Sul (SC).

² Orientadora de Estudos. Especialista em Séries Iniciais e Educação Infantil. Professora da Rede Municipal de Arabutã (SC).

³ Professora Alfabetizadora. Especialista em Séries Iniciais e Educação Infantil. Professora da Rede Municipal de Arabutã (SC).

ferentes atividades pontuais de *análise linguística, interpretação e leitura*.

Visando o estudo dos rótulos dos alimentos consumidos em casa, das grandezas e medidas e do sistema monetário brasileiro, a professora solicitou aos alunos que trouxessem embalagens vazias. Com as embalagens, ela explorou conceitos de grandezas e medidas, o significado dos números e das letras nas embalagens (“90g”, “1L”, etc.), o que eles mediam; o fato de que compramos coisas em “quilos”, “litro”, em unidades não padronizadas e em outras grandezas.



Figura 3 - Alunos estudando os rótulos

Fonte: acervo pessoal da professora

A professora distribuiu as embalagens por grupos e solicitou que fizessem uma lista de compras de supermercado daqueles dos produtos; depois, levou os alunos ao mercado para pesquisar os preços. Essa visita ao mercado teve como objetivo levá-los a aprender sobre pesquisa de preços, sobre os impostos – a dona do mercado, com que já havia sido combinado, explicou aos alunos como é feito o pagamento de impostos ao governo, como o dinheiro retorna ao Município – e sobre a distribuição dos produtos nas prateleiras.

O que chamou a atenção dos alunos foi



Figura 4 - Alunos no supermercado

Fonte: acervo pessoal da professora

o valor cobrado de impostos nas bebidas alcoólicas, e então decidiram escrever um relatório para contar aos pais e à diretora da escola os conceitos aprendidos – e, claro, quiseram ilustrar. Depois, com as embalagens vazias e devidamente etiquetadas com os preços pesquisados, a turma montou um mercadinho.

A professora utilizou esse recurso propondo aos alunos simulação de compras de produtos seguindo alguns critérios, que variavam: fazer uma lista de compras, estimar quanto gastariam numa compra, realizar a compra, calcular a compra efetuada e informar com quais notas poderiam pagá-la. Propôs, ainda, diferentes encaminhamentos durante todo o estudo, realizando compras em duplas, em grupos ou individualmente, em que os alunos podiam simular compras com cédulas e moedas. Partindo de listas de compras ou de um valor que recebiam para gastar, estimavam e comparavam com outras duplas ou grupos o valor que achavam que gastariam, quanto gastaram, quem gastou mais, quem gastou menos, a metade e o dobro do valor das compras realizadas, o que poderiam comprar com um determinado valor, sem ultrapassá-lo e sem que sobrasse troco, quem conseguiu comprar mais produtos, quem comprou menos, as razões de isso acontecer, etc. Além disso, usaram a calculadora para verificar/confirmar o cálculo efetuado na compra e aprender como podemos proceder quando realizamos uma compra, em termos de economia, cuidados na análise dos rótulos dos produtos, verificação de data de validade, etc. Diversas reflexões e problematizações foram realizadas e ficava evidente a consolidação dos conhecimentos acerca dos conceitos trabalhados a cada nova proposta encaminhada.

Quanto aos rótulos, a professora solicitou que identificassem o município e o esta-

do nos quais os alimentos foram produzidos. A partir disso, procederam à localização, no mapa-múndi e no mapa do Brasil, dos municípios e dos estados produtores dos alimentos cujos rótulos estavam analisando. Outro mapa utilizado mostrava a origem histórica de alguns alimentos de origem vegetal, para comparação com os que são produzidos em nosso município. Na leitura de mapas, as legendas também foram exploradas: o que identificam, para que servem, como podem ser lidas.

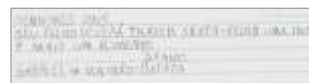


Figura 5 - Bilhete escrito pelos alunos

Fonte: acervo pessoal da professora

Com o objetivo de estudar mais sobre alimentação saudável, a professora solicitou aos alunos que levassem para a sala de aula uma fruta e outro alimento, e para tanto escreveram um bilhete coletivo aos pais solicitando os alimentos, explorando a estrutura do bilhete, suas características e sua função social.

Com os alimentos e as frutas que os alunos trouxeram, a professora explorou conceitos sobre alimentação saudável, origem dos alimentos e função no organismo humano. Ela montou a pirâmide alimentar e solicitou que cada aluno colocasse nela o alimento trazido, e a turma observava se era colocado no lugar referente a sua função alimentar, sempre problematizando: o nome do alimento, sua função no organismo, se era fruta, legume ou outro, a cor do alimento, textura, entre outros. Depois de toda exploração, as frutas que os alunos levaram foram utilizadas para uma gostosa salada de frutas.

Os alunos puderam participar do preparo da salada e a professora aproveitou para enfatizar a importância de higienizar as mãos e os alimentos utilizados. Foi uma atividade muito rica e prazerosa, pois puderam observar as sementes, as for-



Figura 6 - Pirâmide alimentar criada pelos alunos

Fonte: acervo pessoal da professora

mas, sentir os cheiros, falar de suas preferências e depois, claro, degustar. Ainda explorando o gênero *receita*, a turma escreveu coletivamente a receita da salada de frutas, e a professora aproveitou para enfatizar as características do gênero e gerar reflexões sobre a função dos verbos no “modo de fazer”.

Quando da preparação da salada de frutas, os alunos perceberam que as frutas cortadas com o tempo escureceram e ficaram curiosos para saber o motivo disso. A partir da curiosidade em saber as causas, a turma foi levada a realizar uma experiência sobre o poder da vitamina C (presente no limão), comparando, analisando e discutindo os resultados da experiência. Coletivamente, a turma produziu um texto sobre o que foi observado na experiência, ou seja, os resultados, e estes foram posteriormente socializados com as demais turmas da escola – no projeto da escola: Relato de Experiências.

A partir do trabalho realizado com o gênero receita, a professora desenvolveu algumas problematizações através do comparativo entre o livro só de imagens *Salada de frutas*, de Mirna Forti e Rogério Borges (FORTI, 1991), e o texto “Brigadeiro”, que é uma receita. A professora explorou, oralmente, a imaginação e a criatividade dos alunos com a proposta de verbalizar o que viam nas ima-



Figura 7 - Registro da escrita da receita da Salada de Frutas

Fonte: acervo pessoal da professora

gens do livro e ver como eram escritas as receitas, e então fizeram um comparativo com o texto da salada de frutas que eles mesmos escreveram: no que se pareciam, no que se diferenciavam.

Outro livro que a professora explorou foi *Cuidado com o menino*, de Tony Blundell (2013), lendo algumas receitas. Depois os alunos leram individualmente uma das receitas do livro, com o objetivo de comparar as escritas das receitas, sendo que as do livro não poderiam ser preparadas realmente, já que o objetivo era brincar e estimular a imaginação.

Uma das características da turma é ser composta por filhos de agricultores e, em virtude do estudo realizado sobre alimentos, com o enfoque na germinação e no acompanhamento do desenvolvimento do milho, a professora contou duas versões da história *A galinha ruiva*: uma recontada por Elza Fiuza (2006) e outra da Coleção Livro Mágico, da editora FTD. A professora realizou a antecipação de



Figura 8 - Alunos apresentando resultados do estudo aos colegas do 3º e 4º anos

Fonte: acervo pessoal da professora

sentidos antes das leituras, e então as crianças puderam confirmar ou não as hipóteses levantadas, as diferenças e as semelhanças entre as duas histórias, através da oralidade.

Em outra atividade realizada, os alunos receberam a história só em imagens, em um contexto no qual a cada dia dois alunos recontavam a história de acordo com a sua versão, depois de levar as imagens para casa e se preparar para contá-la. Foi impressionante ver a dedicação e facilidade com que criavam e oralizavam suas versões.

Como tarefa de casa, os alunos pesquisaram uma receita de alimento preparado com milho, leram a receita para os colegas e coletivamente analisaram se contemplava a estrutura do gênero em questão. As receitas que pesquisaram em casa com os familiares, e algumas pesquisadas na internet, foram organizadas num livro de receitas cujo ingrediente principal é milho (a farinha ou em grãos), e depois esse livro foi levado para casa. De acordo com os relatos dos alunos, o livro cumpriu sua função social, pois as mães e os alunos comentavam as receitas feitas com a família e ainda davam novas sugestões.

A turma realizou estudos sobre a origem dos alimentos: animal, vegetal e mineral. Uma das atividades realizadas, com o objetivo de acompanhar a germinação, o desenvolvimento, as necessidades das plantas e o tempo, foi a experiência da germinação com duas qualidades diferentes



de milho. Alguns grãos foram retirados de uma espiga e outros eram selecionados, ou seja, eram sementes tratadas (ambos foram plantados na horta e em potes). Os alunos observaram e registraram o desenvolvimento diariamente por uma semana, e depois semanalmente. Fizeram reflexões e comparações, estimando o tempo de desenvolvimento do milho, as variações do clima, preço da semente de milho, valor de uma saca, o que influencia no desenvolvimento da produção, e chegaram a algumas conclusões com base nos resultados observados. Durante esse trabalho, diversos problemas foram propostos para os alunos resolverem, e os resultados foram apresentados para as turmas do 3º e 4º anos da escola.

Com o livro de receitas concluído, a turma escolheu uma receita de bolo para fazer, seguindo os passos nela indicados. Durante a execução da receita, os alunos liam, acompanhavam as medições indicadas, a mistura dos ingredientes, até a colocação no forno, verificando a temperatura adequada para o cozimento. Nesse momento, a professora explorou estimativas, tais como: se com a quantidade de farinha fizemos um bolo que dá 18 pedaços, quanto precisamos para fazer dois bolos? E três? Da mesma forma, explorou estimativas com outros ingredientes, como ovos e óleo. Depois de assado, o bolo foi levado para a sala. Nessa ocasião, os alunos receberam uma folha de ofício (retangular) e deveriam fazer de conta que a folha era o bolo e tentar repartir o bolo em 18 pedaços, de modo que cada aluno recebesse um pedaço do mesmo tamanho. Essa atividade foi desafiadora; alguns alunos, depois de várias tentativas, conseguiram repartir a folha em 18 pedaços iguais, outros não conseguiram. Antes de repartirem, foram mostradas as diferentes possibilidades e também foi discutida qual se-

ria a melhor maneira de repartir o bolo. Os alunos concluíram que três por seis seria a melhor possibilidade de divisão, considerando o tamanho da forma utilizada.

Outro gênero trabalhado durante o percurso foram os *poemas* (“Alimentação saudável”, de Marta Oliveira (2013); “Carambola”, de Elias José (2006); “Come, come, come tudo”, de Angela Bretas (2013); entre outros), a partir dos quais os alunos realizaram leituras (individual, coletiva e oral), interpretações e análises linguísticas (rimas, aliterações, sons parecidos/sons diferentes, escritas diferentes, etc.). Com essa atividade os alunos vivenciaram um momento lúdico de aprendizagem, que contribuiu também para a fluência na leitura.

A professora realizou, ainda, junto aos alunos, uma pesquisa sobre os alimentos consumidos durante uma semana pelas famílias. Muitos dados foram analisados com a turma: “Como foi a alimentação?”, “Qual a origem dos alimentos consumidos?”, “Quais são mais saudáveis?”. Foi comparado o consumo entre as famílias, considerando o número de pessoas, custo/gasto com a alimentação, o que a família produz e consome, o que compra.

Durante o desenvolvimento da *sequência didática*, a professora utilizou-se de textos informativos sobre o tema, textos com adivinhas e cartas enigmáticas, além do acervo de literatura, que possibilitou diversos momentos de deleite na sala de aula, sem distanciar-se da temática planejada. Ao retomar o planejamento e perceber os avanços que essa proposta possibilitou, em função de ser um planejamento flexível e que aborda diferentes áreas do conhecimento, nos reportamos a Brasil (2012, p. 21):

As práticas interdisciplinares no Ciclo de Alfabetização apresentam-se, ainda na conjun-

tura de escola que hoje temos, como um caminho valioso para que a alfabetização e o letramento possam ser concretizados. Todavia, essas práticas ainda se apresentam como desafios a serem superados, não só pelo professor que atua diretamente com os alunos e é o mediador dessas práticas, mas também pela escola, que ainda articula suas práticas a partir do viés disciplinar, que amolda as disciplinas e também os conteúdos e áreas do conhecimento.

Esse é o sentido da alfabetização: prever atividades que fogem da instrumentalização do sistema de escrita, mas conseguem articular conhecimentos sem dicotomizar os eixos primordiais da Língua Portuguesa, trabalhando-os em relação com a vida, com o mundo.

O trabalho realizado contribuiu para a consolidação da apropriação do Sistema de Escrita Alfabética, contemplando os eixos da Língua Portuguesa *leitura, escrita, análise linguística e oralidade*. Para a consolidação dos eixos da Linguagem Matemática – *números e operações, grandezas e medidas* – foram planejadas atividades relacionadas à prática social, com a contextualização dos produtos consumidos pelas famílias, que oportunizou aos alunos a reflexão sobre os preços dos produtos, suas origens de produção e sua composição.

REFERÊNCIAS

- BERENSTAIN, Stan; BERENSTAIN, Jan. **A família urso comendo bobagens demais**. Tradução Heloisa Jahn. Rio de Janeiro: Sextante, 2011.
- BLUNDELL, Tony. **Cuidado com o menino**. Tradução Ana Maria Machado. São Paulo: Salamandra/FNDE: Alfabetização na Idade Certa, 2013.
- BRASIL. Secretaria de Educação Básica. Diretoria de Apoio à Gestão Educacional. **Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa**: interdisciplinaridade no ciclo de alfabetização. Brasília: MEC/SEB, 2015.
- BRASIL. Secretaria de Educação Básica. Diretoria de Apoio à Gestão Educacional. **Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa**: planejando a alfabetização e dialogando

com diferentes áreas do conhecimento.
Brasília: MEC/SEB, 2012.

BRETAS, Angela. **Come, come, come tudo.**
Disponível em: <<http://www.blocosonline.com.br/literatura/oesia/pinf/pinf0076.htm>>.
Acesso em: 20 ago. 2013.

CAMARGO, Maria Amália; NEVES, André.
Laranja pêra, couve manteiga. São Paulo:
Girafinha, 2006.

CAMARGO, Luís. **Panela de arroz.** Série
Lagarta Pintada. São Paulo: Ática, 1991.

_____. **Bule de café.** Série Lagarta Pintada.
São Paulo: Ática, 1991.

FIUZA, Elza. **A galinha ruiva.** Ilustração
Leninha Lacerda. São Paulo: Moderna, 2006.

FORTI, Mirna. **Salada de frutas.** Ilustrações:
Rogério Borges. São Paulo: Editora do Brasil
S/A, 1991.

GUEDES, Avelino. **O sanduíche da Maricota.**
São Paulo: Moderna, 2002.

JOSÉ, Elias. Carambola. In: **Poesia é fruta
doce e gostosa.** Ilustração Cristina Biazetto.
São Paulo: Moderna, 2006.

MACHADO, Ana Maria. **Camilão, o Comilão.**
Coleção Batutinha. Ilustração Claudio Martins.
São Paulo: Salamandra, 2011.

ORTHOFF, Sylvia. **João Feijão.** Ilustrações
Walter Ono. São Paulo: Ática, 1982.

OLIVEIRA, Marta. **Alimentação Saudável.**
Disponível em: <<http://www.pragentemiuda.org/2007/01/poesias-e-quadrinhas-alimentacao.html>>. Acesso em: 20 ago. 2013.

SALLUT, Elza Cesar. **Pão quente e cenouras
frescas.** Série Lagarta Pintada. São Paulo:
Ática, 1998.

A INTERDISCIPLINARIDADE E OS DIFERENTES GÊNEROS TEXTUAIS

Roseli Chittó¹
Simone Tozzo Bordin²
Joanildes Felipe³

Esse projeto foi realizado com os alunos do 1º ano da EMEB Pequeno Príncipe, da cidade de Xanxerê, Santa Catarina, que compõem duas turmas de 25 alunos cada, totalizando 50 crianças com idades entre seis a oito anos, divididas entre os turnos matutino e vespertino.

O desenvolvimento do trabalho foi desafiador, já que a clientela é composta por alunos de várias unidades, com realidades diferentes. Destacamos a importância de se trabalhar com diferentes *gêneros textuais*, em atividades em que o aluno tenha oportunidade de conhecer, criar, interpretar e interagir com diversas áreas do saber, vivenciando a interdisciplinaridade em sala de aula.

A sequência partiu do livro *Usando as mãos, contando de cinco em cinco*, do autor Michael Dahl (2012). O livro é colorido, atraente e traz sugestões criativas de como usar as mãos, de modo que é possível trabalhar a interdisciplinaridade e também diferentes gêneros textuais. Para tanto, uma cópia do livro foi elaborada pela turma.

Após a exploração do livro pelos alu-



Figura 1 - Algumas imagens do livro confeccionado pelas crianças, com ajuda da professora
Fonte: acervo pessoal da professora

nos, a professora realizou o seguinte questionamento: “O que posso fazer com as mãos?”. A partir das respostas dadas pelas crianças, propôs organizar uma lista de palavras e, mais tarde, a produção de frases com essas palavras.



Figura 2 - Confeção de cartazes da seriação
Fonte: acervo pessoal da professora

Como a lista foi bastante extensa, desafiou os alunos a pesquisarem figuras que representassem essas palavras. Após o recorte das figuras, elas foram espalhadas no chão e juntos os alunos fizeram uma seriação, separando-as em grupos com características afins. *Mãos que se comunicam, mãos que demonstram carinho, mãos que trabalham, mãos que produzem arte e mãos que agredem* (títulos sugeridos pelas professoras).

Questionamos, então, os alunos: “Nossas mãos servem para muitas coisas, quem sabe dizer algo bom que posso fazer com elas? Quem sabe dizer algum gesto desagradável que minhas mãos podem praticar?”. Em seguida, a professora fez a leitura do livro *Dognaldo e sua nova situação*, de Marcia Honora (2008).

Esse livro conta a história de um cão



Figura 3 - *Dognaldo e sua nova situação*:
capa do livro
Fonte: Honora (2008)

que, ao atravessar a rua, é atropelado e passa a andar numa cadeira de rodas. Após a leitura, realizou-se um debate sobre o enredo. Por que o cão foi atropelado? Como devemos atravessar a rua? Os sinais de trânsito são importantes? Como o cão foi recebido pelos amigos quando retornou em uma cadeira de rodas? O cão deixou de fazer o que gostava por que não podia andar? Quem foi o responsável pela sua nova situação? Vocês conhecem alguém na escola ou entre seus amigos que tenha alguma dificuldade como a do cãozinho? Refletindo sobre essas perguntas, os alunos perceberam que somos diferentes e que as atitudes que tomamos podem mudar ou influenciar nossa vida; também perceberam que não podemos desistir de sermos felizes e que, às vezes, precisamos nos adaptar a novas realidades.

¹ Alfabetizadora. Pedagoga e Especialista em Educação Infantil e Séries Iniciais. Professora do município de Xanxerê (SC).

² Orientadora de Estudos. Pedagoga e Especialista em Orientação Educacional, Séries Iniciais, Educação Infantil, Matérias Pedagógicas do 2º Grau, Didática, Estrutura e Psicologia. Professora da rede municipal de Xanxerê (SC).

³ Formadora. Licenciada em Letras, Especialista em Didática e Metodologia de Ensino e Mestre em Ciências da Linguagem. Professora de Educação Básica da Rede Estadual de Educação de Santa Catarina.

Após isso, a professora apresentou um cartaz do alfabeto da língua de sinais Libras e, através de gestos com as mãos, os alunos elaboraram várias palavras que os colegas tinham de interpretar. Nesse momento também foram realizadas várias mímicas de sinais: *negativo, positivo, tchau, não, sim, silêncio, pare*, entre outras, e algumas operações matemáticas envolvendo adição e subtração. A professora chamou a atenção dos alunos para o uso das mãos como meio de comunicação, através da mímica de sinais. Também reforçou sobre a sala de recursos do AEE da Escola e sua importância na inclusão das crianças com deficiências. A professora do AEE e a Orientadora de Estudos contribuíram com os trabalhos realizados.



Figura 4 - Alfabeto de língua de sinais
Fonte: acervo pessoal da professora

Depois, a professora realizou a leitura do livro *Um amor de confusão*, de Dulce Rangel (2008). Ele relata a história de uma galinha que recolhe vários ovos perdi-



Figura 5 - *Um amor de confusão*: capa do livro
Fonte: Rangel (2008)

dos e, adotando-os, choca todos. Quando os ovos começam a quebrar, ela descobre a diversidade de filhotes que recolheu: pato, jacaré, cobra, tartarugas...

A professora, então, questionou seus alunos: “O que temos de semelhante dessa história em nossa sala?”, “Em nossa família, somos todos iguais?”, “Nosso corpo é igual?”. Os alunos expuseram suas opiniões, e a professora desafiou: quem conhece a parlenda da galinha pintadinha? Os alunos foram incentivados a declamar a parlenda, repetir uma sequência numérica – “bota 1, bota 2...”; lembraram, assim, a história do primeiro livro lido, que também continha uma sequência numérica de contagem, de cinco em cinco, e foram convidados a criar novas formas de contagem.



Figura 6 - Cartazes confeccionados pelas crianças com as parlendas
Fonte: acervo pessoal da professora

A professora propôs a eles desenharem suas mãos, determinando a cada grupo uma dada cor para fazer a pintura. Depois de recortados e agrupados, cada qual com a cor de seu grupo, realizou-se a contagem de um em um, dois em dois, três em três, quatro em quatro, cinco em cinco, e essa contagem foi utilizada para organizar a moldura dos cartazes produzidos anteriormente, com figuras sobre as mãos.



Figura 7 - Confeção das molduras dos cartazes
Fonte: Rangel (2008)



Figura 8 - Imagem dos gráficos feitos pelos alunos

Fonte: acervo pessoal da professora

Concluída essa etapa, a professora convidou os alunos a compararem o tamanho de suas mãos, organizou uma reta de ordem crescente para dispor as mãos por tamanho. Comparando o tamanho das mãos, aproveitou para trabalhar alguns conceitos de medição, como *palm*, *polegada* e, de forma introdutória, o *metro* como instrumento padrão de medida.

Os alunos adoraram medir vários objetos na sala, comparando as diferenças. Em conjunto com a professora de Educação Física, realizaram a medida da altura dos colegas, organizando um gráfico em ordem de tamanho crescente.

Aproveitando o tema *folclore*, em parceria com a professora de Educação Física, foram realizadas várias brincadeiras que podemos fazer com as mãos: *passa-anel*, *telefone sem fio*, *adoleta*, *pedra tesoura-papel*, atividades de lateralidade utilizando a música “Mão direita, mão esquerda”, da Xuxa.

Os alunos se divertiram muito, lembrando as brincadeiras do tempo da vovó, cantigas folclóricas, e foram convidados a cantar a parlenda: “Dedo mindinho, seu vizinho, pai de todos, fura bolo, mata piolho”. Nesse momento, então, foi trabalhada a questão do apelido e do nome correto, por meio dos questionamentos: “Qual



Figura 9 - Imagem das atividades na aula de Educação Física, contemplando a interdisciplinaridade
Fonte: Acervo pessoal da professora

a função social do nosso nome? Quem escolhe esse nome para nós? Podemos mudá-lo?”. Então, foi a vez da história *Uma família parecida com a da gente*, de Rosa Amanda Strausz (1996), livro que relata a história de várias formações familiares: pais, mães, filhos, padrasto, madrastra, mãe solteira, etc.



Figura 10 - Capa do livro utilizado
Fonte: Strausz (1996)

Após contar a história, a professora propôs aos alunos que cada um registrasse o desenho de sua família, e depois cada aluno foi convidado a falar sobre seu desenho e relacionar sua família a uma relatada no livro. Além disso, em parceria com a professora de Inglês, os alunos produzi-



Figura 11 - Confeção dos cartazes na aula de Inglês
Fonte: Acervo pessoal da professora

ram uma “mão-fantochê”, com cada dedo representando um membro da família: pai, mãe, filhos. A professora de Inglês aproveitou para registrar algumas palavras em inglês relativas a família: *father, mother, boy*.

Vale registrar que os alunos se entusiasmararam bastante com essa atividade, o trabalho ficou muito bonito. A escola, que nesse ano trabalhou o tema *Família* no Dia da Independência, aproveitou para apresentar esse trabalho durante o desfile cívico.



Figura 12 - Imagem do desfile cívico com a participação de pais e das professoras alfabetizadoras, representando o PNAIC
Fonte: Acervo pessoal da professora

Esse projeto foi muito gratificante e, acima de tudo, importante, pois os alunos realizaram as atividades com entusiasmo, socializando experiências e percebendo a importância do trabalho coletivo. Também tiveram a oportunidade de conhecer diferentes *gêneros textuais*. Estes, além de serem um resgate da cultura, acrescentam a diversidade de textos que circulam socialmente. É importante tomar os gêneros textuais como objeto de ensino e aprendizagem e torná-los o foco central no ensino da língua, pois as práticas de linguagem são mediadas por instrumentos culturais e históricos, e se a escola investir no ensino dos gêneros estará facilitando o uso da língua.

Os alunos compreenderam o uso e a função dos gráficos, a leitura e a escrita em Inglês, as brincadeiras utilizando as mãos nas aulas de Educação Física, as atividades diversas na área da Matemática, sobre contagem e agrupamentos; refletiram sobre os gestos que podemos praticar com as mãos, sobre cuidados no trânsito, sobre as diferenças e o respeito à inclusão; conheceram e praticaram o alfabeto em libras, trabalharam parlendas... Enfim, o projeto envolveu toda a comunidade escolar.

A educação necessita de boas ideias e união para juntos formarmos cidadãos questionadores e conscientes em prol de uma sociedade com mais igualdade. É possível, assim, trabalhar a heterogeneidade e, principalmente, abranger as diversas áreas do saber, contemplando a interdisciplinaridade de modo mais significativo para o aluno, facilitando sua aprendizagem.

REFERÊNCIAS

- BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. Diretoria de Apoio à Gestão Educacional. **Pacto Nacional Pela Alfabetização na Idade Certa**: grandezas e medidas. Caderno 06. Brasília: MEC/SEB, 2014.
- _____. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. Diretoria de Apoio à Gestão Educacional. **Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa**: o trabalho com gêneros textuais na sala de aula. Ano 2. Unidade 05. Brasília: MEC/SEB, 2012.
- _____. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. Diretoria de Apoio à Gestão Educacional. **Pacto Nacional Pela Alfabetização na Idade Certa**: ludicidade na sala de aula. Brasília: MEC/SEB, 2012.
- DAHL, Michael. **Usando as mãos, contando de cinco em cinco**. Ilustrações de Todd Ouren. São Paulo: Hedra, 2012.
- HONORA, Marcia. **Dognaldo e sua nova situação**. Coord. Clécia A. Buchweitz. São Paulo: Ciranda Cultural, 2008.
- RANGEL, Dulce. **Um amor de Confusão**. São Paulo: Moderna, 2008.
- STRAUSZ, Rosa Amanda. **Uma família parecida com a da gente**. Ilustrado por Ivan Zigg. São Paulo: Ática, 1996.

ENTRELAÇANDO SABERES: DIVERSOS CAMINHOS DA APRENDIZAGEM NO DESENVOLVIMENTO DE UMA SEQUÊNCIA DIDÁTICA

Cíntia Franz¹
Veranice Grebin Franke²
Ivana Regina Tedesco Cerutti³

Este trabalho foi aplicado no Núcleo Municipal Deolindo Zílio, pertencente ao município de Seara, em Santa Catarina, escola que atende turmas do 1º ao 9º ano e que conta com 243 matrículas. Essa *sequência* foi planejada para uma turma de 1º ano, composta por 25 alunos, para a qual estava previsto o trabalho com o tema *família*.

Partindo desse tema, e com a preocupação de desenvolver um trabalho lúdico envolvendo diferentes gêneros textuais, surgiu o planejamento da *sequência didática* envolvendo o livro *Era uma vez uma bota* (ZATZ, 2011). Durante o planejamento da professora, tendo essa literatura como base, outros textos e atividades foram sendo envolvidos. Tratando-se de uma turma de alfabetização, portanto a preocupação com os diferentes gêneros e com a produção escrita precisa estar presente o tempo todo, uma vez que são eixos necessários e balizares na alfabetização. Brasil (2012, p. 31) afirma o compromisso da educação em relação a esses eixos, que são direitos de aprendizagens:

São descritos direitos de aprendizagem gerais, que permeiam toda a ação pedagógica e depois são expostos quadros com conhecimentos e capacidades específicos organizados por eixo de ensino da Língua Portuguesa: Leitura, Produção de textos Escritos, Oralidade, Análise Linguística.

É nessa perspectiva que as crianças têm a liberdade de expressar-se e pôr em prática os conhecimentos desenvolvidos no processo de alfabetização, envolvendo diversos componentes curriculares. Durante o ano, as escolas receberam uma

série de materiais, dicionários, jogos e livros de literatura. O material é de excelente qualidade, e para esta atividade foi escolhido o livro *Era uma vez uma bota*, de Graça Abreu e Lia Zatz, que faz parte do acervo do 1º ano. Essa sequência de atividades foi planejada tendo em vista o que preconizam os estudos sobre alfabetização voltados ao *letramento*. Segundo Brasil (2012, p. 19),

[...] trabalho pedagógico precisa envolver um conjunto de procedimentos que, intencionalmente, devem ser planejados para serem executados durante certo período de tempo, tomando como referência as práticas sociais/culturais dos sujeitos envolvidos, suas experiências e conhecimentos.

Assim, a professora iniciou seu planejamento utilizando-se do mencionado livro intitulado *Era uma vez uma bota*, que conta a história de um pé de bota perdido que ganha uma utilidade inusitada ao abrigar uma família de ratinhos. Algumas palavras foram trocadas por desenhos, criando-se um jogo que levou os pequenos leitores a interpretar tanto texto quanto imagens. Esse livro traz uma narrativa muito interessante, é escrito em



Figura 1 - *Era uma vez uma bota*: capa do livro
Fonte: Zatz (2012)

forma de carta enigmática, e o texto remete um pouco aos clássicos da literatura que se iniciam com “Era uma vez” e terminam com um “final feliz”.

A primeira atividade foi a antecipação de sentidos, por meio da apresentação do livro para as crianças, explorando a capa, deixando-as observar a ilustração e o título, com questionamentos do tipo: “Quem são os personagens que aparecem na capa?”, “Quem é esse grupo? Quantos são?”. A professora questionou os alunos sobre outras histórias que conhecem e que começam assim, e foi listando no quadro o título das histórias conhecidas. Na sequência, a turma conversou sobre o personagem *rato*, relacionando a outras histórias conhecidas em que esse animal aparece como personagem; falaram sobre onde vivem os ratos, como eles são vistos pelas pessoas, etc.

Depois de deixar as crianças interagirem com o texto, foi explorada a forma como ele está escrito, a fim de questionar se os alunos já viram outros textos parecidos com aquele. Então, foi a vez explorar as marcas linguísticas e interacionais desse gênero; as crianças falaram à vontade e a professora pôde perceber os conhecimentos que a turma tinha sobre esse gênero.

¹ Formadora, Polo 3. Mestranda do PROFLETRAS da UFSC, Licenciada em Letras e Especialista em Práticas Pedagógicas Interdisciplinares. Professora de Língua Portuguesa da rede pública municipal de Rio do Sul-SC.

² Orientadora de Estudos. Pedagoga com habilitação em séries iniciais, Licenciada em Letras Portuguesas e Italiano e Especialista em Língua Portuguesa e suas Literaturas. Professora efetiva na rede municipal de ensino de Seara (SC).

³ Professora Alfabetizadora. Pedagoga habilitada em Séries Iniciais e Orientação Educacional e Especialista em Educação Infantil. Professora efetiva da rede municipal de ensino de Seara (SC).



Figura 2 - Alfabetizadora fazendo a antecipação de sentidos e explorando o gênero *carta enigmática*
Fonte: acervo pessoal da professora

Em seguida, fez-se a leitura do livro com eles, projetando-o no telão; nesse momento, as crianças puderam ajudar a interpretar as figuras da carta enigmática. Ao final da leitura, a professora questionou sobre o que lhes chamou atenção no texto, se ao observar o título alguém imaginou que a bota viraria uma casa, etc. Outro fato observado, na história, foi o da família ter perdido diversas casas. Partindo disso, conversaram sobre os diferentes tipos de moradias, e ao concluir essa exploração refletiram sobre a atitude da pastora no final da história.

Na sequência, foi apresentada às crianças outra história em forma de carta enigmática, a história do *Patinho feio*. Fez-se a leitura com elas e uma atividade de completar as lacunas do texto com as palavras no lugar das figuras, com o objetivo de que se familiarizassem mais com o gênero. O texto foi explorado, gerando reflexão sobre a rejeição, o belo e o feio, a família. Outra atividade foi a de observar e analisar semelhanças e diferenças entre os dois textos apresentados. Nos dois textos, o tema *família* estava presente. Então, a professora conversou com as crianças sobre as famílias e sobre atividades que costumam fazer juntas. Depois, cada criança escreveu uma lista dessas atividades e ilustrou.

Em outro momento, cada um fez a leitura de sua lista, e todas foram expostas no mural da sala. Nas listas, apareceram os

momentos de refeição, brincadeiras, as conversas, as idas ao supermercado, algumas broncas, passeios e as visitas a casas de parentes e amigos. As crianças foram bem criativas. Partindo das listas, foi apresentada às crianças outra atividade: a pesquisa sobre as lembranças de suas famílias.

Escolha um de seus familiares e peça que ele fale um pouco sobre a história de sua família. Utilize o roteiro abaixo para essa entrevista. Registre as informações:

- Nome:
- Grau de parentesco:
- Ano de nascimento:
- Sobrenome da família:
- Você sabe a origem desse nome:
- Há quanto tempo a família vive nessa região:
- Há integrantes da família morando em outras localidades:
- Nome, grau de parentesco e idade do parente mais velho:
- Nome, grau de parentesco e idade do parente mais novo:

Figura 3 - Entrevista realizada com a família
Fonte: acervo pessoal da professora

Como dito, nas listas dos alunos estavam presentes as visitas a casas de parentes e amigos, e essas visitas geralmente são contempladas com algum momento envolvendo comida e receitas compartilhadas. Assim, foi proposta à turma uma atividade de pesquisa com familiares envolvendo o gênero *receita*, que foi muito interessante, pois cada um leu para a turma a receita pesquisada.

Depois das leituras, foi selecionada uma das receitas para que fosse produzida. A vencedora foi a receita do Bolo de Cenoura. Os ingredientes foram divididos entre as crianças, que foram até a cozinha da escola “colocar a mão na massa”.



Figura 4 - Preparando os ingredientes para a receita
Fonte: acervo pessoal da professora

Essa atividade contou com a mediação da professora e a participação de todos.

Com essa atividade, a professora explorou as medidas dos ingredientes de acordo com a quantidade de alunos, bem como o tempo de preparo. Depois de pronto, era hora de trabalhar a divisão e degustar o delicioso bolo de cenoura.



Figura 5 - Degustando a receita
Fonte: acervo pessoal da professora



Figura 6 - Registrando a receita no caderno
Fonte: acervo pessoal da professora

Com a atividade das receitas, muitas crianças trouxeram receitas pesquisadas com as avós, o que foi importante, pois a atividade foi planejada com o intuito de levar para a sala de aula a música “Na casa da Vovó Bisa”, de Gabriel o Pensador. Primeiro os alunos ouviram a música, depois leram e brincaram com as palavras, até que a professora propôs uma atividade de dramatização da música para apresentar no dia da Mostra do Conhecimento na escola. A atividade pode ser considerada muito interessante do ponto de vista didático-pedagógico, já que as crianças se envolveram e, em pouco tempo,



Figura 7 - Montando e jogando o jogo
Ciranda das Brincadeiras
Fonte: acervo pessoal da professora

sabiam toda a letra da música na ponta da língua. Na lista das atividades que as crianças fazem em família, apareceram também as brincadeiras. E, por falar em brincadeiras, a professora montou com as crianças o jogo No Jardim das Brincadeiras. Primeiramente, a turma organizou uma lista das suas brincadeiras preferidas. Destas, selecionaram 12 brincadeiras para fazer parte do jogo e representaram-nas por meio de desenhos em retângulos, para montar o tabuleiro do jogo. Depois, em grupos, montaram os demais elementos que fazem parte do jogo, explorando vários conceitos matemáticos: *medidas, formas geométricas, cores, quantidades*.

Podemos afirmar, ao final da realização desse planejamento, observados o ritmo de cada um, os avanços individuais e a interação gerada, que foi uma proposta válida. Concordamos, assim, com Kleiman (2005, p. 33), que se posiciona perante as práticas pedagógicas voltadas ao letramento:

As práticas de letramento fora da escola têm objetivos sociais relevantes para os participantes da situação. As práticas de letramento escolares visam ao desenvolvimento de habilidades e competências no aluno e isso pode, ou não, ser relevante para o estudante. Essa diferença afeta a relação com a língua escrita e é uma das razões pelas quais a língua escrita é uma das barreiras mais difíceis de serem transpostas por pessoas que vêm de comunidades em que a escrita é pouco ou nada usada.

Evidenciamos que, no desenvolvimento desta *sequência didática*, o envolvimento das crianças com as atividades proporcionou excelentes situações de aprendizagem. As crianças foram desafiadas a colocar em prática vivências cotidianas relacionadas ao tema *família*. Além disso, as atividades propostas envolveram diferentes gêneros textuais e contemplaram os eixos da Língua Portuguesa, com atividades de *oralidade, escrita, de análise linguística e leitura*.

A avaliação foi sendo desenvolvida durante as atividades e, a partir da observação dos relatos e registros das crianças, novas ações de intervenção podem ser planejadas para que haja avanços na aprendizagem das crianças. Sabemos que todo planejamento pode e deve sofrer alterações conforme seu desenvolvimento, e com este não foi diferente. Assim, se pudessemos voltar, com certeza muitas ações seriam modificadas de modo a contribuir ainda mais com a aprendizagem dos alunos.

REFERÊNCIAS

- BRASIL. Secretaria de Educação Básica. Diretoria de Apoio à Gestão Educacional. **Pacto nacional pela alfabetização na idade certa**: Planejamento escolar: alfabetização e ensino da Língua Portuguesa. Brasília: MEC, SEB, 2012.
- _____. Secretaria de Educação Básica. Diretoria de Apoio à Gestão Educacional. **Pacto nacional pela alfabetização na idade certa**: currículo na alfabetização: concepções e princípios. Brasília: MEC/SEB, 2012.

KLEIMAN, Ângela B. **Preciso “ensinar” o letramento? Não basta ensinar a ler e a escrever?** Campinas: MEC; CEFIEL/IEL/UNICAMP, 2005.

ZATZ, Lia; ABREU, Graça. **Era uma vez uma bota**. São Paulo: Biruta, 2011.

PROJETO DIDÁTICO “APRENDENDO COM LITERATURA”

Cleidiana Watte¹
Maira Gledi Freitas Kelling Machado²

O projeto de aprendizagem que vamos aqui apresentar foi desenvolvido ao longo de duas semanas, com 22 crianças do 1º ano do Centro Municipal de Educação Infantil e Fundamental (CMEIF), no município de Anchieta, em Santa Catarina, no ano de 2013. Com ele, exploramos conteúdos e informações contidas na obra *Que delícia de bolo!*, de Elza Calixto e Sílvia Calixto (2013).

Inicialmente, realizamos a leitura da obra para as crianças observando as informações e características da capa e contracapa. Em seguida, interpretamos oralmente o texto visando atender ao objetivo de aprendizagem específico do eixo *leitura*: compreender textos lidos por outras pessoas, de diferentes gêneros e com diferentes propósitos. Também salientamos oralmente as características do gênero *receita*, destacando aspectos como a forma de organização do texto, a linguagem usada, a função e as partes do texto. As crianças identificaram e coloriram as diferentes partes do texto e criaram uma le-



Figura 1 - Identificação e pintura das diferentes partes do texto: compreensão de cada parte
Fonte: acervo pessoal da professora

genda. Na perspectiva de priorizar os eixos de *escrita* e *análise linguística*, listamos os ingredientes da receita com ilustrações e trabalhamos os sons das letras que formavam as palavras.

Na turma, existiam níveis de aprendizagem diversos e a heterogeneidade era marcante. Assim, fez-se necessário organizarmos atividades diversificadas sobre a obra para atender a essa heterogeneidade. Uma das crianças apresentava-se no nível pré-silábico da escrita, então pintou as letras inicial e final dos nomes dos ingredientes e ilustrou. Também envolvemos atividades que permitissem explorar a grafia e o som de cada letra. Para quatro crianças que se encontravam no nível silábico, solicitamos que pintassem de cores diferentes cada sílaba das palavras, visto que elas acreditavam ser necessária apenas uma letra para representar cada sílaba; então, elas foram percebendo as diferentes composições silábicas. As demais crianças, que totalizavam dezessete, estavam já no nível alfabético da escrita, então elaboraram frases com base nas palavras dos ingredientes da receita.

Na perspectiva de ampliar os conhecimentos das crianças sobre os ingredientes da receita apresentada no livro, organizamo-las em grupos. Cada grupo pesquisou, no laboratório de informática da escola, sobre um dos ingredientes da receita. Solicitamos que os grupos sistematizassem, em cartazes escritos e ilustrados, o percurso do ingrediente desde a produção ou extração da natureza até sua chegada ao consumidor. Os ingredientes pes-

quisados foram: leite, óleo, ovos, farinha de trigo, chocolate e açúcar.

Em seguida, as crianças socializaram os cartazes produzidos, objetivando que participassem de interações orais, questionando, sugerindo, argumentando e respeitando os turnos de fala, conforme direito de aprendizagem do eixo *oralidade*. Após as apresentações, solicitamos que cada dupla ou trio elaborasse frases sobre o que pesquisaram e que registrassem no caderno.



Figura 2 - Produção de cartazes sobre os ingredientes do bolo
Fonte: acervo pessoal da professora

¹ Professora Alfabetizadora e Orientadora de Estudos, Polo 3. Licenciada em Pedagogia e Especialista em Educação Infantil e Anos Iniciais. Atua na escola Centro Municipal de Educação Infantil e Fundamental CMEIF, em Anchieta (SC).

² Formadora de Linguagem, Polo 3. Pedagoga e Mestre em Educação. Professora de Estágio Curricular Supervisionado do curso de Pedagogia da Universidade do Estado de Santa Catarina (CEAD/UDESC).



Figura 3 - Registro sobre o conceito de fermento
Fonte: acervo pessoal da professora

Como o fermento é um produto químico e a linguagem dessa área é bastante abstrata para crianças nessa faixa etária, realizamos com antecedência uma pesquisa, a fim de explorar esse ingrediente específico da receita. Organizamos uma apresentação em *Power Point* sobre o fermento e tivemos o cuidado de adequar a linguagem para que se tornasse mais acessível às crianças. Durante a exposição dos *slides*, solicitamos que elas anotassem individualmente o que entenderam sobre a explanação. Depois, elas leram para os colegas o que produziram, e em seguida criamos um texto coletivo sobre as informações mais importantes.

A atividade que se seguiu teve como base o estudo do rótulo do fermento (havíamos solicitado anteriormente que as crianças levassem um rótulo de fermento). Realizamos leitura silenciosa e individual dos rótulos. Observamos e analisamos as diferentes informações contidas neles, listamos as informações comuns aos rótulos. Em seguida, realizamos uma experiência



Figura 4 - Observação da reação química ocorrida na experiência com fermento
Fonte: acervo pessoal da professora

sobre o fermento, sugerida no livro. Separamos os ingredientes e objetos necessários para realizar a experiência, medimos as quantidades de cada ingrediente, seguimos os passos descritos na literatura e contemplamos a reação química ocorrida.

Escrevemos coletivamente, então, um texto instrucional sobre a experiência. No decorrer da produção, salientávamos as características do gênero textual, visando atender ao objetivo de aprendizagem referente à produção de textos de diferentes gêneros, atendendo a diferentes finalidades, por meio da atividade de um escriba. As crianças registraram no caderno o texto produzido. Destacamos no texto a palavra “fermento” e elas separaram as sílabas da palavra e depois, individualmente, montaram novas palavras a partir das sílabas.

Enquanto as demais crianças montavam suas palavras, sentamos com a crian-



Figura 5 - Ilustração das quantidades da receita
Fonte: acervo pessoal da professora

ça que se encontrava no nível pré-silábico de escrita, para auxiliá-la na montagem das suas palavras utilizando o alfabeto móvel. Na sequência da atividade, cada aluno leu para os colegas as palavras que formou. Em seguida, entregamos a todos uma receita de bolo de milho, por considerá-la mais saudável do que a receita utilizada no livro. As crianças realizaram a leitura individual e coletiva da nova receita e ilustraram as quantidades dos ingredientes na receita.

Para que compreendessem como ocorre a transformação de um alimento natural – o milho – em um alimento industrializado – a farinha –, realizamos uma visita a um moinho do município para observar o processo. O moinho foi criado e é mantido por uma associação de pequenos agricultores de orgânicos do município e se localiza no campo. Lá observamos todo o processo, desde a seleção dos grãos, a moagem, a trituração e o empacotamento do produto. Ao final, compramos farinha de milho no moinho para fazer uma receita de bolo de milho.



Figura 6 - Visita ao moinho para conhecer o processo de produção da farinha de milho
Fonte: acervo pessoal da professora

De volta à escola, as crianças ilustraram o passeio e produziram coletivamente um pequeno texto sobre as etapas de produção da farinha de milho. Em seguida, elas mediram e misturaram os ingredientes, confeitamos, assamos e degustamos o bolo. Registramos também o modo de fazer, sempre observando as características do texto instrucional.

Durante a criação da receita, fomos chamando a atenção das crianças para as me-



Figura 7 - Ilustração de conjuntos de ingredientes que compramos em kg, L e dúzia
Fonte: acervo pessoal da professora

didadas dos ingredientes, para que percebessem e compreendessem a diversidade de grandezas e suas respectivas medidas, eixo de aprendizagem da disciplina de Matemática. Após degustar o bolo, classificamos por conjuntos os ingredientes da receita que compramos: em litro e mililitro, quilograma e grama, dúzia e meia dúzia. Essa atividade permitiu que os alunos percebessem as diferenças com relação às medidas, como utilizar os instrumentos de medida apropriados às grandezas em estudo, o processo de medição e as características do instrumento escolhido.

Também criamos situações-problema a partir da receita, sobre o dobro e o triplo das quantidades dos ingredientes. As situações-problema do campo multiplicativo foram resolvidas coletivamente, na perspectiva de que as crianças interpretassem



Figura 8 - Atividade sobre sistema monetário: valores dos ingredientes do bolo de milho
Fonte: acervo pessoal da professora

e resolvessem utilizando e comunicando suas estratégias pessoais, envolvendo os seus diferentes significados.

Finalizamos a *sequência didática* listando os valores dos ingredientes da receita, para abordarmos o sistema monetário por meio de situações-problema de adição e subtração. Em seguida, escrevemos por extenso os valores calculados.

Além de atender a alguns objetivos de aprendizagem em eixos específicos da linguagem e da matemática, o projeto didático desenvolvido oportunizou diferentes momentos de aprendizagem, nos quais ocorreu a socialização, a pesquisa, a aproximação da realidade concreta vivenciada pelas crianças e de seus conhecimentos cotidianos com os conceitos científicos. As atividades tornaram-se prazerosas porque estabeleciam relação entre a teoria e a prática. O passeio de estudos e a vivência da experiência com o ingrediente fermento despertou mais interesse das crianças, permitindo que se envolvessem mais atentamente nas atividades propostas.

A reconstrução de conhecimentos não ocorreu apenas pelas crianças, mas também em nossa atuação docente, pois algumas temáticas estudadas nas formações do Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa (PNAIC) nos desafiaram a estabelecer relação entre teoria e prática. Assim, tornaram-se perceptíveis os limites e as possibilidades da formação inicial e continuada dos professores, que nem sempre ocorre de maneira significativa. Os compromissos assumidos durante a formação do PNAIC, assim como as exigências de práticas pedagógicas mais significativas, contextualizadas e comprometidas com a aprendizagem das crianças, foram aspectos marcantes em nossa atuação em sala de aula. O desenvolvimento das atividades nos desafiou a pensar, organizar e planejar com maior cui-

dado e clareza os rumos, os trajetos a serem seguidos para alcançar objetivos referentes à alfabetização das crianças e, ao mesmo tempo, priorizar conteúdos mínimos obrigatórios da grade curricular.

Fica o desafio de dar continuidade à prática reflexiva sobre o fazer educativo, pautada na percepção de que somos “alfabetizadores incompletos” e que, portanto, necessitamos de aperfeiçoamento permanente. Dessa forma, é possível melhorar a qualidade dos processos de ensino e de aprendizagem e os aspectos relacionados à alfabetização e ao letramento das crianças.

REFERÊNCIAS

- BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa**: currículo na alfabetização, concepções e princípios. Unidade 1, Ano 1. Brasília: MEC/SEB, 2012.
- BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa**: ludicidade na sala de aula. Unidade 4, Ano 1. Brasília: MEC/SEB, 2012.
- CALIXTO, Elza; CALIXTO, Sílvia. **Que delícia de bolo!** Belo Horizonte, MG: Dimensão, 2013.

INTERAGINDO COM ANGELA LAGO E ZOÉ RIOS

Etenir de Cássia Suppi Goulart¹
Joanildes Felipe²

A sequência didática intitulada *Interagindo com Angela Lago e Zoé Rios* foi desenvolvida com 15 crianças do 3º ano, da sala de apoio pedagógico, por cinco aulas, na Escola Básica Municipal Santa Maria Goretti, em São Lourenço do Oeste, Santa Catarina.

As atividades foram realizadas visando os direitos de aprendizagem previstos no Caderno de Linguagem do PNAIC, Ano 1, Unidade 1, de 2012, sendo eles:

Planejar a escrita de textos considerando o contexto de produção, organizar roteiros, planos gerais para atender a diferentes finalidades, com autonomia; participar de interações orais em sala de aula, questionando, sugerindo, argumentando e respeitando os turnos de fala; conhecer e fazer usos de palavras com correspondências irregulares, mas de uso frequente; saber usar o dicionário, compreendendo sua função e organização; ler, ajustando a pauta sonora ao escrito; utilizar diferentes estratégias para quantificar, comparar e comunicar quantidades de elementos de uma coleção, nas brincadeiras e em situações nas quais as crianças reconheçam sua necessidade; pontuar o texto; e resolver e elaborar problemas de divisão em linguagem verbal (com o suporte de imagens ou materiais de manipulação), envolvendo as ideias de repartir uma coleção em partes iguais e a determinação de quantas vezes uma quantidade cabe em outra.



Figura 1 - Capa do livro utilizado
Fonte: geração do Professor (2013)

A realização dessa sequência didática foi muito significativa. Exploramos o acer-vo das obras complementares e lançamos mão do livro *Achei*, de Angela Lago e Zoé Rios, a fim de subsidiar o projeto. Conseguimos enfatizar, nas atividades, o sistema de escrita alfabética, a produção textual, a leitura, a oralidade, as ideias de juntar, separar e comparar e noções de multiplicação e divisão, dentro dos componentes curriculares da Língua Portuguesa e da Matemática.

Levamos à escola uma caixa enfeitada e iniciamos as atividades, discutindo com as crianças sobre o que elas achavam que havia dentro da caixa. Elas fizeram algumas perguntas e respondemos apenas 'sim' ou 'não', de acordo com acertos e erros. Quando as crianças adivinharam o que havia dentro da caixa, lhes apresentamos o livro. Questionamos sobre quem havia escrito o livro, se era um autor ou uma autora; qual a sua edição e editora; em que ano foi lançado; a que o título *Achei* se referiria; qual seria o seu tema; se teria, na história, animais, plantas e ilustrações; se haveria rimas etc. As respostas foram bem variadas.

Após essa exploração, lemos o livro, mostrando as ilustrações, de modo que as crianças pudessem refletir e fazer inferências sobre o livro. Mostramos o livro em slides, a fim de oportunizar a leitura para crianças e a visualização do texto no mesmo momento. Cada criança leu uma página, e, posteriormente, fizemos uma leitura coletiva. Após as leituras, entregamos a cada criança uma cópia do livro *Achei*.



Figura 2 - Atividades em textos impressos
Fonte: geração do Professor (2013)

Pedimos que elas, em duplas, circulassem palavras escondidas dentro das palavras, pintassem as rimas, sublinhassem, com um traço, as frases afirmativas, com dois traços, as frases interrogativas e, três traços, as frases exclamativas.

Em seguida, fizemos uma reflexão sobre as ideias e as palavras que as autoras expuseram no decorrer do livro, tais como as rimas, olho/piolho, lombriga/briga.

Além dessa atividade, as crianças elencaram, também, as palavras que elas não conheciam e, em seguida, procuraram no dicionário, copiando seus significados e socializando com o grupo.

Em outro momento, entregamos, às crianças, fichas com palavras para que elas encontrassem palavras escondidas: camaleão; girafa; cobra; dromedário; pernilongo; jabuticabeira; esquilo; tartaruga; criança; baleia.

¹ Orientadora de Estudos. Licenciada em Pedagogia e Especialista em Séries Iniciais. Professora da Rede Municipal.

² Formadora. Licenciada em Letras, Especialista em Didática e Metodologia do Ensino e Mestre em Ciências da Linguagem. Professora da Educação Básica na Rede Estadual de Ensino.



Figura 3 - Construção de rimas com novas palavras
Fonte: geração do Professor (2013)

Após essa atividade, as crianças, em duplas, escolheram duas palavras e construíram novas ideias, através da escrita e da ilustração, embasadas no estilo de escrita das autoras. Deixamos algumas imagens em tela para que as crianças tivessem mais elementos para as produções.



Figura 4 - Figuras utilizadas na atividade
Fonte: Imagem disponível na Web (Portal Google Imagens)

As crianças brincaram de inventar novas rimas no quadro, como, por exemplo: *Eu sou o rei da pulga e você é o rei da bula. Eu sou o rei da porta e você da torta.*

Para o trabalho com a Matemática, em sala de aula, propomos que as crianças pensassem, através de diálogos, sobre o número de alunos na turma; o número de duplas formadas com o total de crianças; o total de trabalhos produzidos em duplas; o total de atividades feitas individualmente; qual a diferença existente entre em fazer o trabalho em duplas, no coletivo e sozinho. Realizadas essas reflexões, oralmente, as crianças construíram situações matemáticas com as informações levantadas; após, por meio da escrita e de desenhos, as crianças registraram suas produções e resolveram situações-problema.



Figura 5 - Construções de escrita no quadro branco
Fonte: geração do Professor (2013)

Finalizando a *seqüência didática*, cada criança construiu um texto, relatando a experiência adquirida no trabalho. Em seguida, elas socializaram suas produções. Durante o trabalho realizado, conseguimos perceber o quanto cada criança avançou em relação ao conhecimento sobre o *sistema de escrita alfabética*, a *leitura* e a *escrita convencional*. Ao longo da *seqüência*, durante as atividades de leitura e de escrita, investigamos o desenvolvimento do comportamento *leitor* e *escritor*. Foi, também, expressiva a compreensão nas atividades que contemplaram a *adição*, a *multiplicação* e a *divisão*.

Ler, escrever, produzir, falar e calcular são habilidades que se desenvolvem nas crianças a partir da mediação de um interlocutor mais experiente. O papel da escola é imprescindível nessa formação, oportunizando às crianças a reflexão. Cabe ressaltar que, para que as crianças estejam alfabetizadas aos oitos de idade, é necessário promover o ensino do siste-



Figura 6 - Construção e resoluções de situação problema
Fonte: geração do Professor (2013)

ma de escrita desde o primeiro ano do Ensino Fundamental, sendo consolidado nos anos seguintes. A criança deve desenvolver a habilidade de uso do SEA, em diversas situações comunicativas.

Levar à sala de aula as ideias de Angela e Zoé fez com que as crianças acreditassem em suas potencialidades. Alguns alunos expuseram sua vontade de ser escritores, assim como Angela e Zoé.

REFERÊNCIAS

- BRASIL. Secretaria de Educação Básica. Diretoria de Apoio à Gestão Educacional. **Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa**: currículo na alfabetização: concepções e princípios: ano 1 : unidade 1 / Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, Diretoria de Apoio à Gestão Educacional. Brasília: MEC, SEB, 2012.
- _____. **Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa**: ludicidade na sala de aula. Ano 1: unidade 4 / Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, Diretoria de Apoio à Gestão Educacional. Brasília: MEC, SEB, 2012.
- RIOS, Zoé; LAGO, Angela. **Achei**. Belo Horizonte: Editora RHJ, 2011.
- Pensamento verde**. Disponível em: <<http://www.pensamentoverde.com.br/meio-ambiente/caca-baleias-desequilíbrio-ambiental>>. Acesso em: 3 jul. 2013.
- Mosquito**. Disponível em: <<http://en.wikipedia.org/wiki/mosquito>>. Acesso em: 3 jul. 2013.
- Cultura Mix**. Disponível em: <<http://www.culturamix.com/animais/esquilo-educado/>>. Acesso em: 3 jul. 2013.
- Marrocos**. Disponível em: <<http://www.marrocos.com/generalidades/camelos-dromedarios/>>. Acesso em: 3 jul. 2013.
- Escola kids**. Disponível em: <<http://escolakids.uol.com.br/cobra-coral-verdadeira-e-falsa-coral.htm>>. Acesso em: 3 jul. 2013.
- Pet Lovers**. Disponível em: <<http://petshoplovers.com/diferencas-e-esemelhanças-entre-iguana-e-camaleão>>. Acesso em: 3 jul. 2013.
- Tartaruga de esporas africana**. Disponível em: <<http://www.tatarugas.avph.com.br/tartarugadeesporasaficana.php>>. Acesso em: 3 jul. 2013.
- Natureza Bela Vida**. Disponível em: <<http://www.naturezabelavida.com.br/categoria/fotos>>. Acesso em: 3 jul. 2013.

GASTRONOMIA AÇORIANA NAS PRÁTICAS ESCOLARES

Tânia Pittarello¹
Sarita de Sant'Anna Leandro²
Gracielle Böing Lyra³
Jussara Brigo⁴

As atividades que serão relatadas foram realizadas pela professora alfabetizadora Tânia Pittarello, na Escola Básica Municipal Edith Willecke, na cidade de Bombinhas/SC, sob o acompanhamento da Orientadora de estudos do Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa, Sarita de Sant'Anna Leandro.

A *sequência didática* foi realizada com duas turmas de 2º ano, totalizando 42 alunos. Nosso objetivo era vivenciar e resgatar a cultura do município de Bombinhas, abordando o tema da Gastronomia Açoriana. Os objetivos específicos que permearam nossa prática foram: (i) identificar unidades de tempo; (ii) utilizar calendários; (iii) construir a noção de ciclos por meio de períodos de tempo definidos através de unidades – horas, semanas e meses; (iv) compreender a diversidade de grandezas e suas respectivas medidas nas receitas.

No ano de 2014, durante a formação do PNAIC, as professoras alfabetizadoras foram desafiadas a elaborar uma *sequência didática* que contemplasse os conhecimentos da Matemática, tomando-os sob a perspectiva do letramento, levando em conta os conceitos discutidos nas formações sobre o diálogo da Matemática com outras áreas do conhecimento. Assim, buscou-se conceber a disciplina de Matemática na perspectiva do Letramento, situando seu uso.

Sendo assim, este relato permite a reflexão sobre as possibilidades vivenciadas por um grupo de crianças na construção do conhecimento matemático, nas salas

de alfabetização, concebendo as práticas sociais de uma comunidade açoriana do litoral catarinense.

A *sequência didática* proposta teve início com um diálogo da professora com seus alunos – descrito a seguir –, no qual ela sugeriu uma visita a uma pessoa, natural do município, que falaria sobre a culinária de origem açoriana. O aluno Artur propôs que a visita fosse a sua bisavó, alegando que ela ajudaria na realização dessa atividade, uma vez que atendia os critérios mencionados. Outros alunos, entretanto, também citaram algumas pessoas de seu convívio que poderiam nos ajudar a ampliar os conhecimentos acerca dessa temática. Decidimos, assim, fazer outras visitas, mas respeitando o limite do bairro em que a nossa escola fica.

A seguir, descrevemos o diálogo entre a professora alfabetizadora e as crianças enquanto planejavam a saída de campo:

Professora: Onde vocês acham que poderíamos ir para conhecer a Gastronomia Açoriana?

A1: Em um restaurante!

A2: Poderíamos ver um vídeo, que fala da comida!

Artur: Pode ser na casa da bisa, ela faz comida diferente!

Professora: Quem é sua bisa?

Artur: É a vó Dete, ela mora em Zimbros.

A4: Eu conheço ela!

A5: Eu também! Ela tem fogão à lenha!

Professora: Então, o que acham de tentarmos falar com ela e irmos visitá-

la?

Artur: Eu falo! Ela vai gostar! Ela sabe contar um monte de coisas.

Professora: Mas o que vamos perguntar a ela?

A6: Como ela faz comida.

A4: Não! Se ela sabe fazer comida dos Açores!

Artur: Isso! Eu acho que ela sabe!

Dona Odete Maria da Silva, a vó Dete, tem 78 anos e reside no bairro de Zimbros, em Bombinhas, desde seu nascimento. É uma senhora conhecida na comunidade por preservar as tradições da culinária açoriana, tais como o pirão com peixe, a farofa de amendoim, o colorau, o arroz-doce e o bolo assado na folha de bananeira.

Depois do diálogo, iniciamos o planejamento da saída de campo e das visitas, conversamos e registramos em nossos cadernos o que gostaríamos de aprender nesses dois momentos. Decidimos comunicar aos pais dos alunos a intenção de sairmos da escola para visitar essas pessoas e, na sequência, entramos em contato com a dona Odete a fim de marcarmos o melhor

¹ Professora alfabetizadora. Licenciada em Pedagogia. Professora na cidade de Bombinhas/SC.

² Orientadora de estudos. Licenciada em Pedagogia, Especialista em Gestão, Supervisão, Orientação e Interdisciplinaridade na Educação Básica e em Educação Especial. Atua na E.B.M. Manoel José da Silva, Bombinhas/SC.

³ Formadora. Licenciada em Pedagogia, Especialista em Educação Infantil e Séries Iniciais e Mestre em Educação pela Universidade Regional de Blumenau (FURB). Docente da Universidade do Vale do Itajaí (UNIVALI).

⁴ Formadora. Licenciada em Matemática Aplicada e Computacional, Mestre em Educação Científica e Tecnológica e Doutoranda em Educação Científica e Tecnológica (UFSC). Professora substituta no CEAD/UDESC e Assessora Pedagógica da Rede Municipal de Ensino de Florianópolis.

dia e horário para realizarmos a visita. O evento foi registrado no calendário da sala de aula. Marcamos em nosso calendário a data da visita e, assim, discutimos com os alunos a noção de períodos de tempo como dias, semanas, quinzenas, meses e ano.

No dia da visita, fomos recepcionados com muita alegria pela dona Odete que, inicialmente, contou aos alunos algumas das recordações de quando era criança e de como sua mãe lhe ensinou a cozinhar. Após contar às crianças um pouco de sua história de vida, ela nos ensinou duas receitas de origem açoriana: o arroz-doce e o bolo assado na folha de bananeira. Ela listou, oralmente, os ingredientes necessários para as duas receitas e, no processo de confecção, nos mostrou as quantidades dos ingredientes. Os alunos anotaram, em seus cadernos, os ingredientes e suas respectivas quantidades, assim como o modo de preparo das receitas. Em determinados momentos, eles questionaram sobre as quantidades utilizadas.



Figura 1 - Visita à casa da vó Detete
Fonte: acervo pessoal da professora



Figura 2 - O registro das receitas
Fonte: acervo pessoal da professora

Cabe ressaltar a introdução dos conceitos matemáticos no momento em que a dona Odete preparava as receitas. As crianças vivenciaram uma prática que explorou os conceitos de quantidade, de número, de capacidade e de tempo, sendo que cada receita possuía suas próprias características, com ingredientes, quantidades e tempo de preparo específicos.

As imagens a seguir retratam o momento da visita, na qual foram proporcionadas às crianças vivências significativas de situações reais do contexto social no qual se inserem.

Após o preparo, aconteceu a degustação dos alimentos preparados, o que julgamos ter sido um momento de grande felicidade para os alunos e também para a dona Odete.

Durante a refeição, vó Detete contou algumas experiências de sua vida, dentre elas sobre como aprendeu a cozinhar, afirmando que, como em seu tempo de infância e juventude não havia caderno de receitas, esse aprendizado se deu observando sua mãe cozinhar.

Em seguida, fomos às casas de outras famílias que nos aguardavam para nos apresentar mais sobre a culinária açoriana. Essas famílias nos apresentaram com algumas receitas da gastronomia açoriana.

Foi bastante proveitoso apresentar aos alunos a gastronomia dos Açores, assim como possibilitar a essas famílias uma nova experiência, relembrando o passado,

resgatando e valorizando a cultura local.

Ao retornarmos à escola, socializamos as experiências individuais mediante essa atividade, para, em seguida, os alunos trabalharem produzindo textos e realizarem atividades diversas da área de Português e Matemática, como a confecção de livros de receitas e a solução de operações e situações-problema simples, envolvendo as receitas. Discutimos, em sala, os conceitos matemáticos presentes nas receitas, como medidas de massa e capacidade, quantidade de ingredientes e tempo de preparo.

Para finalizar esse trabalho, confeccionamos um livro com as receitas coletadas



Figura 3 - Degustação da culinária açoriana
Fonte: acervo pessoal da professora



Figura 4 - Alunos produzindo textos (receitas)

Fonte: acervo pessoal da professora

e entregamos às famílias e à vó Dete, as quais receberam com grande carinho o presente da turma.

Essa atividade resgata não só a culinária de um local, de uma cidade, de uma região litorânea, mas valoriza as pessoas que ali vivem, bem como seus saberes e fazeres. Essa atitude pedagógica incorpora novos modos de pensar a escola e os conhecimentos que são estruturados, promovendo um deslocamento das práticas escolares para as práticas sociais, observando e valorizando quantos saberes nossa sociedade produz nos seus afazeres cotidianos, os quais podem ser incorporados e ampliados no contexto da escola.

Almejamos inspirar, com este relato, novas práticas pedagógicas que valorizem a cultura do povo catarinense, enfatizando as unidades de tempo que compõem a história, e que evidenciem os conhecimentos matemáticos existentes, também, na gastronomia. Tentamos deixar claro aos alunos que o preparo de uma receita necessita de percepções de grandezas e medidas, de tempo de preparo e cozimento, de quantidade de pessoas que irão fazer parte da refeição; enfim, conhecimentos que envolvem a realidade mais imediata das comunidades, os quais a escola pode incorporar em seus currículos escolares.

REFERÊNCIAS

- BRASIL. Secretaria de Educação Básica. Diretoria de Apoio à Gestão Educacional. **Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa**: Apresentação. Brasília: MEC, SEB, 2014.
- BRASIL. Secretaria de Educação Básica. Diretoria de Apoio à Gestão Educacional. **Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa**: Operações na Resolução de Problemas. Caderno 4. Brasília: MEC, SEB, 2014.
- BRASIL. Secretaria de Educação Básica. Diretoria de Apoio à Gestão Educacional. **Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa**: Grandezas e Medidas. Caderno 6. Brasília: MEC, SEB, 2014.

INTERDISCIPLINARIDADE NA REFLEXÃO DO CONTEXTO ESCOLAR

Cristiane Kappaun¹
Nadia Inês Marconatto²
Maira Gledi Freitas Kelling Machado³

Este relato refere-se à *sequência didática* desenvolvida com 25 alunos do 5º ano do Ensino Fundamental do Centro Educacional Helga Folmman, no período de 26 de outubro a 5 de dezembro de 2014, nas aulas de Informática – disciplina incluída no currículo escolar da rede municipal de ensino de Tunápolis/SC, com duas aulas semanais.

A nossa proposta de *sequência didática* resulta de estudos desenvolvidos por meio de formação continuada, a qual nos orienta sobre a importância do envolvimento das crianças em situações de produção (Cadernos do PNAIC – Linguagem – Ano 1, unidade 6). Conforme os Cadernos, “[...] a organização dessas atividades prevê uma progressão modular, a partir do levantamento dos conhecimentos que os alunos já possuem sobre um determinado gênero textual [...]” (Cadernos do PNAIC – Linguagem – Ano 3, unidade 6, p. 20). O estudo foi oferecido inicialmente para professores alfabetizadores do 1º ao 3º anos e, havendo vagas, foi ampliado envolvendo demais professores da rede interessados, o que justifica o desenvolvimento desta *sequência didática* com uma turma de alunos do quinto ano.

O desafio de uma *sequência didática* interdisciplinar teve início durante os encontros de formação oferecidos pelo PNAIC, quando, por meio de estudos sobre interdisciplinaridade, emergiram dúvidas sobre como planejar e desenvolver práticas pedagógicas interdisciplinares, bem como dúvidas quanto à diferença entre *sequência didática* e projetos. Após os

encontros de formação planejados pela orientadora de estudos, objetivando discussões referentes às dúvidas que surgiram no grupo de professores, com auxílio dos Cadernos e de demais materiais fornecidos pelo Pacto, nos concentramos no planejamento da *sequência didática*.

O debate se deu em torno do tema a ser desenvolvido coletivamente, percebendo alguns conflitos comuns aos níveis e às áreas do conhecimento, centrados nas falas das crianças e de professores acerca do ambiente e rotina escolares. Assim, aceitamos o desafio de elaborar uma *sequência didática* que pudesse nos facultar uma reflexão sobre a estrutura física, os tempos escolares e as regras da nossa instituição, com o objetivo de sensibilizar os sujeitos para os conflitos e comportamentos no contexto escolar, pretendendo melhor aprendizagem e relacionamentos escolares em todas as disciplinas. Para iniciar a reflexão sobre o uso e a funcionalidade dos espaços escolares, optamos por realizar filmagens de diferentes atividades das crianças nos ambientes escolares.

Algumas ações coletivas iniciais foram definidas, tais como observar os espaços escolares, orientando as crianças a prestarem atenção aos detalhes, ao deslocamento pela área coberta, ao gramado, ao uso dos banheiros, às brincadeiras no parque, às escadas, à organização das filas para o lanche, o deslocamento para o ginásio, até a saída das crianças e dos funcionários da escola ao final das aulas.

Após a observação, conversamos com os alunos sobre as impressões do que foi



Figura 1 - Crianças no parque
Fonte: acervo pessoal da professora

observado, aparecendo respostas como: *Corremos muito; Nossa escola é bonita; Tem muitas crianças neste pátio; O recreio é curto, não dá tempo de brincar; Tem muito barulho*. Os alunos falaram que foram filmados no período anterior à aula e nos intervalos por professores e funcionários da escola. Assistimos, então, ao vídeo feito no espaço escolar, com o objetivo de direcionar o debate para o comportamento dos alunos: *Somos muito agitados, corremos sem cuidado com os colegas; Muitas vezes somos agressivos nas brincadeiras; O recreio é curto, precisamos lanchar, ir ao banheiro, encher a garrafinha de água, muitas vezes não sobra tempo para brincar e conversar; A escola tem um espaço grande, os corredores, área coberta, pátio com balanços, escorregador e outros brinquedos e brinca-*

¹ Alfabetizadora. Licenciada em Pedagogia e em Matemática com ênfase em Computação e Especialista em Gestão de Tecnologias Aplicadas à Educação. Atua no Centro Educacional Helga Folmman, no município de Tunápolis/SC.

² Orientadora de estudos. Licenciada em Pedagogia e Especialista em Gestão Escolar e Transdisciplinaridade. Atua na Secretaria Municipal de Educação, Cultura, Esporte e Turismo, em Tunápolis/SC.

³ Formadora. Licenciada em Pedagogia e Mestre em Educação e Professora de Estágio Curricular Supervisionado do curso de Pedagogia da Universidade do Estado de Santa Catarina (CEAD/UDESC).

deiras que podemos brincar; Corremos, brincamos e gritamos e é assim que deve ser; A nossa escola é bonita, porque nela têm crianças e muita energia; A biblioteca fica aberta antes da aula e nos intervalos, e lá têm peças para montar, e quem gosta de ler ou pesquisar também pode ir.

Conforme a opinião da turma, os espaços escolares são bem aproveitados, e, no geral, gostam muito da escola. Também concordaram no que diz respeito ao tumulto que se cria quando chove, pois os espaços ficam reduzidos e, assim, há grande concentração de crianças nesses espaços utilizados. Refletimos, considerando esse debate, sobre tais situações e de que modo elas são favoráveis ou não ao aprendizado e ao relacionamento de todos na escola.

Em seguida, assistimos ao programa *Salto para o Futuro*, no qual um menino filma os espaços de uma escola e explica de que forma ela funciona. No vídeo, vemos outra situação: a escola é bem organizada, mas não possui refeitório; há algumas atividades e lanches diferentes; as salas são menores e não há espaço suficiente para expor os trabalhos; as crianças parecem calmas, não havendo tanta agitação.

As crianças observaram algumas diferenças entre as escolas: *A nossa escola ainda é mais bonita, porque podemos aproveitar bem todos os lugares, estamos bem organizados, temos atividades diferenciadas, temos a escola em tempo integral que oferece atividades extraescolares, somos amigos e é um lugar divertido.*

Para auxiliar na tarefa de conhecer melhor sua escola, as crianças receberam algumas perguntas elaboradas com intenção provocativa à reflexão desejada, para serem respondidas individualmente: (i) *Do que você gosta na escola?*; (ii) *Do que você não gosta na escola?*; (iii) *O que você mudaria na escola?*.

As respostas foram:

- (i): *Encontrar os amigos; das aulas, de estudar, do tema e de alguns professores; do recreio e de brinquedos; de brincar e estudar com os colegas; do parque, da área coberta; da merenda; das aulas de Informática e Educação Física; do tênis de mesa.*
- (ii): *De brigas entre colegas e amigos; de colegas que correm na sala; das conversas na sala de aula; de quando colegas pronunciam palavrões, discutem e respondem mal aos professores; do recreio curto; de copiar do quadro; quando colegas não permitem que todos brinquem coletivamente; de bagunça e gritaria.*
- (iii): *Proibição de palavrões e brigas; a pintura da escola; fariam novas regras; obrigação na obediência aos professores.*

Fizemos a socialização das respostas em seguida, dando oportunidade para cada criança compartilhar suas percepções e sugestões, as quais foram registradas pela professora. O grupo priorizou algumas, sendo essas registradas na lousa. A tarefa seguinte se deu em torno de possíveis soluções para os conflitos, a fim de resolvê-los ou amenizá-los.

Algumas propostas foram escolhidas para serem socializadas com as demais turmas da escola. O debate ampliou, também, às crianças a prática de ouvir e de sintetizar informações, esclarecendo as prioridades da turma e as possibilidades de soluções para as problemáticas levantadas, unindo a turma de forma colaborativa e incentivando o envolvimento na resolução dos problemas. O grupo discutiu com colegas de outras turmas as seguintes problemáticas e soluções:

- Problemática 1 – Recreio curto, resultando em falta de tempo para brincar.

Proposta de solução: diminuir 5 minutos da 2ª aula e 5 minutos da 3ª aula, quando o lanche for comida quente; quando for lanche diferente, permanecer o horário normal.

- Problemática 2 – Brigas e desrespeito entre colegas.

Proposta de solução: conscientizar os colegas sobre a importância do respeito e da boa convivência em grupo.



RESPONDENDO OS QUESTIONÁRIOS:
FALAR, OUVIR, LER E ESCREVER.



Figura 2 - Desenvolvendo as propostas
Fonte: acervo pessoal da professora

Considerando o computador como ferramenta essencial na escolarização e seu uso adequadamente planejado para esse fim, constituindo mais uma possibilidade de enriquecer a construção dos conceitos escolares, os alunos tiveram a oportunidade de registrarem em *slides* os conhecimentos compartilhados até o momento. Como a turma já havia entrado em contato, anteriormente, com o funcionamento do programa *Powerpoint*, apenas retomamos os passos para a construção dos *slides* e aprofundamos as opções para melhorar o *layout*, tal como o uso de bordas, modificando sua espessura, a animação, o *design* e a dinâmica de apresentação. Nessa

PROBLEMATIZAÇÃO 1:

recreio curto, não tem tempo para brincar.

- Proposta da turma
- Diminuir cinco minutos da segunda aula e cinco minutos da terceira aula, isto quando comida quente

Pergunta 2: brigas e desrespeitos entre colegas.

- Proposta da turma: conversar com os colegas para que respeitem os outros para serem respeitados.

Figura 3 - Slides produzidos pelos alunos

Fonte: acervo pessoal da professora

atividade, utilizamos o projetor multimídia, que nos deu apoio de recurso visual e facilitou as intervenções de ajuda aos alunos, durante a sua realização. Seu uso permitiu, ainda, explorar melhor os recursos de animação, a transição dos slides, a opção de layout, a elaboração da capa e a própria reconstrução e correção ortográfica dos slides produzidos no momento de apresentação.



Figura 4 - Encerramento das produções

Fonte: acervo pessoal da professora

Para a socialização das propostas, alguns alunos foram escolhidos em nome da turma para falarem. Percebemos, nesse momento, que alguns alunos tinham medo de falar em público, ficando ansiosos e inseguros, perante a turma. Outros, no entanto, tinham mais facilidade e se dispuseram a levar a termo a apresentação, assumindo a representação do grupo, lançando mão da projeção multimídia a fim de falar ao grupo maior.

A socialização objetivou a melhora na convivência dentro do espaço escolar, possibilitando o companheirismo, a inclusão,

o incentivo às atitudes que expressem cooperação, a aceitação do diferente de si, os valores fundamentais para uma boa convivência e aprendizagem. Foi um momento importante para a turma e para a escola.

Ao final das atividades propostas na sequência didática, percebemos como produtiva a estratégia de usar vídeos retratando realidades diferentes a fim de suscitar uma reflexão sobre essas diferenças. Tal atividade constituiu um momento de construção dos conceitos de diferença e de valores necessários ao bom convívio na escola, possível por intermédio da associação das conclusões pessoais das crianças em relação aos recursos de multimídias, na tentativa de criar pontes entre o conhecimento concreto e o abstrato que, de acordo com D'Ambrosio (1986), mostra-se importante para a internalização dos saberes.

Percebemos a importância de possibilitar oportunidades de socialização das opiniões pessoais, como forma de cultivar o



respeito à fala do outro e incentivar a iniciativa de ações coletivas e colaborativas em cuidado do ambiente escolar e na construção das regras de boa convivência.

Constamos ter conseguido atender, de acordo com os objetivos desta sequência didática, alguns direitos de aprendizagem dos nossos alunos, além de contemplar os objetivos do Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa. Segundo consta nos Cadernos de Formação do Pacto, no que concerne aos Direitos Gerais de Aprendizagem em Língua Portuguesa, o aluno tem direito de aprender a

produzir e compreender textos orais e escritos com finalidades voltadas para a reflexão sobre valores e comportamentos sociais, [...] compreender e produzir textos orais e escritos de diferentes gêneros, veiculados em suportes textuais diversos, e para atender a diferentes propósitos comunicativos, considerando as condições em que os discursos são criados e recebidos (PNAIC, 2012, p. 30).

Acerca dos Direitos de Aprendizagem em Produção de Textos, consta no material: “Utilizar vocabulário diversificado e adequado ao gênero e às finalidades propostas” (PNAIC, 2012, p. 32). No que se refere aos Direitos de Aprendizagem em Oralidade: “Participar de interações orais em sala de aula, questionando, sugerindo, argumentando e respeitando os turnos de fala; Planejar intervenções orais em situações públicas: exposição oral, de-



Figura 5 - Socialização das respostas

Fonte: acervo pessoal da professora

bate, contação de história” (PNAIC, 2012, p. 33). Entendemos que as atividades desenvolvidas na escola contemplaram tais direitos, haja vista o processo de reflexão, discussão e produção textual escrita com o fim de apresentação oral para as demais turmas da instituição. Foi possível, ainda, contemplar um dos Direitos de Aprendizagem em Análise Linguística, a saber: “Reconhecer diferentes variantes de registro de acordo com os gêneros e situações de uso” (PNAIC, 2012, p. 34).

Percebemos, ainda, que o uso das tecnologias informatizadas auxilia no processo de construção, organização e automatização do conhecimento ensinado na escola, bem como para conhecer, praticar e revisar o uso do *software* e suas aplicabilidades, compreendendo melhor os programas utilizados e suas funções. Dessa forma, constatamos, no decorrer da *seqüência*, inúmeras possibilidades de, através da disciplina de informática articulada com demais áreas do conhecimento, intervir e aprofundar os conhecimentos da língua materna quanto sua escrita, oralição e uso da língua para significação e transmissão de ideias. Cabendo aos educadores o planejamento integrado às demais disciplinas para que este aprendizado não adquira um caráter apenas técnico, desvinculado da ação didática coletiva escolar.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Secretaria de Educação Básica. **Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa**: currículo no ciclo de alfabetização - consolidação e monitoramento do processo de ensino e de aprendizagem. Ano 2, Unidade 1. Brasília: MEC, SEB, 2012.

BRASIL. Secretaria de Educação Básica. **Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa**: currículo no ciclo de alfabetização - consolidação e monitoramento do processo de ensino e de aprendizagem. Ano 1, Unidade 6. Brasília: MEC, SEB, 2012.

BRASIL. Secretaria de Educação Básica. **Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa**: currículo no ciclo de alfabetização - consolidação e monitoramento do processo de ensino e de aprendizagem. Ano 3, Unidade 6. Brasília: MEC, SEB, 2012.

D'AMBRÓSIO, U. **Da realidade à ação**: reflexões sobre educação e matemática. São Paulo: Summus, 1986.

ALFREDO VOLPI VISITA SÃO FRANCISCO DO SUL: UMA EXPERIÊNCIA HISTÓRICA COM CORES, FORMAS E PRODUÇÃO ESCRITA

Maria de Lourdes Montemor Picheth¹
Roberta Fernandes Buriti²
Roberta Schnorr Buehring³

A experiência relatada foi vivenciada no decorrer de 2014 pela professora Roberta Fernandes Buriti, na Escola Básica Municipal João Germano Machado, no município de São Francisco do Sul, em Santa Catarina, com turma de 3º ano do Ensino Fundamental composta por 26 alunos, com faixa etária entre 7 e 10 anos.

O projeto foi baseado nos conteúdos estabelecidos pelo plano anual do município e na proposta do Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa (PNAIC). Nosso escopo de trabalho foi a história do município; os conceitos de *forma* e *espaço*; linhas paralelas e perpendiculares; *bidimensionalidade* e *tridimensionalidade*; cores e elementos visuais e estéticos.

A professora da turma, com auxílio da professora de Artes, Gabriella Mioranza, iniciou pesquisa e seleção de materiais que pudessem integrar as atividades a serem propostas no projeto, tendo em vista os direitos de aprendizagem dos alunos. Durante a pesquisa, destacaram-se as pinturas do artista plástico Alfredo Volpi, as quais, representando casarios, se assemelhavam às construções históricas do centro da cidade, possibilitando a abordagem dos conceitos de *forma* e *espaço* e de elementos artísticos presentes em sua obra, o que contribuiria significativamente para o processo de ensino e de aprendizagem do grupo em questão.

Objetivando uma aula instigante que aproximasse o educando do pintor, o trabalho foi iniciado pela leitura da biografia de Alfredo Volpi. A proximidade com o

artista plástico se deu com a leitura visual de suas obras, dando ênfase as que retratam fachadas das casas. Tal leitura incluiu a interpretação do aluno acerca do que o pintor quis retratar, quais tipos de linhas e cores ele utilizou, quais figuras geométricas são visíveis, bem como a apreciação estética das pinturas. Esse momento de leitura das obras foi significativo para as crianças, visto que a linguagem visual está presente cada vez mais em nosso cotidiano. Consideramos de expressiva importância fazer leituras de imagens, salientando sua abordagem abstrata e subjetiva. Barbosa (2005, p. 32) afirma que “o que a arte na escola principalmente pretende é formar o conhecedor, fruidor, decodificador da obra de arte”, complementa afirmando que “Uma sociedade só é artisticamente desenvolvida quando, ao lado de uma produção artística de alta qualidade, há, também, alta capacidade de entendimento desta produção pelo público”.

No decorrer do trabalho, as crianças perceberam a possibilidade de estabelecer um paralelo entre (i) as fachadas representadas nas obras de Volpi e (ii) o estudo da história e da arquitetura das fachadas dos casarões de São Francisco do Sul, principalmente quando uma aluna levantou o seguinte questionamento: *Alfredo Volpi pintou o Centro Histórico da nossa cidade?*

Essa semelhança aguçou a curiosidade das crianças, levando-as ao questionamento: *Será que Volpi visitou São Francisco do Sul?*



Figura 1 - Casario de Volpi
Fonte: Alfredo Volpi, início da década 1940



Figura 2 - Casario de São Francisco do Sul
Fonte: acervo pessoal da professora

A professora retomou as obras do artista plástico a fim de ressaltar as semelhanças e as diferenças entre elas e o cenário real do Centro Histórico de nossa cidade. Por meio das comparações e observações, as crianças perceberam que as formas geométricas planas utilizadas por Volpi para representar seus casarões tinham os mesmos formatos e as mesmas características presentes nas fachadas da cidade: linhas retas, retângulos, paralelismos e simetrias.

¹ Alfabetizadora. Licenciada em Pedagogia e Pós Graduada em Psicopedagogia Clínica e Institucional. Professora do município de São Francisco do Sul/SC.

² Orientadora de estudos. Licenciada em Pedagogia, Licenciada em Letras - Português e Inglês e Pós Graduada em Psicopedagogia. Professora do município de São Francisco do Sul/SC.

³ Formadora. Licenciada em Pedagogia, Pós Graduada em Alfabetização e Mestre em Educação Científica e Tecnológica. Professora da Prefeitura Municipal de Florianópolis e do Centro Universitário Municipal de São José (USJ).

De acordo com Smole *et. al.* (2003), a percepção das propriedades das formas geométricas deve ser trabalhada com as crianças, levando em consideração a linguagem geométrica usual. O momento de análise usando a linguagem geométrica foi importante para estabelecer comparações, classificações e relações da geometria representada com a história, o estilo arquitetônico.

Esclareceu-se, então, que a obra de arte representava um lugar e que Volpi não retratou nossa cidade, mas sim um estilo arquitetônico, presente no processo de colonização das cidades de Itanhaém/SP e São Francisco do Sul/SC. As crianças e a professora, nesse momento, estudaram a história do seu município.

Os alunos foram levados a um passeio de trenzinho pela cidade de São Francisco do Sul, tendo como destino final seu Centro Histórico. Lá, com prancheta, lápis e borracha, eles observaram e retrataram as fachadas dos casarões por meio de desenhos.



Figura 3 - Crianças desenhando as fachadas dos casarões

Fonte: acervo pessoal da professora



Figura 4 - Casarão de Volpi

Fonte: Alfredo Volpi, início da década 1950

Os alunos ficaram eufóricos diante de um “novo” Centro Histórico, visto por outro ângulo e com outro olhar, mediante tudo o que foi apresentado a eles em sala. As crianças perceberam alguns detalhes, como o colorido das fachadas, as datas de construção, a altura, a estrutura das paredes, os telhados, as formas geométricas das portas e janelas etc. Ao registrar suas observações, representaram o espaço observado, analisando a proporcionalidade de seus desenhos.

Ao retornarmos à sala de aula, os alunos tinham muitas ideias e estavam participativos, investigando de que modo poderiam retratar as cores, as formas e os detalhes observados. Retomamos de forma resumida o conteúdo e aprofundamos a abordagem pedagógica a fim de propormos a confecção de tintas, por meio de técnicas caseiras e naturais, assim como Alfredo Volpi fazia, pois, no contexto histórico de sua época, não existiam tintas para comprar.

A partir da curiosidade das crianças em saber como o artista confeccionava as tintas, elas pesquisaram e descobriram, dentre outras, a técnica da têmpera da gema do ovo. Surgiram muitas dúvidas a partir dessa pesquisa: a aluna Camile indagou se o artista plástico tinha uma “fábrica de ovos”, já que para fazer todas as tintas, ele precisaria de muitos ovos. A professora explicou que essa era apenas uma das técnicas artesanais de confecção de tintas.



Figura 5 - Casarão de São Francisco do Sul

Fonte: acervo pessoal da professora

Após a leitura da receita para a confecção da tinta, cada criança recebeu um ovo inteiro a fim de que quebrassem ao meio para separar a clara da gema e, em seguida, colorissem seus casarões. Cada aluno teve a liberdade para criar suas tintas e avaliar a tonalidade que acreditavam ser ideal para a pintura que seria realizada. Depois da experiência, cada um produziu a escrita da sua receita de tinta, visto que criaram tintas diferentes.



Figura 6 - Crianças produzindo tintas

Fonte: acervo pessoal da professora



Figura 7 - Crianças pintando

Fonte: acervo pessoal da professora

Depois das obras estarem prontas, cada um produziu sua autobiografia, enfatizando a capacidade de historiar fatos. Outras análises e comparações ainda acontece-

ram em relação às marcas históricas presentes na arquitetura antiga e na atual, os processos de transformação histórico e social do município e às mudanças estruturais ocorridas na cidade e em alguns casarões. A importância e o papel do Centro Histórico na preservação da memória do município e também da memória do país – visto que nossa cidade é a terceira mais antiga do Brasil e a mais antiga do nosso Estado – foi escopo de reflexão com a turma, que reconheceu o papel de uma obra de arte na preservação da história da humanidade. As crianças observaram que, através da representação das paisagens naturais e arquitetônicas de cada época, podemos compreender melhor a nossa história, que a representação por imagem auxilia na compreensão da história.

O processo de ensino e de aprendizagem que se desenhou neste projeto foi muito além das expectativas iniciais da professora, pois se deu de forma criativa e significativa. Os alunos foram pesquisadores, participando e avaliando questões históricas, sociais, culturais e estéticas da vida e da obra do artista plástico Alfredo Volpi, relacionando-as a questões referentes ao presente e ao passado do Centro Histórico de São Francisco do Sul. A experiência proporcionou aos alunos novos horizontes imaginativos, assim como a percepção, a análise e o uso dos entes geométricos presentes no seu cotidiano, além da produção e leitura de autobiografia e receita.

As linguagens oral, escrita, estética e geométrica atuaram de forma integrada e complementar, na leitura da história do artista e na do município, na produção da autobiografia, nas discussões acerca da história e da cultura da cidade e no modo como a história do município se integra à história das pessoas que vivem nele, pois, conforme Bertold Brecht (1919), a his-

tória de um lugar é fruto da ação de todos os seres humanos.

REFERÊNCIAS

- BARBOSA, Ana Mae Tavares Bastos. **A imagem no ensino da arte**. 6 ed. São Paulo: Perspectiva, 2005.
- Brasil. Secretaria de Educação Básica. **Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa: Geometria**. Brasília: MEC, SEB, 2014.
- BRASIL. Ministério da Educação e Cultura. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional** n. 9394 de 26 de dezembro de 1996. Diário da República Federativa do Brasil, Brasília, 1996.
- Enciclopédia Itaú Cultural. Disponível em: <<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa1610/Alfredo-Volpi>>. Acesso em: 19 set. de 2014.
- SMOLE, Kátia Stocco; DINIZ, Maria Ignez; CANDIDO, Patrícia. **Figuras e formas: Matemática de 0 a 6**. Porto Alegre: Artmed, 2003.

AMPLIANDO CONHECIMENTOS POR MEIO DA LEITURA

Isabel Trevisol¹
Joanildes Felipe²

A *sequência didática* foi realizada na turma do 1º ano, de apoio pedagógico, com 20 alunos, da Escola Básica Municipal Santa Maria Goretti, Município de São Lourenço do Oeste, em Santa Catarina. A *sequência* teve o intuito de alcançar os Direitos de Aprendizagem da criança, garantidos pelo Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa (Caderno de Linguagem do PNAIC, Ano 1, Unidade 1, 2012).

Desse modo, tomando como norte os Direitos, desenvolvemos, com o auxílio da obra *Come Come*, de Nye Ribeiro, atividades que com os componentes curriculares da Língua Portuguesa, Matemática e Ciências.



Figura 1 - Capa do livro utilizado
Fonte: Imagem disponível na web (Google Imagens)

No primeiro momento, apresentei o livro com o auxílio de *slides*. Propus reflexões sobre o conteúdo do livro, a razão do título, o que o desenho da capa sugeria. Fizemos a *leitura da obra e, oralmente, discutimos acerca dos seguintes questionamentos: Vocês conhecem os animais que aparecem no texto?*; *Em quais lugares encontramos esses animais?*; *Por que o leão fica espiando a zebra?*; *Onde as pulgui-nhas estavam?*; *Na natureza os animais*

se alimentam uns dos outros?

Apresentei o texto no cartaz e fiz a leitura novamente. Pedi às crianças que lessem o texto, passando a régua em cada palavra lida. Depois da leitura, distribuí o texto para a turma e pedi que eles pintassem os espaços entre as palavras para, em seguida, contarem quantas palavras havia em cada verso.



Figura 2 - Atividades no texto impresso
Fonte: acervo pessoal da professora

Cada criança escolheu uma palavra, que foi escrita no quadro pela professora, aparecendo assim: *leão*; *mosquitos*; *galinhas*; *raposa*; *jacaré*; *nadando*; *bico*; *ratinhos*. Contamos quantas sílabas havia em cada palavra escrita no quadro e escrevemos outras palavras que começavam com a mesma sílaba, como *galinha*, *gato* e *gaveta*. Além disso, identificamos que, na palavra *jacaré*, tem a palavra *jaca* e, na palavra *galinha*, tema palavra *linha*. Identificamos, também, palavras que terminam de maneira parecida, que rimam, como *nadando* e *voando*. Como escrevia, escrevi as palavras ditadas pelas crianças, enfatizando os fonemas.

Na leitura da obra, percebi que os alunos tiveram algumas dificuldades para ler as sílabas que continham a representação do /ã/, como nas palavras *andando*, *ras-*

tejando e *cacarejando*. Considerando essa dificuldade apresentada e, ainda, com o intuito de ampliar a visualização, elaborei um cartaz com o texto do livro, assim pudemos grifar as palavras que tinham essa sílaba.

A partir disso, as crianças concluíram que tais palavras terminavam igualmente, rimando. Sugeri, então, que escrevessem, no caderno, as palavras do texto e criassem rimas. Distribuí uma folha impressa, com banco de palavras e suas respectivas ilustrações. As crianças pesquisaram no banco de palavras e escreveram os nomes nos desenhos.



Figura 3 - Construindo rimas
Fonte: acervo pessoal da professora

Entreguei, em outro momento, o texto com algumas trocas como, por exemplo, no lugar da palavra *leão*, havia o desenho de um leão. Assim, as crianças, em duplas, puderam escrever os nomes nos desenhos. Elas decidiram que cada uma escreveria uma palavra.

Mostrei às crianças que a autora escreveu o livro *Come Come*, ora utilizando

¹ Orientadora de estudos. Licenciada em Pedagogia e Especialista em Séries Iniciais. Professora da rede municipal de São Lourenço do Oeste/SC.

² Formadora. Licenciada em Letras, Especialista em Didática e Metodologia do Ensino e Mestre em Ciências da Linguagem e Professora de Educação Básica na Rede Estadual de Ensino.



Figuras 4 e 5 - Escrevendo os nomes dos desenhos

Fonte: Acervo pessoal da professora

o(s) algarismo(s) do número, ora escrevendo por extenso. Distribuí o texto sem os números para que as crianças escrevessem por extenso. Durante essa atividade, elas puderam fazer consultas nos cartazes expostos na sala de aula.

Para que o lúdico estivesse contemplado nas atividades, elaboramos um jogo da memória do livro que lemos. Cada dupla recortou e pintou o seu jogo. Coletivamente, criamos as regras e eu, como escriba, registrei-as no quadro, de maneira que pudéssemos deixá-las expostas durante todo o jogo.

Ainda tendo como base o livro, realizamos um estudo sobre cadeias alimentares. As crianças pesquisaram, na web, imagens sobre o tema. De acordo com os re-



Figura 6 - Jogando o Jogo da Memória

Fonte: Acervo pessoal da professora

sultados obtidos na pesquisa, as crianças constataram que, na natureza, nenhum ser vive isolado dos demais. Todos, direta ou indiretamente, estamos relacionados, pois dependemos uns dos outros para sobreviver. Após essa atividade e a apresentação de um vídeo sobre o assunto, as crianças desenharam uma cadeia alimentar e socializaram para o grupo sua produção.



Figura 7 - Pesquisando na Internet

Fonte: Acervo pessoal da professora

A construção do conhecimento acumulado pela sociedade deve ser conhecida e explorada por todos. Compreendemos que esse trabalho lançou mão de diversos recursos, tais como livros, quadro, caderno, computador e internet, a fim de que as crianças ampliassem sua aprendizagem. Em consonância com os níveis de domínios dos conteúdos, ocorreram as intervenções, atividades em sala para que os alunos tivessem garantidos os Direitos de Aprendizagem.

Procuramos trabalhar a *sistema de escrita alfabética* com ênfase na *consciência fonológica*, conjunto de habilidades metalinguísticas que permitiram, ao indivíduo, refletir sobre os segmentos sonoros das palavras em diferentes níveis: silábico, intra-silábico e fonêmico, auxiliando os alunos que ainda não haviam compreendido a relação som-grafia. Além disso, as atividades realizadas em sala de aula tiveram foco nas relações entre letramento e apropriação do SEA, no que concerne às diversas áreas do conhecimento, uma

vez que desenvolvi atividades de Matemática (reconhecimento de numerais) e de Ciências (cadeia alimentar).

Segundo os autores do Caderno de Linguagem (Ano 1, Unidade 6) é importante articular o que as crianças sabem em relação às diferentes áreas do currículo (Ciências Sociais, Ciências Naturais, Noções Lógico-Matemáticas e Linguagens), o que leva, segundo Corsino (2007), a uma organização pedagógica flexível, aberta ao novo e ao imprevisível. Pensar temas e conteúdos, definir metodologias relacionadas às diversas áreas do conhecimento, articulando-as e pondo em destaque o papel dos diversos eixos da Língua Portuguesa, numa perspectiva de Letramento, constituem-se, então, num grande desafio ao professor. Tais mudanças devem ocorrer tanto em relação à natureza dos conteúdos e/ou conceitos trabalhados/refletidos quanto à natureza da organização do trabalho pedagógico pensada, tendo-se em vista um maior aproveitamento e/ou aprendizagem dos alunos.

REFERÊNCIAS

- BRASIL. Secretaria de Educação Básica. **Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa**: currículo na alfabetização – concepções e princípios. Ano 1, Unidade 1. Brasília: MEC, SEB, 2012.
- _____. Secretaria de Educação Básica. **Ludicidade na sala de aula**. Ano 1, Unidade 4. Brasília: MEC, SEB, 2012.
- _____. Secretaria de Educação Básica. **O trabalho com gêneros textuais na sala de aula**. Ano 2, Unidade 5. Brasília: MEC, SEB, 2012.
- RIBEIRO, N. **Come Come**. Valinhos, SP: Editora Roda & Cia, 2008.
- CORSINO, Patrícia. As crianças de seis anos e as áreas do conhecimento o desenvolvimento. In: BEAUCHAMP, Jeanete; PAGEL, Sandra Denise; NASCIMENTO, Aricélia Ribeiro do (orgs). **Ensino fundamental de nove anos**: orientações para a inclusão da criança de seis anos de idade. 2ª Ed. Brasília: Ministério de Educação, Secretaria de Educação Básica, 2007, v.1, p. 57-68.

O Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa foi incorporado às turmas de alfabetização da rede estadual de ensino, através de *projetos de letramento e sequências didáticas*. Atuei, durante três anos, como Orientadora de estudos, no município de Seara, localizado no Oeste de Santa Catarina. Paralelamente, continuei trabalhando como professora alfabetizadora na rede estadual, de modo que pude levar, à sala de aula, discussões, experiências e vivências que a formação nos proporcionou.

Em 2014, trabalhei com uma turma de 3º ano do Ensino Fundamental, composta por 26 alunos, na Escola de Educação

Básica Raimundo Corrêa. Em meio a outras atividades exitosas realizadas durante o ano, destacamos o projeto *Sementes de Leitura*, que teve início a partir de uma questão-problema: *O que podemos fazer para incentivar a leitura fora dos espaços escolares?*

Um levantamento realizado com os alunos e seus familiares nos permitiu constatar que a maioria delas não tinha o hábito regular de leitura, sendo que poucas compravam livros ou frequentavam bibliotecas. Pensando nisso, levantamos algumas hipóteses de como poderíamos contribuir para a ressignificação desse hábito. Decidimos, então, criar uma sacola reci-

clável para distribuir livros pela cidade, deixando-os em locais públicos, onde as pessoas pudessem retirá-los para leitura e devolvê-los a outro local após o uso. Para dar início ao projeto, as crianças, em duplas, passaram nas turmas de Ensino Fundamental e Médio da nossa escola, explicando o projeto e solicitando doações de livros de literatura.

Deixamos, assim, uma caixa na biblioteca da escola a fim de que as pessoas depositassem nela as suas doações. Após alguns dias, tínhamos um total de 50 livros. A fim de que a ação se tornasse mais visível na comunidade e que incentivasse a participação das turmas na arrecadação das obras literárias, apresentamos a nossa proposta no *blog* da escola.

Após a divulgação *online*, fizemos uma seleção dos livros recebidos e, com a ajuda financeira da Associação de Pais e Professores (APP), confeccionamos as sacolas do *projeto*, que recebeu o nome de *Sementes da Leitura* por simbolizar o desejo de cultivarmos o hábito da leitura, espalhando livros e conhecimento pela nossa cidade.

Elaboramos, também, um texto instrucional com informações acerca do *projeto*, sinalizando aos leitores que, depois da leitura, deixassem o livro em outro local público, a fim de que mais pessoas tivessem acesso a ele. Esse texto foi anexado na contrapa dos livros.

PROJETO SEMENTES DE LEITURA
TURMA: 3º ANO
PROFESSORA: QUEILA STEIN

A turma de 3º ano da E.E.B. Raimundo Corrêa desenvolveu um projeto para presentear nossa população de Seara, no mês de abril, com livros de leitura.

O projeto se chama Sementes de Leitura e pretende arrecadar livros de literatura em geral, que serão distribuídos em locais públicos para que as pessoas possam levá-lo, apreciar uma boa leitura e "semeá-lo" novamente em outro local público.

Então, se você tem um livro que já leu, amou e agora está esquecido lá na estante, colabore com nosso projeto!

Vamos fazer essas sementinhas germinarem em outros campos e despertar o gosto pela leitura em nossa população searaense.

Se quiser colaborar com a gente, deixe seu livro na portaria da E.E.B. Raimundo Corrêa.
Nossas crianças agradecem seu carinho e colaboração.
Um abraço literário pra você!

Figura 1 - Texto publicado no *blog* da escola

Fonte: acervo pessoal da professora

¹ Orientadora de estudos. Licenciada em Pedagogia e Especialista em Alfabetização e Séries Iniciais. Atua na rede estadual de ensino de Seara/SC.

² Formadora. Licenciada em Letras, Especialista em Didática e Metodologia do Ensino e Mestre em Ciências da Linguagem. Professora de Educação Básica na rede estadual.

ESCOLA DE EDUCAÇÃO BÁSICA RAIMUNDO CORRÊA
PROJETO SEMENTES DE LEITURA

Olá! Somos alunos do 3º ano da E.E.B. Raimundo Corrêa e queremos convidá-lo(la) a participar de uma aventura literária!

Você pode levar este livro para casa e aproveitar para viajar pelas palavras. Assim que terminar a leitura, pedimos para deixá-lo em um lugar público para que outra pessoa possa também viajar pelo mundo encantado da leitura.

Se quiser, pode deixar seu nome nesse espaço e ligar para nossa escola, informando o que achou do projeto: (49) 3452-2371.

Figura 2 - Texto anexado aos livros do projeto

Fonte: acervo pessoal da professora

Assim que as sacolas ficaram prontas, colocamos, em cada uma delas, um livro. Fizemos um evento de lançamento do *projeto* na escola, na presença de todas as turmas. A direção da escola agradeceu a participação dos alunos pelas doações dos livros. Cada aluno do 3º ano recebeu uma sacola e teve como tarefa destinar um local para “semear” o livro. Foi gratificante para a turma que recebeu o reconhecimento dos colegas pela iniciativa e esforço em fomentar a leitura em nossa comunidade.



Figura 3 - Lançamento do projeto

Fonte: acervo pessoal da professora

Foi entregue aos alunos um ofício sobre o *projeto*, explicando quais locais deveriam ser entregues as sacolas.

Acompanhamos, por algum tempo, o que aconteceu com os livros e percebemos

que a maioria foi retirada por leitores interessados no projeto e devolvidos a outros locais públicos.

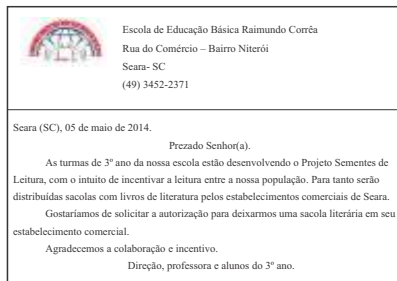


Figura 4 - Ofício encaminhado aos estabelecimentos comerciais

Fonte: acervo pessoal da professora



Figura 5 - Alunos organizando as sacolas do projeto

Fonte: acervo pessoal da professora

O Grupo RBS, na época, lançou o *Prêmio RBS de Educação - Vestindo a Educação*. Inscrevemos nosso *projeto* e participamos da votação popular, via *in-*

ternet. Obtivemos 1093 votos e ganhamos visibilidade e uma matéria no jornal local sobre o assunto.



Figura 6 - Matéria no Jornal local sobre o projeto

Fonte: acervo pessoal da professora

Compreendemos que o *projeto* cumprir seu papel de semear conhecimento e incentivar novos leitores fora do espaço escolar. Os alunos participaram ativamente durante o processo, com atividades envolvendo produção escrita, oralidade e compromisso social com a alfabetização através do *letramento*.

Acreditamos, tomando como norte uma citação de Monteiro Lobato, que um país se constrói com homens e livros. Nossa turma contribuiu orgulhosamente para que um pouco da magia das palavras ganhasse o mundo e entrasse na vida de outras pessoas.

Acreditamos que toda a população não tenha acesso à leitura, pois, segundo dados de Pesquisa do Instituto Pró-Livro, 44% da população não lê e 30% nunca comprou um livro. Os dados são preocupantes e a escola, sem sombra de dúvidas, tem papel fundamental no incentivo à leitura. Assim, pensando em desenvolver ações práticas para aproximar a população da literatura, realizamos o *projeto Sementes de Leitura*, que, além de

cumprir o objetivo de estimular o gosto pela leitura, transcendeu os muros da escola, ganhando outros espaços sociais, levando a leitura à comunidade searaense. Foram mais de 50 livros distribuídos nos estabelecimentos comerciais que puderam fomentar novos leitores.

Além disso, a imprensa local dedicou um espaço para divulgar as ações do projeto e mais pessoas tiveram a oportunidade de conhecer o trabalho das crianças do 3º ano. Para os alunos foi uma experiência gratificante, pois oportunizou o desenvolvimento da oralidade, através da divulgação das ações na escola e espaços comerciais, além do contato com os livros de diversos autores e obras literárias.

As atividades interdisciplinares desenvolvidas com a turma contemplaram a produção textual, através de organização de lista de títulos de livros arrecadados, elaboração coletiva de instruções sobre o funcionamento do projeto, bem como ofício de encaminhamento aos estabelecimentos comerciais.

A satisfação das crianças ao receberem as sacolas com os livros a serem distribuídos permitiu o exercício da cidadania. Os resultados do *projeto* mostraram que pequenas ações podem fazer a diferença. A escola pode e deve desenvolver propostas que ultrapassem os muros, permitindo o alfabetizar com sentido.

O PNAIC resgatou a importância do enfoque social, através de atividades significativas. Além disso, cabe ressaltar o quanto experiências interdisciplinares, se conduzidas de modo dinâmico e desafiador, podem motivar as crianças a participar e construir novos conhecimentos.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Secretaria de Educação Básica.

Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa: Interdisciplinaridade no ciclo de Alfabetização. Ano 3, Caderno 3. Brasília. MEC, SEB, 2015.

ESTADÃO CULTURA. Disponível em: <<http://cultura.estadao.com.br/blogs/babel/44-da-populacao-brasileira-nao-le-e-30-nunca-comprou-um-livro-aponta-pesquisa-retratos-da-leitura/>>. Acesso em: 10 out. de 2016.

PENSADOR. Disponível em: <<https://pensador.uol.com.br/frase/NDk4NzIz/>>. Acesso em: 10 out. de 2016.

PISCHE, Sandra. Difundindo o hábito da leitura na comunidade. Jornal Folha Sete. Seara 18 de abril de 2014, Seção Caderno Show, p. 10.

PROJETO SEMENTES DE LEITURA. Disponível em: <<http://escoladeeducacaobasicaraimundocorrea.blogspot.com.br/2014/04/projeto-sementes-de-leitura.html>>. Acesso em: 10 out. de 2016.

VESTINDO A EDUCAÇÃO. Disponível em: <<http://projeto.monstrinhosrbs.com.br/>>. Acesso em: 10 out. de 2016.

ZERO HORA. Disponível em: <<http://clicrbs.com.br/pdf/16409880.pdf>>. Acesso em: 30 out. de 2016

PROJETO “OFICINA DE JOGOS”: PARTICIPAÇÃO ATIVA DOS FAMILIARES NO PROCESSO DE APROPRIAÇÃO DA LEITURA E DA ESCRITA DAS CRIANÇAS

Marcio Alexandre Siqueira¹
Andreia Marise Marques Eger²
Alcemira Amara da Cunha³

O projeto “Oficina de jogos” foi realizado com 10 alunos de segundo e terceiro ano que apresentavam dificuldades de aprendizagem, sendo 5 deles do período matutino e, os demais, do período vespertino. O projeto aconteceu na Escola Municipal Francisco Jablonsky, no Município de Araquari – Santa Catarina, tendo sido idealizado pela Alfabetizadora e Prof.^a Andreia Marise Marques Eger, com colaboração e supervisão da Prof.^a Alcemira Amara da Cunha, Coordenadora Pedagógica da SEMED Araquari e Orientadora de Estudos do PNAIC/SC (2013/14) – Polo 2: região de Joinville e nordeste catarinense.

Iniciamos esta estratégia de ensino-aprendizagem no ano de 2013, e a reaproveitamos em 2015. As atividades da

oficina aconteceram no contraturno, uma vez em cada semestre, com duração de aproximadamente 3h e 30min cada.

A ideia desse projeto surgiu ao observarmos que somente as aulas de reforço escolar e a recuperação paralela, em sala e de forma convencional, não eram suficientes para sanar as dificuldades de aprendizagem dos alunos que foram alvo do programa, pois estes continuavam com baixo rendimento escolar.

Sabendo da importância da participação da família, pensamos em uma alternativa que pudesse envolver cada família no processo de aprendizagem de seus filhos. Polônia & Dessen (2005) refletem que:

Apesar de a família ser apontada como uma das variáveis responsáveis pelo fracasso escolar do aluno [...], a sua contribuição para o desen-

volvimento e aprendizagem humana é inegável. Um dos seus papéis principais é a socialização da criança, isto é, sua inclusão no mundo cultural mediante o ensino da língua materna, dos símbolos e regras de convivência em grupo, englobando a educação geral e parte da formal, em colaboração com a escola. (POLÔNIA; DESSEN, 2005).

Em consonância com as autoras, entendemos que o processo de aquisição da educação formal possui mais chances de ser bem sucedido se for apoiado e valorizado pelas famílias, sendo fundamental a participação ativa dos pais e responsáveis.

Porém, de início, não sabíamos ao certo o que “inventar” para fazê-los perceber a importância que tinham na aprendizagem, no desenvolvimento e no sucesso escolar de seus filhos.

Refletindo sobre a forma como as aulas de complementação escolar eram direcionadas a jogos pedagógicos desenvolvidos pela equipe pedagógica da escola, vimos que poderíamos desenvolver intervenções pedagógicas que pudessem trazer as famílias para a situação didática escolar, e que isso poderia resultar na aprendizagem significativa dos alunos, pois “A construção de jogos didático-pedagógicos, além de ser uma opção divertida e instrutiva



Figura 1 - Pais e alunos produzindo jogos
Fonte: acervo pessoal da professora

¹ Professor graduado em Licenciatura Plena em Matemática pela Universidade Federal do Paraná (UFPR) e Mestre em Educação Matemática pelo PPGECM/UFPR. Atuou como Formador em Matemática do Polo 2 – Joinville e região nordeste catarinense no PNAIC-2014.

² Professora da Secretaria Municipal de Educação do Município de Araquari, SC. Atuou como Alfabetizadora no PNAIC-2013/14.

³ Supervisora e Coordenadora Geral da SEMED Araquari; Orientadora de Estudos do PNAIC/SC (2013-2015); Coordenadora Local do PNAIC/SC junto à SEMED Araquari (2016).

para os alunos entrarem em contato com o objeto de estudo, facilita o trabalho do educador”, conforme advogam Kahl, Lima e Gomes (2007) e que seria um dos valores a nortear o nosso trabalho.

Ainda, pesquisadores como Brainer et al (2012) lecionam que:

As atividades lúdicas possibilitam que as crianças reelaborem criativamente sentimentos e conhecimentos e edifiquem novas possibilidades de interpretação e de representação do real, de acordo com suas necessidades, seus desejos e suas paixões. (BRAINER et al, 2012, p. 6).

Assim, entendemos que esse processo de reelaboração do real, que constitui a formalização da aprendizagem, é um dos aspectos centrais da formação escolar.

Quando trabalhamos o caderno pedagógico do PNAIC Ano 1 – Unidade 4 – “Ludicidade na sala de aula” (BRASIL, 2012), no qual a importância do lúdico, do brincar e do jogar em sala de aula é enfatizada, concluímos que havíamos optado pela escolha apropriada.

Na página 7 deste mesmo caderno, há uma citação de Bittencourt e Ferreira (2002) na qual as autoras apontam que as atividades com jogos promovem situações em que as crianças aprendem conceitos, atitudes e desenvolvem habilidades diversas, integrando aspectos cognitivos, sociais e físicos. Elas ainda defendem que seu uso pode motivar o envolvimento genuíno do educando, permitindo a apreensão dos conteúdos curriculares.

Está muito claro em nossas preocupações com a didática do ensino que:

Ao aluno deve ser dado o direito de aprender. Não um aprender mecânico, repetitivo, de fazer sem saber o que faz e por que faz. Muito menos um aprender que se esvazia em brincadeiras. Mas um aprender significativo do qual o aluno participe raciocinando, compreendendo, reelaborando o saber historicamente produzido e superando, assim, sua visão ingênua, fragmentada e parcial da realidade. O

material ou o jogo pode ser fundamental para que isto ocorra. Neste sentido, o material mais adequado, nem sempre, será o visualmente mais bonito e nem o já construído. Muitas vezes, durante a construção de um material o aluno tem a oportunidade de aprender matemática de forma mais efetiva. Em outros momentos, o mais importante não será o material, mas sim, a discussão e resolução de uma situação problema ligada ao contexto do aluno, ou ainda, à discussão e utilização de um raciocínio mais abstrato. (FIORENTINI; MIORIM, 1990).

O posicionamento dos referidos autores corrobora com nossa visão de que os jogos são instrumentos mediadores, e não unicamente objetos de divertimento e recreação; eles devem ser concebidos com objetivos claros de letramento, de forma a conduzir o aprendiz à apropriação da linguagem e da ciência, de maneira lúdica e criativa. Além disso, numerosos benefícios relacionados ao desenvolvimento infantil são associados à prática de jogos educativos, sejam eles físicos – aprimoramento da motricidade, da exercitação do sistema osteomuscular e nervoso, da expressão corporal e do equilíbrio; sejam eles cognitivos – desinibição, estímulos intelectuais, como o desenvolvimento da atenção e da memória; ou, ainda, sejam eles benefícios sociais – aprendizado de convívio, de aceitação das vontades dos outros jogadores, ora cedendo ora recebendo, exercitando o respeito ao outro e a si próprio.

Com esse embasamento, portanto, convidamos os familiares responsáveis ou



Figura 2 – Educando e pai realizando atividade com apoio da professora
Fonte: acervo pessoal da professora

o representante legal de cada criança para participar da oficina. Assim, juntos, crianças e familiares produziram os jogos que seriam utilizados, de modo a tornar mais significativa a utilização desse material, bem como propiciar que as crianças aprendessem as regras a serem seguidas em cada jogo – sempre com o apoio, a supervisão e a interação da professora titular e da auxiliar de cada turma.

Foram realizadas duas oficinas, uma no primeiro e outra no segundo semestre, com o intuito de reforçar a aprendizagem e de permitir que esses alunos pudessem acompanhar o desenvolvimento dos demais colegas de classe.

Esperávamos, com a oficina, incentivar a produção individual dos educandos e permitir que, em parceria com seus pares (pai, mãe ou representante da família de cada aluno), pudessem criar caminhos para a ação e para a reflexão sobre o estudo, para a leitura e para a escrita e para o pensamento lógico-matemático. Com a participação de todos esses agentes, se reforça a zona de desenvolvimento proximal do estudante, colaborando para sua efetiva aprendizagem. Com base nisso, fomos criando instrumentos, na forma de jogos, que respeitassem as dificuldades apresentadas por cada criança e as auxiliasse em sua superação.

É normal que os indivíduos venham a apresentar dificuldades de aprendizagem em alguma fase da vida, e a escolha didática apropriada pode facilitar o processo de apropriação da linguagem escrita.

[...] sabemos que muitas crianças aparentam dificuldades para dominar o Sistema de Escrita Alfabética (SEA). O que tem sido identificado como dificuldade individual, levando inclusive à reprovação, pode ter outras razões, inclusive a adoção de estratégias de ensino que não contemplam as necessidades diversificadas dos estudantes. (BRAINER et al, 2012, p. 8).

Percebemos, portanto, que a dificuldade de aprendizagem pode se originar também de uma dificuldade pedagógica, o que pode atrapalhar o letramento dos sujeitos e aliená-los de uma participação crítica na sociedade. Mais do que a assimilação do SEA, queremos que os educandos possam realizar leituras e produções de texto conforme as necessidades oriundas de sua prática social quando esta assim exigir.

Com vistas a desenvolver nosso trabalho na oficina, então, selecionamos os seguintes jogos: jogo da memória do alfabeto ilustrado, jogo da memória das sílabas simples, dominó das sílabas simples e das dificuldades ortográficas, bingo das palavras, quebra-cabeça das palavras, quebra-cabeça das frases, quebra-cabeça das cantigas infantis, jogo da relação entre o texto e a ilustração, jogo das operações (adição e subtração), jogo das situações-problema, entre outros.

Alguns desses jogos serão apresentados a seguir, com uma breve descrição dos objetivos que se espera alcançar com cada um deles, bem como da forma como são utilizados:

- Jogo da memória do alfabeto ilustrado: com esse jogo espera-se que os alunos conheçam as letras do alfabeto e seus nomes, relacionando-as com a figura correspondente. As peças são embaralhadas com as imagens para baixo e uma criança por vez vira duas peças, verificando se conseguiu formar o par correto.
- Jogo da memória das sílabas simples: com este jogo espera-se que os alunos compreendam que as palavras são compostas por sílabas, e que identifiquem a sílaba como unidade fonológica e segmentem as palavras em sílabas. As peças são embaralhadas com

a imagem para baixo e uma criança por vez vira duas peças, verificando se conseguiu formar o par correspondente.

- Dominó das sílabas simples e das dificuldades ortográficas: o objetivo deste jogo é o de que os alunos leiam as palavras do dominó, compreendam o que leram e identifiquem a figura que corresponde à palavra lida. O aluno recebe um jogo de dominó com trinta peças (cada peça contendo uma palavra e uma figura), as embaralha com a imagem virada para baixo, e inicia a partida com o representante de sua família, cada um escolhendo aleatoriamente dez peças. Vence a partida o primeiro que conseguir terminar o jogo com as peças que estiverem de posse. O jogo, nessa configuração, pode ser praticado por até três participantes, mas outras configurações também são possíveis, ficando a cargo dos jogadores estabelecer as regras, como, por exemplo, a quantidade inicial de peças por participante, ou se o participante deve passar a vez ou comprar outras peças da mesa em sua jogada, caso ele não possua peça que complete o par figura-palavra.
- Bingo de palavras: com este jogo espera-se desenvolver a linguagem verbal dos alunos, bem como seu raciocínio e sua capacidade de reconhecer as palavras ditadas, associando-as com as figuras presentes na cartela do jogo.
- Quebra-cabeça das palavras: inicialmente, cada aluno recebe peças contendo sílabas; com as imagens voltadas para cima, eles embaralham as peças, devendo escolher as peças com as sílabas corretas para formar as palavras ditadas. O objetivo deste

jogo é o de que os alunos compreendam que as palavras são formadas por sílabas e que as sílabas precisam estar em determinada ordem para que formem palavras com sentido. Ao final do jogo, os alunos precisam ler as palavras que formaram e interpretar o que leram.



Figura 3 – Pai e educando preparam juntos um dos jogos com palavras.

Fonte: acervo pessoal da professora

- Quebra-cabeça das frases: o objetivo deste jogo é o de que os alunos compreendam que as frases são compostas por palavras. Cada aluno recebe as palavras embaralhadas e deve formar as frases corretamente. Depois, deve ler em voz alta as frases montadas. Uma variação desse jogo é quando o próprio educador escolhe e lê uma frase de sua listagem de frases pré-determinadas.
- Quebra-cabeça das cantigas infantis: com este jogo espera-se que os alunos formem cantigas infantis já conhecidas e trabalhadas, ordenando as palavras de forma que a cantiga fique organizada. Cada aluno recebe um envelope com as cantigas recortadas em palavras e precisa montá-las. No mesmo envelope está contida também a cantiga completa para que o aluno confira posteriormente.
- Jogo da relação entre o texto e a ilustração: neste jogo, cada aluno recebe um envelope com diversos pequenos textos e suas ilustrações separadas.

Espera-se que os alunos leiam os textos, compreendam o que leram e encontrem a ilustração correspondente ao texto lido.

- Jogo das operações: nesse jogo os alunos recebem uma cartela com nove cálculos e um envelope com os resultados. Espera-se que resolvam as operações (adição e subtração) e coloquem sobre cada operação o resultado correto. Os cálculos são realizados em uma folha à parte e com o auxílio de material concreto (palitos de picolé).
- Jogo dos problemas: neste jogo, os alunos recebem uma folha com vários problemas e outra com os resultados. Espera-se que interpretem os problemas, encontrem a solução por meio de cálculos e relacionem o problema com o resultado correto.

Percebemos que os jogos acima descritos possuem muita familiaridade com a cultura de folguedos de nossa região. Jogos como dominó, cartas e bingo, por exemplo, fazem parte da tradição familiar araquariense e também da sociedade brasileira de forma geral, e por isso são mais facilmente assimilados pelos pais e responsáveis, os quais conseguem compartilhar mais facilmente os conhecimentos de linguagem e matemática com seus filhos.

A interatividade entre os jogadores e a participação ativa dos familiares no processo de aquisição da leitura e escrita, bem como da interpretação das palavras, das frases, dos pequenos textos que compunham as cantigas tradicionais e dos problemas matemáticos tornaram a atividade significativa não apenas para os educando, mas também para as famílias, que tiveram a oportunidade de revisitar o conhecimento ortográfico e semântico, além de reforçar as relações de afetividade



Figura 4 – Uma mãe auxilia seu filho a fazer a correspondência das palavras no jogo
Fonte: acervo pessoal da professora

de e o sentimento de companheirismo e colaboração.

Com esses jogos, portanto, quisemos oferecer uma diversidade de situações que permitissem contemplar qual o reforço necessário para cada criança, visando oportunizar o máximo de aprendizado possível.

Foi gratificante e emocionante ver como os pais e representantes dos alunos se envolveram nas atividades, sendo notável a motivação e a alegria de cada pai ao ver os avanços de seu filho. Cada educando, ao término da oficina, levou seus jogos para casa a fim de continuar brincando e reforçando a aprendizagem.



Figura 5 – Visão geral do espaço da oficina, realizada na biblioteca da escola
Fonte: acervo pessoal da professora

Isso tudo sem mencionar a importância de articular a teoria com a prática no âmbito educacional, levando o estudante a aprender os conhecimentos historicamente construídos durante o desenvolvimento de cada jogo.

REFERÊNCIAS

BRAINER, Margareth et al. Que brincadeira é essa? E a alfabetização? In: BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. Diretoria de Apoio à Gestão Educacional Secretaria de Educação Básica. **Pacto Nacional Pela Alfabetização Na Idade Certa**. Ludicidade na sala de aula. Ano 01. Unidade 04. Brasília: MEC, SEB, 2012. 47p.

BRAINER, Margareth et al. Ser cuidado, brincar e aprender: direitos de todas as crianças. In: BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. Diretoria de Apoio à Gestão Educacional Secretaria de Educação Básica. **Pacto Nacional Pela Alfabetização Na Idade Certa**. Ludicidade na sala de aula. Ano 01. Unidade 04. Brasília: MEC, SEB, 2012. 47p.

FIORENTINI, Dario; MIORIM, Maria A. Uma reflexão sobre o uso de materiais concretos e jogos no Ensino da Matemática. In: **Boletim da SBEM-SP**, v. 4, n. 7, 1990.

KAHL, Karoline; LIMA, Maria Elza de Oliveira; GOMES, Izabel. Alfabetização: construindo alternativas com jogos pedagógicos. In: **Extensio: Revista Eletrônica de Extensão da UFSC**, v. 4, n. 5, 2007.

POLONIA, Ana da Costa; DESSEN, Maria Auxiliadora. Em busca de uma compreensão das relações entre família e escola. In: **Psicologia Escolar e Educacional**, v. 9, n. 2, p. 303-312,

A criança na relação com as Ciências Humanas



FOLCLORE BRASILEIRO: A LENDA DA ERVA MATE

Silvia Wieczorekiewicz¹
Rita Rosélis Schulka Vicente de Souza²

O projeto relatado foi realizado em uma escola da rede municipal de ensino, do município de Canoinhas, no bairro Campo D'Água Verde. As atividades do projeto foram desenvolvidas com duas turmas do 2º ano dos anos iniciais do ensino fundamental, com 44 alunos, entre eles 17 meninos e 27 meninas, sendo três alunos com deficiência. Este relato de experiência apresenta um olhar sobre a influência do conhecimento da história e da cultura do local nas atitudes de cuidado e valorização do espaço nos quais as crianças estão inseridas.

Esse trabalho teve como objetivo identificar as relações sociais no grupo de convívio, na localidade, na região e no país, além de outras manifestações estabelecidas em outros tempos e espaços, reconhecendo a organização do espaço geográfico e da natureza, em suas relações, de modo a compreender o papel das sociedades na construção do território, da paisagem e do lugar e da cultura regional.

Quando pensamos na cultura como o espaço para relações sociais que se integram e desenvolvem o conhecimento, abrimos um leque de possibilidades de investigações e produção de conhecimento científico, nas diversas áreas de conhecimento, tais como: Ciências Humanas e Naturais; Linguagem Oral; Escrita e Matemática; Pluralidade Cultural; Cidadania e Preservação do Meio Ambiente.

No mês de agosto de 2015, iniciamos o trabalho sobre o folclore brasileiro, abordando lendas, parlendas e diversos trava-línguas. Percebemos que os alunos não ti-

nham conhecimento sobre a cultura folclórica regional. Assim, com a leitura da lenda da *Erva Mate*, resgatamos a cultura e as tradições locais.

Nesse contexto, as atividades em sala iniciaram com a apresentação dessa lenda. A professora da turma fez a leitura da lenda e, logo após, a abordagem oral sobre o que os alunos tinham ouvido.

Notamos que os alunos ficaram intrigados com as palavras desconhecidas que o texto apresentava e queriam saber seu significado. Aproveitamos, então, para apresentarmos aos alunos o dicionário, fazendo uso dele, o que nos rendeu muitas discussões positivas e muito aprendizado.



Figura 1 - Atividade de interpretação de texto e uso do dicionário
Fonte: acervo pessoal da professora

Após a leitura, realizamos uma atividade de interpretação de texto com registro no caderno, incluindo o significado das palavras que haviam descoberto no dicionário. Lançamos, em seguida, a ideia de uma pesquisa a ser realizada com os familiares sobre o hábito de tomar chimarrão. A pesquisa abordou o uso da erva mate, investigando se a família tinha o hábito de tomar chimarrão e com que frequência o faz; se a família conhecia ou-

tros produtos feitos a partir dessa erva.

Demos alguns dias para que as crianças pudessem realizar essa pesquisa e, quando tivemos acesso aos resultados, exploramos as respostas e discutimos sobre elas. Constatamos, por meio dos resultados trazidos, que todas as famílias de nossos alunos fazem uso do chimarrão, pelo menos, uma vez ao dia.



Figura 2 - Atividade de pesquisa sobre o chimarrão

Fonte: acervo pessoal da professora

Continuamos a discussão com os alunos, trazendo outros conhecimentos acerca da erva mate, percebendo que elas se mostraram felizes ao descobrirem que existiam outros produtos feitos a partir dessa erva, como bolo, sorvete, picolé, chá e, até mesmo, sabonete líquido.

Realizamos, em aula posterior, uma “roda de chimarrão” na qual as crianças tiveram a oportunidade de provar a bebida. Aproveitamos, nesse momento, para introduzir: a ideia de massa em quilogramas e o uso da balança, no que se refere às

¹ Alfabetizadora. Licenciada em Pedagogia, com habilitação em Educação Infantil e Anos Iniciais do Ensino Fundamental e Pós Graduada *Latu Sensus* em Educação - área de concentração Educação Infantil e Séries Iniciais do Ensino Fundamental. Professora em Escola Básica Municipal Severo de Andrade, Canoinhas/SC.

² Orientadora de Estudos. Licenciada em Pedagogia e Especialista em Orientação Educacional.



Figura 3 - Roda de chimarrão
Fonte: acervo pessoal da professora

formas de comprar a erva; o valor monetário da erva e do chá mate; as diversas marcas do produto no mercado.

Em outro momento do projeto, fizemos um bolo com erva mate, a fim de que as crianças provassem outro alimento feito com essa erva. Exploramos, no primeiro momento, os ingredientes da receita e suas quantidades. Deparamo-nos, no entanto, com um problema: uma aluna era alérgica crônica ao glúten e na receita teríamos que usar trigo. Percebemos que ela ficou um tanto desapontada, com a possibilidade não participar dessa atividade. Procuramos a orientação escolar e a mãe da aluna, com o intuito de sanarmos esse problema, usando, na receita, os produtos que a aluna pudesse ingerir. A mãe da aluna aceitou e nos enviou uma mistura com farinha de arroz e fécula de batata, produtos que a aluna poderia ingerir. Fizemos, então, duas receitas, uma com trigo e a outra sem glúten. Ficamos surpresos ao perceber que a massa do bo-



Figura 4 - Imagem do bolo feito de erva mate
Fonte: acervo pessoal da professora

lo feita com a mistura sem glúten ficou muito mais saborosa e leve. Exploramos, assim, essa forma de alimentação.

Receita do bolo de erva mate

Ingredientes:

1 xícara de água
3 colheres de sopa de chá de erva
2 xícaras de açúcar
3 ovos
2 xícaras e meia de farinha de trigo
1 colher de sopa de fermento
1 colher de sopa de canela em pó
½ xícara de óleo

Modo de preparo:

Coloque a água para ferver. Após a fervura, despeje a erva mate. Tampe e deixe esfriar por 15 minutos. Bata os ovos, o açúcar, o óleo, a farinha e a canela (coada). Acrescente água coada da erva mate, mexendo bem de leve por 5 minutos. Quando a massa estiver homogênea, coloque o fermento e mexa de leve. Coloque a massa em uma forma untada e leve ao forno pré-aquecido 180°, por 45 minutos.



Figura 5 - Preparação do bolo
Fonte: acervo pessoal da professora

No dia 23 de setembro de 2015, visitamos uma fábrica de erva mate, a *Ervateira Dranka* que produz a erva mate *Canoinhas*. A turma do 3º ano matutino, da professora Gisele, nos acompanhou.

Luiz Mário Dranka, sócio proprietário da empresa, nos recepcionou na entrada da fábrica. O proprietário nos contou como a empresa foi fundada, como era o processo de fabricação da erva mate antigamente e como a exploração dessa planta influenciou o desenvolvimento da cidade. No início, segundo ele, as plantas eram colhidas apenas no inverno, sapecadas no fogo e levadas de carroça ou em pequenos barcos até Joinville, a fim de serem trocadas por outros produtos que não tinham na região, como tecidos por exemplo.



Figura 6 - Visita à ervateira
Fonte: acervo pessoal da professora



Figura 7 - Chegada e recepção na chegada à ervateira

Fonte: acervo pessoal da professora



Figura 8 - Observação do bosque e da ervateira
Fonte: acervo pessoal da professora

As crianças seguiram até um bosque que a empresa tem aos fundos para conhecerem uma erva, planta da qual se produz a erva mate.

Nessa visita, tivemos a oportunidade de conhecer o processamento da erva mate, dentro da empresa. As crianças viram a chegada da erva, em caminhões; o seu processamento na esteira; a secagem; a trituração; o empacotamento. Foi bem interessante observar o processo de produção da erva mate, no qual, atualmente, há uso da tecnologia e de código de rastreabilidade.

Mostramos às crianças os diversos tipos de erva de chimarrão, desde a moída mais



Figura 9 - Carregamento de Erva Mate no Porto de Canoinhas, em 1928

Fonte: acervo da fábrica

fina, até a tradicional. As crianças se mostraram muito interessadas em relação ao que viram, na visita, pois o chimarrão faz parte do seu dia-a-dia, nas suas famílias, em diversos momentos.



Figura 10 - Compreensão do processo de produção da erva mate

Fonte: acervo pessoal da professora

As crianças foram convidadas a se dirigirem ao escritório da empresa, onde funcionários e proprietários as esperavam com chimarrão, o suco de erva mate e o picolé. Muito gentis, levaram um sanfoneiro para tocar enquanto as crianças se divertiam e experimentavam os produtos.

Quando retornamos à escola, as crianças relataram, oralmente, o passeio e o que mais lhes chamou atenção. Cada aluno produziu um texto, relatando o que compreendeu de uma aula diferente. As crianças perceberam a relação social que existe entre a história do município e seu desenvolvimento social e econômico.

Aproveitamos essa atividade para estimular a preservação do meio ambiente através do consumo da erva mate. Uma das alunas da turma levantou um questionamento: se todos tomarem chimarrão, as plantas serão cortadas; isso não destruirá o meio ambiente? Conversamos, então, sobre a importância dessa vegetação para a região, pois ela gera renda para muitas famílias de agricultores.

As crianças escreveram, também, uma carta de agradecimento à empresa por ter nos recebido tão gentilmente.

Entendemos que o projeto didático conseguiu expandir a linguagem oral e a *modalidade escrita da língua*, ampliando o vocabulário e o repertório de palavras. Percebemos a compreensão dos conhecimentos matemáticos, em especial, nas questões que estimulam a curiosidade e o espírito de investigação. A criança, sendo um ser atento e curioso às diferenças, nas relações sociais estabelecidas em diferentes



Figura 11 - Mateada, degustação de suco e picolé

Fonte: acervo pessoal da professora

tempos e espaços, compreende as informações propostas, apresentando pequenas mudanças na valorização da cultura da nossa região, na preocupação com o meio ambiente, na demonstração de curiosidade sobre o consumo de outros produtos feitos com a erva mate, tais como: o bolo; o sorvete; o picolé; o respeito e a socialização humanas, nas rodas de chimarrão, da região.

Os processos pedagógicos e didáticos envolvidos nas atividades interdisciplinares auxiliam o amplo desenvolvimento de diversas áreas do conhecimento humano, motivando o aprendizado acadêmico e social das crianças envolvidas.



Figura 12 - Aluno experimentando picolé

Fonte: foto do arquivo pessoal da professora

REFERÊNCIAS

Brasil. **Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa**: planejando a alfabetização e dialogando com diferentes áreas do conhecimento. Ano 2, Unidade 06. Brasília: MEC, SEB, 2012.

Brasil. **Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa**: o trabalho com gêneros textuais na sala de aula. Ano 2, Unidade 05. Brasília: MEC, SEB, 2012.

Brasil. **Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa**: o currículo na perspectiva da inclusão e da diversidade - As Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação e o Ciclo de Alfabetização. Caderno 01. Ministério da Educação, Secretária de Educação Básica, Diretoria De Apoio à Gestão Educacional. Brasília: MEC, SEB, 2012.

Brasil. **Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa**: currículo na perspectiva da inclusão e da diversidade - As Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Básica e do Ciclo da Alfabetização. Caderno 01. Brasília: MEC, SEB, 2015.

SEMENTES QUE FLORESCERAM NA SEQUÊNCIA DIDÁTICA

Gláucia Clasen¹
Rute Albuquerque²
Gracielle Böing Lyra³
Jussara Brigo⁴

Esse relato de experiência diz respeito às atividades propostas pela alfabetizadora Gláucia Clasen, da rede municipal de educação de São José/SC, realizadas no ano de 2013, em uma escola no bairro Colônia Santana, com turma de 1º ano dos anos iniciais, com 21 alunos, sendo 7 meninos e 14 meninas.

O trabalho proposto pelo Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa foi instaurado nas salas de aula aos poucos, conforme as formações iam acontecendo e a apropriação dos conceitos da metodologia sugerida ia se consolidando, modificando, assim, a prática pedagógica. Compreendemos que, embora não tenha sido fácil, com muitos compromissos envolvidos nessa jornada, prazos curtos de entrega de relatórios e tudo o que envolvia esse universo, o curso nos proporcionou uma visão ampliada do que já se desenvolvia em sala de aula. Despertou-nos a atenção para algumas práticas pedagógicas essenciais, como as *leituras* deleite.

As crianças passaram a “devorar” livros, a querer participar dos momentos de leitura deleite e foram se tornando atores do seu processo de alfabetização.

Muitos livros infantis oferecem aos pequenos a confirmação do mundo que conhecem: a vida cotidiana em família, as compras, os jogos no parque, etc. Mas eles necessitam também de uma literatura que amplie sua imaginação e suas habilidades perceptivas, além de seus limites atuais, de maneira que os melhores livros ilustrados são aqueles que estabelecem um compromisso entre o que as crianças podem reconhecer facilmente e o que podem compreender através de um esforço imaginário, que seja suficientemente recompensado. Algumas linhas de progresso, nas possibi-



Figura 1 - Árvore da Sabedoria

Fonte: acervo pessoal da professora

lidades de compreensão destas idades têm a ver com os temas e gêneros adotados pela ficção infantil. Em primeiro lugar a relação entre realismo e fantasia. As histórias são percebidas pelas crianças como uma representação do mundo tal como ele é. Não se questionará sua veracidade até o final desta etapa, quando passam a interessar-se pela origem das coisas. Apenas quando as histórias emergem como ficção, as crianças podem começar a utilizá-las para explorar o mundo tal como ele *poderia ser*. Trata-se de uma representação literária que proporrá alternativas, mas que confirmará certezas (COLOMER, 2007, p 58-9).

Com base na apropriação da *leitura*, iniciamos a *seqüência didática* com o livro *A Árvore Generosa*. Escolhemos esse livro porque a comunidade escolar localiza-se em meio à natureza. A proposta teve o intuito de as crianças se perceberem como parte fundamental do meio ambiente, valorizando o cuidado com o meio, compreendendo o crescimento das árvores. Objetivamos, também, desenvolver e fomentar a *escrita*, despertando a necessidade de

querer participar das atividades e propostas escolares dentro e fora da sala de aula, para que, por meio das suas observações e vivências, se percebessem como seres agentes das suas ações e reações, desenvolvendo autonomia de forma crítica e consciente, apropriando-se da função social da *escrita* e da *leitura*. Dessas questões, surgiu, então, a *Árvore da Sabedoria*.

Após lermos o livro, questionamos quais os “presentes” que as árvores nos ofereciam. As respostas das crianças foram variadas, como o ar, as casas, os aviões, os alimentos e a vida.

¹ Alfabetizadora. Licenciada em Pedagogia. Atua na rede municipal de educação de São José/SC.

² Orientadora de estudos. Licenciada em Pedagogia. Atua na rede municipal de educação de São José/SC.

³ Formadora. Licenciada em Pedagogia, Especialista em Educação Infantil e Séries Iniciais e Mestre em Educação. Atua como docente na Universidade do Vale do Itajaí.

⁴ Formadora. Licenciada em Matemática Aplicada e Computacional, Mestre em Educação Científica e Tecnológica e Doutoranda em Educação Científica e Tecnológica. Atua como professora substituta do CEAD/UEDESC e como Assessora Pedagógica da rede municipal de ensino de Florianópolis.

No percurso, surgiu a ideia de filmar as crianças enquanto viviam a *sequência didática*. Gostaríamos de captar a caminhada que eles estavam trilhando como atores principais e historicizar a elaboração do conhecimento durante o processo de ensino e de aprendizagem da *sequência didática*.

Demos início às atividades, escolhendo um (a) aluno (a) para representar o caule da nossa árvore, pois, assim como nós, as árvores também possuem um tronco de sustentação. O tempo todo, nas atividades, fizemos relação entre o nosso corpo e a estrutura das árvores. Nossas atividades de *leitura* e *escrita* começaram a brotar como sementes frutíferas. A árvore começava a assumir formas. Os braços e as mãos das crianças formaram os galhos, e neles foi se desenhando a escrita do nome completo e a importância de se reconhecer como parte da construção de um ser social que tem um nome, uma identidade, que é um ser que tem deveres e responsabilidades assim como todas as coisas no universo de forma subjetiva e impessoal. Desse modo também são as árvores, que tem uma função e um propósito em nosso meio ambiente.

Plantamos uma semente de abacate e passamos a observá-la durante os dias, elaborando relatórios de escrita e desenhos sobre seu desenvolvimento. As crianças demonstraram compreender a função social da escrita e a importância de registrar.



Figura 2 - A observação das crianças
Fonte: acervo pessoal da professora

Com a construção desse processo de *alfabetização*, contemplando o *letramento* e as vivências culturais das crianças, partimos para a reta final. Propomos, em uma das atividades de *escrita*, a cada criança que escolhesse uma árvore que tivesse algum significado para ela, relatando o motivo pelo qual a árvore foi escolhida.

Algumas crianças escolheram árvores que tinham em casa, outras escolheram aquelas de fruto já conhecido, outras, ainda, escolheram por conta da importância da fruta na saúde e no meio ambiente. Todos escolheram árvores frutíferas nessa atividade. Acreditamos que essa escolha se deu pela influência da semente do abacateiro que estava sendo observado e estudado, em sala de aula.

Essa etapa do projeto contou com a participação das famílias, influenciando diretamente no processo de *letramento* das crianças, demonstrando a importância de se expressar, de relatar algo e de explicar.



Figura 3 - A escrita das crianças
Fonte: acervo pessoal da professora

Realizamos uma saída de campo para uma instituição que possuía um grande jardim com árvores gigantescas, próximo à escola. Percebemos, nesse momento, a admiração e o respeito construídos ao longo do processo da *sequência didática*.

A experiência tornou-se inesquecível para as crianças, sendo a saída de campo uma atividade complementar para as aprendizagens. As crianças passaram a ter outro olhar perante a natureza, cons-



Figura 4 - Saída de estudos
Fonte: acervo pessoal da professora

truindo novos questionamentos e novas opiniões, elaborando diálogos reflexivos e críticos sobre os assuntos que eram abordados.

Percebemos um amadurecimento nas conversas formais e informais, assim como nas escritas das crianças. Além disso, através dessa *sequência didática*, foi possível perceber que a teoria presente nos cursos de formação do PNAIC se entrelaçou com a prática, dando espaço às mudanças de crescimento e à construção do conhecimento de forma crítica. As vivências das crianças se historicizaram e os processos de atividades externas que foram propostas puderam se transformar em conhecimentos socialmente internos. Foi possível perceber as ações, as falas e a elaboração do conhecimento dos educandos perpassando as esferas da aprendizagem propostas na sala de aula.

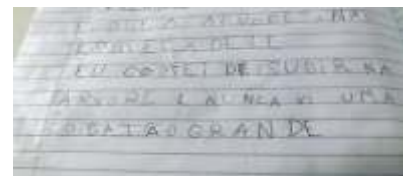


Figura 5 - A escrita das crianças
Fonte: acervo pessoal da professora

Os educandos se apropriaram do conhecimento a partir das vivências propostas. A *sequência didática* englobou as disciplinas de Ciências, Língua Portuguesa, Música, Literatura, Artes, Geografia e Meio Ambiente e, ainda, possibilitou aproximar a escrita autônoma e promover

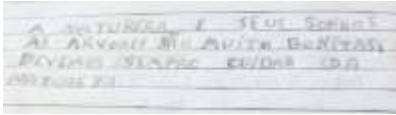


Figura 6 - A escrita das crianças

Fonte: acervo pessoal da professora

intertextualidade, fluidez e construção de discursos.

A *escrita* e o *letramento* estavam presentes em todas as etapas do projeto, com os registros das atividades. Foram momentos de encantamento, de descoberta e aprendizagem que possibilitou a avaliação positiva desse processo que ocorreu de forma prazerosa, percebendo que os educandos se apropriaram das atividades propostas como sujeitos e atores do seu processo de *alfabetização e letramento*.

O processo de ensino e de aprendizagem foi para além dos muros da escola, dialogando com as famílias, com os moradores do bairro e, por fim, possibilitou um diálogo interno entre os alunos. O projeto de *sequência didática* possibilitou, ainda, o conhecimento da natureza infantil em seus vários aspectos, dando ênfase à aprendizagem nas diversificadas maneiras que os alunos interpretam tais conteúdos.

REFERÊNCIAS

COLOMER, Teresa. **Andar entre Livros**: a leitura literária na escola. Tradução Laura Sandroni – São Paulo: Global, 2007.

LEAL, Telma Ferraz. Organização do trabalho escolar conceitos e relações. In: SANTOS, Carmi Ferraz; MENDONÇA Márcia (Orgs).

Alfabetização e letramento: conceitos e relações. 1ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

O projeto *Africanidades em movimento* foi planejado por Simone Stein Pires, professora do 3º ano, em conjunto com a equipe pedagógica e os professores de outras áreas, que contribuísssem para o trabalho pedagógico cujo objetivo era reconhecer e valorizar o legado histórico e cultural africano na cultura brasileira. O tema foi escolhido em virtude do projeto trimestral da escola que era *Diversidade, Cultura e Sustentabilidade: refletindo para um mundo mais humano*.

O projeto didático foi desenvolvido na Escola Desdobrada Municipal João Francisco Garcez, localizada no bairro Canto da Lagoa, em Florianópolis/SC, no início do 3º trimestre de 2015.

A problemática foi apresentada às crianças a partir da visualização do mapa do mundo, através do qual a professora as desafiou a localizarem os 54 países africanos e a falarem sobre o que sabiam sobre a história dos africanos no Brasil. Durante o diálogo inicial, percebemos que algumas crianças entendiam que a África era



Figura 1 - Atividade de escrita
Fonte: acervo pessoal da professora

um continente ao passo que o país constitutivo era a África do Sul. Outras, no entanto, achavam que a África era um país único. A professora leu o livro *A história dos negros no Brasil*, de Márcia Honora e Jonas Dias. Depois da leitura, a professora convidou a turma para produzir uma animação sobre o tema e solicitou às crianças que escrevessem a parte da história que desejavam produzir. A animação foi criada pela técnica de *storyboard*⁴, com o apoio de três professoras do Núcleo de Tecnologia Municipal, que foram até a escola para ensinar e orientar cada etapa da produção. Nesse processo, as crianças trabalharam em grupos e tiveram que escrever o conto em quadros e, para cada quadro, foi necessário criar um cenário composto por recortes de papel colorido.

Com os cenários prontos, passamos à etapa de fotografar cada cena para depois produzir a animação.



Figura 2 - Produção da animação
Fonte: acervo pessoal da professora

Enquanto a animação era produzida, em dias alternados durante o trimestre, outras atividades aconteciam a fim de am-

pliar o repertório das crianças em relação aos conhecimentos sobre o continente africano.

Para se familiarizarem com os nomes dos países africanos, levamos o jogo *super trunfo*⁵ em que exploramos dados sobre população, área territorial, esperança⁶ de vida, índice de alfabetização, o nome e a bandeira de vários países. Como as crianças ficaram animadas com o jogo, propusemos a confecção de outro do mesmo tipo, mas sobre os animais das savanas africanas. Assistimos ao filme *Madagascar*⁷ para as crianças observarem os animais e a questão do *habitat*. Percebemos que as crianças sabiam que o leão e a girafa eram originários da África e esclarecemos que são encontrados apenas em alguns lugares, a exemplo do que ocorre no Brasil com alguns animais da região Amazônica. Realizamos, depois, uma pesqui-

¹ Alfabetizadora. Licenciada em Pedagogia e Especialista em Práticas Pedagógicas Interdisciplinares em Educação Infantil e Séries Iniciais do Ensino Fundamental. Participou da formação do PNAIC em 2013 e 2014 pelo município de São José e em 2015, pelo município de Florianópolis.

² Orientadora de estudos. Licenciada em Pedagogia, Especialista em Metodologias de Ensino das Séries Iniciais e Mestranda em Educação Científica e Tecnológica pela UFSC.

³ Formadora. Licenciada em Letras, Especialista em Organização e Recepção de Textos, Mestre e Doutora em Educação.

⁴ *Storyboard* é uma técnica de animação através de uma série de imagens. Neste projeto cada imagem foi montada numa folha, com figuras recortadas e, depois, fotografada. As imagens representam a narrativa. Para animar a sequência de imagens, usou-se o programa digital *moviemaker*.

⁵ É um jogo cujo objetivo consiste em tomar as cartas dos outros participantes por meio de escolhas de características e comparação entre cada carta (ex. maior tamanho, maior população, maior longevidade, etc).

⁶ Na confecção do jogo optamos por utilizar o termo "esperança de vida" em vez de "expectativa de vida".
⁷ *Madagascar* é um filme de animação lançado em 2005. Foi dirigido por Eric Darnell e Tom McGrath, e produzido pela empresa estadunidense Dream Works Animation SKG.



Figura 3 - Montando as fichas dos animais
Fonte: acervo pessoal da professora

sa na *internet* através da qual as crianças, em duplas, prepararam ficha técnica de determinados animais, elencando algumas características e fazendo o registro escrito das informações que seriam utilizadas na confecção do jogo.

Outra atividade frequente em nossos encontros foi a *leitura* de livros de diversos gêneros sobre o assunto, ora lidos pela professora, ora pelos próprios alunos em momentos deleite. Através dos livros foi possível conhecer elementos da história e da cultura dos povos africanos.



Figura 4 - Capas dos livros
Fonte: acervo pessoal da professora

A fim de enriquecer o projeto e motivar as crianças, aproveitamos o festival de teatro Isnard Azevedo que estava acontecendo na cidade e fomos assistir à peça *Cinco semanas em um balão*. Tratava-se de um conto sobre uma viagem ao continente africano, apresentada pelo grupo Sabre de Luz, de São Paulo. Foi muito divertido e interessante, porque tinha muito a ver com o que a turma estava aprendendo.

Outra atividade da qual as crianças gostaram bastante foi assistir ao filme *Kirikou e a feiticeira*⁸ que é um conto africano. Desta vez, aproveitamos o tema para trabalhar a sistematização da *escrita* e a *produção textual do gênero conto*. Depois de explorar com as crianças como deve ser escrito um conto e quais as informações são registradas, cada um escreveu seu texto. Solicitamos, então, que trocassem os textos com um colega para ler e observar se era possível compreender o texto que o amigo escrevera. Nesse momento de *leitura*, ocorreram interações interessantes em que eles perguntavam ao colega o que ele queria escrever, sugeriam alguma mudança ou, ainda, pediam que melhorassem a letra para facilitar a *leitura*. Somente depois dessas modificações é que houve a mediação da professora no sentido de ir orientando quanto ao uso da

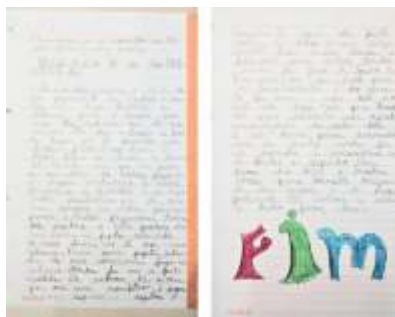


Figura 5 - Produção textual
Fonte: acervo pessoal da professora

⁸ *Kirikou (ou Kiriku) e a feiticeira* é um longa-metragem de animação franco-belga, de 1998, dirigido por Michel Ocelot. O diretor do filme passou parte da infância na Guiné, onde conheceu a lenda de *Kiriku*.



Figura 6 - Produção textual
Fonte: acervo pessoal da professora

pontuação, uso de letra maiúscula e ortografia, situações que a criança já ia corrigindo em seu texto. Esses contos foram guardados para a exposição pedagógica que aconteceria na escola.

Também foram utilizados gêneros do discurso como lendas africanas e textos instrucionais para confecção de brinquedos como mancala⁹ e chocalho. Esses brinquedos foram elaborados e explorados em parceria com a professora de Educação Física que, também, apresentou às crianças um grupo de capoeira que foi até a escola conversar com elas e ensinar-lhes alguns movimentos. Foi a oportunidade de conhecerem a origem deste jogo que é bastante presente na cultura local. O grupo de capoeira também participou da mostra pedagógica da escola fazendo uma apresentação interativa com os alunos e a comunidade presentes.

Em parceria com a brinquedoteca da escola, estudamos sobre as máscaras africanas que são muito significativas e indicam uma etnia ou fazem referência às colheitas e as confeccionamos com a técnica de papel machê.

⁹ *Mancala* é um conjunto jogos cultivado na África e trazido ao Brasil pelos escravos. Suas regras baseiam-se em raciocínio lógico.



Figura 7 - Máscaras africanas
Fonte: acervo pessoal da professora

Já o *gênero* entrevista teve maior ênfase porque os alunos tinham curiosidade em conhecer uma pessoa africana e, através de outra professora da escola, foi possível convidar o senhor Nelson Mendonça Duarte, natural de Cabo Verde, para conversar com as crianças. Elas queriam saber o motivo de ele estar no Brasil, em qual país tinha nascido, se a escola onde ele estudou era parecida com a nossa, entre outras coisas.

Combinamos que a entrevista seria oral. Marcamos a data e nos preparamos para a ocasião. Primeiro, fizemos uma relação de todas as perguntas que eles queriam fazer. Enquanto anotava as questões no quadro, discutimos como escrever as palavras e as crianças as copiaram em seus cadernos. Cada criança escolheu uma pergunta que ficaria sob sua responsabilidade para treiná-la em casa, prestando atenção à postura corporal e à impostação de voz. No dia da entrevista, a turma sentou sobre tapetes no chão e o senhor Nelson numa cadeira à frente de todos. Cada um levantava-se para fazer sua per-



Figura 8 - Entrevista
Fonte: acervo pessoal da professora

gunta no momento em que achava oportuno. Foram feitas muitas perguntas que não haviam sido planejadas, porque cada resposta aguçava ainda mais a curiosidade do grupo. A entrevista foi filmada para assistirmos no dia seguinte e conversarmos sobre as informações obtidas, pois não houve a preocupação de fazer registros por escrito para não atrapalhar o momento que deveria ser descontraído, possibilitando (como realmente aconteceu) a elaboração de novas questões e até a demonstração de um jogo que o entrevistado fez questão de ensinar.

Para promover a interação das famílias com o tema, organizamos um balde com objetos para que cada dia uma criança levasse para casa. Dentro do balde colocamos um filme (“Kirikou e os animais selvagens” – um conto africano), dois jogos *super trunfo* (sobre os países africanos e sobre os animais das savanas africanas) e um caderno onde deveriam registrar como foi a interação da família com os materiais. No dia seguinte, a criança levava o balde de volta para a escola, mas tinha que acrescentar algum elemento relacionado ao tema para apresentar aos colegas. Os alunos levaram receitas culinárias, gostosuras para degustação, brinquedos, histórias e instrumentos musicais. Além disso, também socializaram o que registraram no caderno, que poderia ser escrito ou desenhado.

Na ocasião da Mostra Pedagógica,



também participou uma senhora que fez oficina de turbantes, demonstrando a técnica e falando sobre este elemento cultural. A oficina era a senhora Marisilva Brochado, coordenadora geral do instituto “Axé Brasil”, que foi convidada por uma mãe do conselho escolar.

O professor de Artes, na linguagem dança, trouxe músicas africanas para compor o repertório da turma que também fez apresentações no evento da escola. Além da dança, apresentaram uma canção chamada “África” que foi ensaiada por uma voluntária da comunidade que levou músicos que tocaram os instrumentos durante os ensaios e a apresentação. Essa canção é uma composição original do professor Jackson Cardoso.

Todas essas atividades ajudaram a alcançar nosso objetivo inicial de reconhecer e valorizar o legado histórico-cultural africano na cultura brasileira, envolvendo diversos componentes curriculares e vários parceiros sem os quais não seria possível realizar algumas das atividades descritas. Os conteúdos de História, Geografia, Artes e Educação Física permearam o trabalho com os *gêneros do discurso*, a *produção textual* e o *sistema de escrita alfabética*. Os conteúdos de Língua Portuguesa surgiram de modo significativo durante o processo, cumprindo seu papel social em cada situação criada didaticamente para os fins pedagógicos definidos no planejamento do projeto. Através do projeto didático, contemplamos *direitos de aprendizagem* de diferentes componentes curriculares, tais como: (1) Língua Portuguesa: apreender assuntos/temas tratados em textos de diferentes gêneros, lidos com autonomia; estabelecer relação de intertextualidade entre textos; ler textos com autonomia; produzir textos de diferentes gêneros, atendendo a diferentes finalidades, com autonomia;

produzir textos orais e planejar intervenções orais em situações públicas: entrevista; dominar as correspondências entre letras ou grupos de letras e seu valor sonoro, de modo a escrever palavras e textos; identificar e fazer uso de letra maiúscula e minúscula nos textos produzidos, segundo as convenções; pontuar o texto; reconhecer *gêneros do discurso* e seus contextos de produção; (2) Ciências Humanas: ler e interpretar o espaço por meio de mapas simples; dialogar e formular uma reflexão a respeito das semelhanças e das diferenças identificadas entre diferentes grupos de convívio locais e regionais, atualmente e no passado; (3) Artes: compreender a arte como um conhecimento produzido socialmente, em diferentes contextos históricos e culturais da humanidade; vivenciar experiências educativas nas linguagens da dança, teatro, artes visuais e música.

O projeto *Africanidades em movimento* demonstrou realmente movimentos em torno do tema, tais como movimentos corporais – na dança, na entrevista, na capoeira e na música; movimentos sociais – os jogos, nas brincadeiras e na interação com as famílias; e, principalmente, movimentos cognitivos – na elaboração da animação do conto, na aprendizagem do SEA, nas *leituras*, nas *produções textuais* e nas *interações dialógicas* presentes em todos esses momentos. Um movimento que representa a vida acontecendo!

Consideramos que o cuidado que a professora teve ao planejar a entrevista, é um diferencial marcado pelas aprendizagens que tivemos na formação do PNAIC. A preparação da turma para a entrevista oral ajudou as crianças a perceberem o significado deste gênero textual num contexto social real. A partir da formação do PNAIC, começamos a entender que trabalhar a oralidade exige conhecimento da

situação e das condições necessárias para tal, como a entonação e a impositação da voz, a postura corporal e o comportamento adequado.

O relato do projeto didático interdisciplinar nos ajuda a perceber as possibilidades de um trabalho rico em conhecimentos de diversas áreas e significativo para a vivência das crianças que estavam consolidando seu processo de *alfabetização* numa perspectiva de *letramento*.

REFERÊNCIAS

- DIOUF, Sylvane A.; EVANS, Shane W. **As crianças de Bintou**. Ed. Cosac Naify, 2004.
- HONORA, Márcia; DIAS, Jonas. **A história dos africanos no Brasil**. Ed. Ciranda Cultural.
- LIMA, Renato. **Zumbi dos Palmares**. Ed. Paulus, 2014.
- VENEZA Mauricio et. al. **Nina África: contos de uma África menina para ninar gente de todas as idades**. Ed. Elementar, São Paulo, 2010.
- YUNES, Virgínia Maria; LEITE Maria Isabel. **Cartas entre Marias: uma viagem a Guiné-Bissau**. Ed. Evoluir Cultural, São Paulo, 2009.

**A criança na relação com
as Ciências da Natureza e a Matemática**



PROJETO “DE MÃO EM MÃO, MEDINDO UM AVIÃO”: UMA EXPERIÊNCIA INTERDISCIPLINAR

Verônica Felix Leite¹
Taíze dos Santos Batistti²
Lindamir Luciana Schneider da Silva³
Beatriz Kohn de Cristo⁴

Este relato apresenta as experiências desenvolvidas no projeto *De mão em mão, medindo um avião*, no período de abril a setembro, no ano de 2013, com a turma de 3º ano do Ensino Fundamental do Centro Educacional Willy Schleumer, localizado no município de Rio do Sul, Santa Catarina. O projeto foi executado pela professora Verônica Felix Leite com 22 estudantes entre 7 e 8 anos de idade.

O trabalho teve como objetivo explorar diferentes unidades de medida e instrumentos de uso social para medir comprimento e resolver problemas, especialmente o centímetro e o metro, enfatizando o uso da língua materna na sua funcionalidade e praticidade, a fim de facultar ao estudante uma melhora na sua comunicação no contexto em que vive e se relaciona.

O ponto de partida do projeto foi o levantamento de hipóteses acerca do conhecimento prévio dos estudantes em relação às medidas de comprimento e aos instrumentos utilizados para medição. A partir dessas hipóteses, iniciamos as atividades de pesquisa na *internet* bem como pesquisa com os familiares sobre os diversos tipos de instrumentos de medidas, tais como: fita métrica, paquímetro, escala e régua. Dessa forma, pretendíamos que as crianças tivessem uma visão mais detalhada a respeito das medidas de comprimento, a fim de dinamizar as aulas de matemática.

Além de possibilitar às crianças maior apropriação de instrumentos padrões utilizados para medir, objetivamos, também, que elas refletissem sobre como, historicamente, se deu a necessidade do homem

em quantificar e medir. Para tanto, a professora solicitou às crianças uma pesquisa acerca dessa necessidade, de modo que pudessem descobrir o que levou o homem a buscar meios de quantificar e medir.

Com os resultados obtidos na pesquisa, os alunos puderam compreender que essa necessidade veio a partir do momento em que o homem começou a desenvolver a agricultura e a construir habitações, precisando criar meios para efetuar as medições; assim, porque as formas convencionais de medidas ainda não existiam, as referências utilizadas eram as partes do corpo, surgindo, então, as primeiras medidas de comprimento: polegada, palmo, pé, jarda, braça e passo. Descobriram, também, que, ao longo da evolução histórica do homem e conforme suas necessidades cresciam, as culturas foram adaptando a forma de medir grandezas, até que se tornou essencial criar padrões universais de medida. Essa padronização resultou no metro, um padrão muito utilizado para medir comprimentos.

Surgiram, a partir do objetivo inicial do projeto, os seguintes questionamentos: o que sabemos sobre medidas?; o que queremos saber por meio da pesquisa sobre medidas?; o que podemos descobrir? Ao indagar os alunos sobre as medidas, pudemos perceber o seu repertório de hipóteses. Destacamos, dentre elas, as principais: (i) precisamos das medidas para algumas coisas em nossa vida; (ii) conhecemos alguns instrumentos como a régua e a fita métrica; (iii) o pedreiro e a costureira precisam medir para poder trabalhar; (iv) o que mais

usamos na escola para medir é a régua; (v) o nome da medida é metro.

Desse modo, as atividades desenvolvidas foram: realização de estimativas; realização de medidas com diferentes instrumentos; levantamento de instrumentos utilizados para medir; pesquisa de medidas, nos espaços da escola, utilizando o próprio corpo; pesquisas relacionadas às necessidades históricas de medição e as formas utilizadas.

A sistematização das atividades se deu a partir de relatos e textos narrativos, relevantes para a consolidação dos conhecimentos adquiridos. As atividades matemáticas desenvolvidas no projeto possibilitaram uma articulação com as vivências dos estudantes, dentro e fora do contexto escolar. Concordamos, portanto, com a proposta do caderno do PNAIC, BRASIL (2014, p. 6):

Para envolver a criança nas situações de práticas matemáticas, optamos por partir daquilo que é imediatamente sensível, próximo, familiar e significativo: ela própria (seu corpo), suas experiências pessoais (suas vivências, brincadeiras, habilidades), seu meio social (familiares, colegas, professores), seu entorno (sua casa, sua rua, sua comunidade, seu bairro, sua cidade). Em síntese: sua realidade.

O projeto teve uma função comunicativa,

¹ Alfabetizadora. Licenciada em Pedagogia e Especialista em Psicopedagogia Institucional. Professora em Centro Educacional Willy Schleumer, na cidade de Rio do Sul/SC.

² Professora. Licenciada em Artes Visuais e Mestre em Educação (FURB).

³ Orientadora de Estudos. Licenciada em Pedagogia e Especialista em Alfabetização e Letramento. Coordenadora Pedagógica da Secretaria Municipal de Educação, em Rio do Sul/SC.

⁴ Formadora. Especialista em Educação Infantil e Mestre em Educação (UNIVALI). Atua em Joinville/SC.

pois as atividades estiveram relacionadas à realidade dos estudantes e às medidas mais utilizadas por eles no seu cotidiano.

A professora Verônica levava os estudantes a outros espaços da escola, a fim de realizar as atividades propostas, medindo esses outros espaços. Nosso fito, em todo o projeto, esteve em relacionar as medidas com a realidade dos estudantes, tornando o aprendizado significativo e buscando diversificar as atividades do projeto. Outros professores foram mobilizados na realização das atividades, como os professores de Educação Física, Artes e Inglês. Assim, outras áreas do conhecimento fizeram intervenções sobre o tema trabalhado.

Nas aulas de Educação Física, a professora Ana Paula Ros Gracioli, questionou os alunos em relação às medidas do seu próprio corpo. Com o auxílio da fita métrica, os estudantes realizaram as medições em relação à altura dos colegas. Para



Figura 1 - Roda de conversa com levantamento de hipóteses

Fonte: acervo pessoal da professora



Figura 2 - Apresentação dos instrumentos de medidas coletados a partir de pesquisa

Fonte: acervo pessoal da professora



Figura 3 - Medição da altura dos estudantes na aula de Educação Física
Fonte: acervo pessoal da professora

desenvolver essa atividade, a professora questionou, inicialmente, sobre como fazer essa medição utilizando a fita métrica, dialogando sobre formas de medir o corpo com a fita. Após a medição de todas as crianças, sendo algumas feitas pela professora e outras pelas crianças, a professora pediu às crianças que comparassem as alturas e verificassem qual era a criança mais baixa e a mais alta, se existiam crianças com a mesma altura e qual era a diferença entre as medidas de uma criança para a outra. Os alunos puderam utilizar a fita métrica, realizando as comparações em



Figura 4 - Pintura coletiva
Fonte: acervo pessoal da professora

relação às medidas dos colegas da turma.

Nas aulas de Inglês, a professora Cleyde Weise proporcionou aos alunos a realização de trabalhos com desenhos e pinturas sobre medidas, utilizando o vocabulário da língua inglesa nas atividades.

Nas aulas de Artes, a professora Taíze dos Santos Batisti apresentou as obras do artista brasileiro Alex Flemming, autor de uma série de pinturas intitulada *Alturas*. Após a apreciação e a leitura das imagens, a turma foi convidada a fazer uma arte coletiva, utilizando as medidas do corpo e o próprio corpo para pintar o trabalho. A professora levou uma placa de papelão e os estudantes pintaram com várias cores, usando as marcas da mão e do pé. O resultado foi uma grande pintura coletiva e colorida, em guache.

A partir das aulas de Artes e do contato com a obra de Alex Flemming, os estudantes tiveram a oportunidade de enviar mensagens ao próprio artista, via *Facebook*, que mora na Europa. Nessa atividade, os alunos puderam perceber a



Figura 5 - Primeiro contato da professora com o artista, via Facebook
Fonte: acervo pessoal da professora



Figura 6 - Contato da turma com o artista, via Facebook
Fonte: acervo pessoal da aluna

função social da língua, pois estudantes, professoras e artista se comunicaram fazendo o uso de uma rede social.

Após as pesquisas realizadas pelos estudantes e as vivências proporcionadas por meio das atividades, houve a necessidade de obtermos uma forma padronizada de medição, levando a professora Verônica a construir, com a ajuda dos alunos, um metro com barbante, servindo como um instrumento individual e concreto, por meio do qual as crianças puderam estabelecer, ao longo das aulas, comparações e medições de diversos objetos. A professora e os estudantes produziram textos escritos, como relatos e textos informativos, a fim de registrarem as atividades realizadas. Os alunos levaram para a aula suas certidões de nascimento, para que pudessem fazer um comparativo entre as medidas de quando nasceram e as atuais. Os conhecimentos matemáticos acerca das medidas

foram registrados e utilizados na resolução de problemas, ampliando novos e surpreendentes desdobramentos.



Figura 7 - Pesquisando medidas em grupos no espaço escolar
Fonte: acervo pessoal da professora

A professora Verônica encontrou, em sua casa, uma lagarta conhecida popularmente por *mede palmos* e levou à escola para a turma conhecê-la. Observar a pequena lagarta fez com que os estudantes se interessassem pelo universo dos animais invertebrados, abordando outros temas referentes a esses animais. Os alunos assistiram a um vídeo, no site Youtube, a fim de compreenderem mais sobre as lagartas



Figura 8 - Foto da lagarta *Mede Palmos*
Fonte: acervo pessoal da professora



Figura 9 - Texto informativo da lagarta *Mede Palmos*

Fonte: acervo pessoal da professora

e, por fim, produziram um texto informativo com as explorações realizadas.

Outro momento de grande aprendizagem, foi a entrevista com um pedreiro já conhecido da escola, o senhor Jair, que levou à escola seus instrumentos de trabalho e explicou aos estudantes como utiliza as medidas no seu dia-a-dia. O senhor Jair fez uma demonstração em relação ao nível, à trena, ao plumo e ao esquadro. Ele demonstrou, na prática, o uso desses instrumentos.



Figura 10 - Reflexões sobre medidas
Fonte: acervo pessoal da professora

Na sequência, os estudantes produziram um avião em dobradura de papel e realizaram um campeonato de aviãozinho à distância. Nessa brincadeira, eles foram à qua-



Figura 11 - Foto do avião

Fonte: acervo pessoal da professora

dra da escola e tiveram a possibilidade de medir as distâncias de cada avião, percebendo as diferenças entre as distâncias alcançadas por cada aluno. Produziram, também, um texto narrativo, de forma individual, com o tema “Se eu fosse um avião...”.

Os textos refletiram histórias inusitadas do universo infantil, contextualizados com a vivência de cada estudante, incentivando a professora a trazer à tona a história do pai da aviação, Santos Dumont. Nessa etapa do projeto, surgiu o interesse em conhecer pessoalmente um avião e suas dimensões. Assim, a professora agendou uma visita ao aeroclube da cidade vizinha, Lontras.

No aeroclube, os alunos foram recebidos pelo responsável pelo aeroclube, o senhor Horst. Os alunos tiveram permissão para entrar no avião e puderam ouvir explicações sobre os dados técnicos do avião, bem como histórias sobre a aviação local.

A professora Verônica pediu aos estudantes que medissem o entorno do avião, utilizando seus palmos e o barbante de 1 metro que haviam feito da escola. Após essa atividade, cada aluno fez, em seu caderno, o registro. Em seguida, a professora questionou os estudantes sobre os resultados obtidos e solicitou que medissem o comprimento do avião e a altura da professora, também utilizando o barbante, para que estabelecessem a diferença entre as medidas.

Os alunos, já em sala de aula, somaram os barbantes e concluíram que o entorno do avião tinha, aproximadamente, 40 me-

tros. A fim de agradecerem a gentileza e hospitalidade do senhor Horst, os estudantes e a professora lhe enviaram um texto coletivo, via SMS.

A professora pediu aos alunos que construíssem, junto à família, o seu próprio avião. As famílias utilizaram materiais alternativos, tais como sucatas e materiais recicláveis para construir os seus aviões. O resultado dessa atividade foi uma grande exposição dos modelos de aviões produzidos entre os estudantes e seus familiares, resultado da parceria entre escola e família. O trabalho foi significativo e de extrema relevância, pois, depois da visita ao aeroclube, os estudantes tiveram uma nova percepção sobre os aviões e suas dimensões.

Após o fechamento de todas as atividades propostas, a professora encaminhou aos estudantes uma folha para que as famílias fizessem uma avaliação do projeto realizado. A devolutiva dos pais em relação ao trabalho foi significativa, destacamos, portanto o depoimento de uma das famílias: *Resultou positivamente na formação e no comportamento da criança. Sim, o trabalho foi muito bom! O Igor gostou muito e o resultado foi o melhor. A professora e os alunos aprenderam.* Compreendemos que, por meio dessa avaliação, os pais tiveram a oportunidade de expor suas opiniões, sejam elas positivas ou não, quanto ao desenvolvimento do trabalho na escola.



Figura 12 - Exposição dos aviões construídos de material reciclado

Fonte: acervo pessoal da professora

A *interdisciplinaridade* se fez presente em tempo integral na realização do projeto, tornando o trabalho significativo e oportunizando aos estudantes explorar novas experiências.

Compreendemos que os estudos realizados permitiram conhecer instrumentos e conceitos de medidas, os quais estão presentes na história da humanidade e na vida diária, tendo as situações do cotidiano como condição necessária para a construção de hipóteses a fim de consolidar o aprendizado de conhecimentos científicos.

REFERÊNCIAS

BRASIL. **Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa.** Saberes Matemáticos e outros campos do saber. Brasília: MEC, 2013.

BRASIL. **Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa.** O trabalho com os diferentes gêneros textuais na sala de aula: diversidade e progressão escolar andando juntas. Brasília: MEC, 2012.

BRASIL. **Pacto pela Alfabetização na Idade Certa.** Disponível em: http://pacto.mec.gov.br/images/pdf/cadernosmat/PNAIC_MAT_Caderno%208_pg001-080.pdf. Acesso em: 6 jun. de 2013.

BIOLOGIA PARALELA. **Lagarta Mede-Palmos (medideira)** – Bicho Agrimenso - Ordem Lepidoptera. Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=VzoQUk5DzZw>. Acesso em: 6 jun. de 2013.

CEGALLA, D. P. **Dicionário Escolar.** São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2005.

WIKIPEDIA. **Santos Dumont.** Disponível em: http://pt.wikipedia.org/wiki/Santos_Dumont. Acesso em: 8 ago. de 2013.

WIKIPEDIA. **Côvado.** Disponível em: <http://www.pt.wikipedia.org/wiki/Côvado>. Acesso em: 8 ago. de 2013.

BRINCANDO E CRIANDO COM A GEOMETRIA

Sílvia Zimmermann Pereira Guesser¹
Elisângela Decker²
Carla Peres Souza³

Este relato traz a experiência vivenciada na Escola Municipal Dom Afonso Niehues, na cidade de Antônio Carlos, em 2014, envolvendo duas turmas de 3^o ano, com 64 estudantes. A *sequência didática* em questão surgiu a partir de estudos realizados em encontros de formação promovidos pelo PNAIC, que proporcionaram um novo olhar para o planejamento em sala de aula.

Entendemos que, inúmeras vezes, conceitos relacionados à Geometria eram trabalhados no final do ano e apenas se houvesse tempo para tal, mas, a partir de algumas reflexões de nosso grupo, percebemos a importância de sua abordagem. Os conceitos geométricos estão diariamente envolvidos em nossas atividades, sendo amplamente utilizados na nossa sociedade e não podemos, portanto, deixar de explorá-los, relacionando-os com a Arte, a História, a Língua Portuguesa e outros componentes curriculares, nas diferentes atividades realizadas na escola.

O projeto realizado objetivou a exploração de diferentes figuras geométricas, desenvolvendo a percepção dos estudantes para o reconhecimento de características de figuras planas e formas espaciais, relacionando essas representações com objetos do mundo. Foram estudados *poliedros*, com foco nos seus elementos constituintes: as *faces*, os *vértices* e as *arestas*, além de corpos redondos. A partir de situações reais, como observação da natureza, obras artísticas e letras do alfabeto, avançamos na compreensão de noções de *simetria axial*⁴ ou de reflexão.

Verificamos, inicialmente, os conhecimentos prévios dos alunos, oportunizando reflexões a partir de figuras e de objetos representativos de figuras planas e de sólidos geométricos. Os alunos selecionaram quais formas conheciam, descrevendo-as e relatando em que lugares e situações elas aparecerem no cotidiano. A professora solicitou aos alunos que agrupassem os objetos e desenhos representativos que tinham semelhanças entre si, justificando suas escolhas em roda de conversa. Discutimos, então, as características das formas espaciais que representam os *poliedros*, mostrando que suas faces são figuras planas, e que possuem contornos. Chamamos a atenção, na continuidade da atividade, para a possibilidade de existirem formas espaciais com faces não planas, não sendo, portanto, *poliedros*, podendo ser corpos redondos.

Para aprofundar conceitos referentes ao assunto, solicitamos aos estudantes embalagem de diferentes produtos, a fim de realizarmos uma atividade de planificação dos objetos e suas possíveis classificações.

As crianças estudaram algumas planificações de formas espaciais tais como: o *cu*bo, o



Figuras 1 e 2 - Trabalho com a planificação
Fonte: acervo pessoal da professora



Figura 3 - Compreendendo o significado de arestas, faces e vértices

Fonte: acervo pessoal da professora

cone, diferentes *prismas* e *pirâmides*.

Foram confeccionadas, também, representações de formas geométricas espaciais, utilizando canudinhos, representando as *arestas*, e massinha de modelar, representando os *vértices*. A ludicidade da atividade tornou o momento agradável, divertido e significativo. A partir dessa atividade, as crianças conseguiram identificar e conceituar alguns elementos da Geometria.

Realizamos, no momento seguinte, a identificação de figuras geométricas planas

¹ Alfabetizadora. Licenciada em Pedagogia e Especialização em Alfabetização e Letramento; Atua na Escola Municipal Dom Afonso Niehues, em Antônio Carlos/SC.

² Orientadora de Estudos. Licenciada em Pedagogia e Especialização em Práticas Interdisciplinares. Atua na Escola Municipal Dom Afonso Niehues, em Antônio Carlos/SC.

³ Formadora. Licenciada em Matemática, Especialista em Educação Inclusiva e Mestre em Educação Científica e Tecnológica.

⁴ Mesmo compreendendo os riscos de reducionismo, chamaremos, doravante, apenas de *simetria* a fim de evitar repetições.



Figura 4 - Releitura da obra de Luciano Martins

Fonte: acervo pessoal da professora

em obras de arte, realizando a releitura das obras e estudos sobre alguns artistas.

Recorremos ao *Tangram*, a fim de que os estudantes explorassem suas peças, comparando e verificando características principais, brincando e representando diferentes objetos. As peças do *Tangram* possibilitaram explorar diversos desafios.



Figura 5 - Explorando o *Tangram*

Fonte: acervo pessoal da professora

A exploração de *simetria* foi, também, uma experiência enriquecedora. Os estudantes foram levados ao ambiente externo da escola para observar noções de *simetria*, nas mais variadas formas, tanto



Figura 6 - *Simetria* nos desenhos, recortes e colagens

Fonte: acervo pessoal da professora



Figura 7 - Visita à horta

Fonte: acervo pessoal da professora

em elementos naturais como em construções humanas, especialmente em algumas obras de arte. Por meio de diferentes estratégias, de exemplos e discussões, as crianças puderam compreender que uma figura recebe a definição de *simétrica* quando, ao dividi-la, as partes se coincidem perfeitamente. Realizaram, assim, atividades, explorando o eixo de *simetria*, o que gerou diversas produções⁵.

As crianças perceberam que as plantações presentes em nosso município eram organizadas em terrenos com formatos *retangulares*, *triangulares* e, também, com outras formas, e que era possível ter noções de *simetria* nas plantações. Surgiu, com essa discussão, uma dúvida nas turmas: *Será que os pais aprenderam na escola sobre as formas geométricas e simetria para usar nas plantações?*

Para complementar essa atividade, os

alunos foram levados à horta escolar, para analisarem sua forma e organização.

Aprofundando o diálogo sobre a importância da geometria em nossas vidas pesquisamos na sala de informática as diferentes profissões que usam conhecimentos geométricos para desenvolver seus trabalhos, como engenheiro, pedreiro, astrônomo, topógrafo, designer, entre outros. A partir da pesquisa e das conversas no grupo, as crianças realizaram produções textuais em grupos, salientando a profissão e como o profissional usa geometria para realizar seu trabalho.

Para retomarmos algumas discussões realizadas, propomos ao grupo realizar um jogo chamado *tapete geométrico*, cujo objetivo é explorar a representação de figuras geométricas planas, recordando suas características e relembrando conhecimentos referentes à posição e localização.



Figura 8 - Tapete geométrico

Fonte: acervo pessoal da professora

⁵ Temos a compreensão de que, na *simetria* de reflexão, as partes de um lado e outro do eixo, embora refletidas, devem ser idênticas entre si, inclusive nas suas cores e distribuição de detalhes. Esse, aliás, é o elemento fundamental que praticamente impossibilita que seja identificado, de fato, na natureza, algo que apresente uma real simetria de reflexão. Por outro lado, as atividades foram desenvolvidas no intuito de apresentar a noção de simetria de reflexão às crianças, o que as torna válidas e significativas.

A professora, após a brincadeira, solicitou que cada criança fizesse um desenho, utilizando conhecimentos adquiridos ao longo das aulas.

Por meio das atividades realizadas, pudemos observar o envolvimento das crianças em todos os momentos, pois lhes foi permitido uma vivência concreta e significativa com a Geometria. Um trabalho coletivo e colaborativo, com o desenvolvimento de habilidades motoras, psíquicas e artísticas, além da apropriação conceitual e ampliação de repertório, foi amplamente proporcionado aos alunos. As discussões realizadas ao longo das formações do PNAIC foram essenciais para a compreensão da importância de estarmos cientes do que devemos ensinar e como ensinar a Matemática, na escola, tendo como norte a contextualização dos conceitos, auxiliando, assim, na aprendizagem dos alunos.

O ensino da Matemática não precisa ser penoso, baseado em “decorebas” e atividades mecânicas; deve, sim, ser divertido e significativo, em nossas práticas sociais. Compreendemos que precisamos envolver as crianças nas situações de práticas matemáticas de conhecimentos associados à realidade; a Matemática deve surgir como problematização e organização da realidade.

REFERÊNCIAS

BORDEAUX, A. L.; RUBINSTEIN, C.; FRANÇA, E.; OGLIARI, E.; MIGUEL, V.; BORGES, E.; PITA, M. **Novo bem-me-quer alfabetização matemática**: 1º, 2º e 3º anos. 2 ed. São Paulo: Editora do Brasil, 2011.

BRASIL. **Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa**. Brasília: Brasília: MEC/SEB, 2014.

SENTINDO COM OS SENTIDOS: NO MUNDO DAS SENSações

Ieda Pertuzatti¹

Cintia Franz²

Marlise Maria Junges Hackenhaar³

Este relato se refere às atividades realizadas com turma de 1º ano, no ano de 2013, no Ensino Fundamental da Escola Reunida Municipal Professora Lydia Franzon Dondoni, em Nova Erechim/SC – sendo essa a única escola do município que atende alunos de Ensino Fundamental do 1º ao 5º ano. A escola possui 261 alunos, atendidos nos turnos matutino e vespertino por professores formados e qualificados na área em que atuam.

A educação do município conta com um grupo dedicado e comprometido de professores, gestores e colaboradores, resultando na imediata adesão ao Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa (PNAIC), desde o seu início, em 2013. A participação dos professores regentes de turmas, não somente dos alfabetizadores, nos encontros de formação propostos foi efetiva. Foram atendidos, em 2013, 156 alunos do 1º ao 3º ano; em 2014, 153 alunos; em 2015, 139.



Figura 1 - Turma do 1º ano em 2013

Fonte: acervo pessoal da professora

O compromisso no processo de alfabetização e de imersão no letramento, até o 3º ano, foi firmado entre os professores regentes e de outras áreas, o que consideramos decisivo para os ótimos resultados

que a escola vem colhendo no processo de formação dos seus educandos.

Compartilhamos da distinção que Soares (1998a, p. 47) faz entre *alfabetização e letramento*, ao afirmar que

Alfabetizar e letrar são duas ações distintas, mas não inseparáveis, ao contrário: o ideal seria alfabetizar letrando, ou seja: ensinar a ler e escrever no contexto das práticas sociais da leitura e da escrita, de modo que o indivíduo se tornasse, ao mesmo tempo, alfabetizado e letrado.

Essa perspectiva de educação se realiza a partir de um planejamento dinâmico que conta com diversos fatores, sendo eles sociais, cognitivos, emocionais, econômicos, culturais e históricos, no qual priorizamos as relações e a *dialogicidade* entre professores e alunos, bem como o respeito à diversidade, alimentando a igualdade de forma que os direitos e deveres sejam de todos.

Percebemos o mundo por meio dos nossos cinco sentidos – *tato, audição, paladar, visão e olfato* – que nos possibilitam perceber e interpretar o que está acontecendo em nossa volta, bem como nos auxiliam na comunicação, nos possibilitam sensações de prazer, nojo, tranquilidade, agitação etc. O cérebro recebe uma grande quantidade de informações diariamente e é com essa coleção de informações que a criança aprende a se movimentar, se equilibrar, se comunicar e a interagir com as pessoas e os objetos, aprendendo sobre o mundo em que ela está inserida.

A união e o estímulo desses sentidos proporcionam o desenvolvimento cognitivo, emocional, cultural e humano dos nos-

sos educandos, seu processo de aprendizagem acontece através dos sentidos, sendo, pois, através destes que o sujeito conhece e interpreta o mundo em que está inserido: é através das células sensoriais que o corpo envia as informações colhidas para o cérebro e ele as interpreta e redireciona conforme a necessidade do sujeito (LIPOVETSKY, 1996).

O objetivo principal do *projeto* foi possibilitar às crianças um contato mais apurado e sistemático com os cinco sentidos, desenvolvendo e ampliando suas capacidades sensoriais, perceptivas e afetivas. O projeto, além disso, buscou desenvolver o conhecimento de como funcionam nossos cinco sentidos e quais as suas colaborações para o nosso dia-a-dia, nosso desenvolvimento, nossa aprendizagem e socialização.

Os objetivos específicos das atividades propostas foram (i) estimular as crianças a explorar os cinco sentidos de forma abrangente e detalhada, reconhecendo-os como facilitadores do *desenvolvimento* humano; (ii) identificar e diferenciar as partes do próprio corpo, bem como a importância dos cuidados com ele e com a nossa

¹ Orientadora de estudos. Licenciada em Pedagogia, Especialista em Psicopedagogia Educação Infantil e Séries Iniciais, Educação Especial e Magistério Superior e Mestranda em Educação. Membro do Grupo de Pesquisa Documentação em Educação Ambiental Freireana "Palavração", pela Unochopeco e atua como professora na rede municipal de ensino de Nova Erechim/SC.

² Formadora. Licenciada em Letras, Especialista em Práticas Pedagógicas Interdisciplinares e Mestranda do PROFLETRAS/ UFSC. Atua como professora de Língua Portuguesa da rede pública municipal de Rio do Sul/SC.

³ Coordenadora local. Licenciada em Pedagogia e Especialista em Educação Infantil e Séries Iniciais. Professora e Diretora na rede municipal de ensino na E.R.M. Profa. Lydia F. Dondoni, em Nova Erechim/SC.

saúde, percebendo que os movimentos e os exercícios, aliados com uma alimentação equilibrada são fundamentais para o bom funcionamento do nosso corpo (organismo); (iii) perceber os cinco sentidos como auxiliares na comunicação e socialização do ser; (iv) conhecer as alternativas que indivíduos surdos ou cegos utilizam para se comunicar, entender e serem entendidos na sociedade; (v) utilizar de forma sistemática a *leitura* e a *produção textual* dentro desse contexto.

Para os alunos compreenderem melhor os cinco sentidos, iniciamos nosso estudo com o livro *O Corpo de Bóris*, que deu início ao nosso passeio pelo corpo humano, e, também, com a história *Pessoal, é hora de se mexer – Sid, o Cientista*, que abriu caminhos para o assunto e para a primeira parte do projeto. Como essa história é encontrada, também, em vídeo, nos utilizamos dessa tecnologia para apresentar a história aos alunos, em conjunto com a apresentação do livro físico. Sid é um personagem muito conhecido e querido pelos alunos, não foi difícil cativá-los com a atividade.

Na sequência, desenvolvemos uma conversa com reflexões sobre a importância dos exercícios para o nosso corpo e nossa saúde física e mental. A atividade teve continuidade em casa, para que os pais também pudessem opinar sobre o assunto; as respostas vindas das famílias foram comparadas, socializadas e debatidas.

Utilizamos duas músicas nas atividades do projeto, *Boneca de lata* e *Eu me remexo*, ambas foram cantadas e interpretadas com passos e gestos durante alguns dias. Os alunos puderam, assim, perceber como o pulso do coração aumenta quando o nosso corpo se movimenta. Nas aulas de Educação Física, os professores chamaram a atenção para este fato: a importância de realizar alongamento antes

de se iniciar qualquer tipo de atividade física. Os batimentos cardíacos foram monitorados antes e depois dos exercícios realizados para compararem e entenderem as alterações cardíacas.

O texto *Meu corpo*, de Ruth Rocha, serviu para a introdução das partes do corpo. Destacamos para os alunos que algumas partes do corpo são responsáveis pelos sentidos. A história *Uma tarde do Barulho*, de Silvia Maneira, iniciou nosso trabalho sobre os sentidos. O menino, personagem dessa história, faz uma grande descoberta: *Eu sou um instrumento musical*. Os sons do corpo são percebidos e o vídeo *A orquestra da chuva* serviu para complementar esse assunto. Criamos uma lista de sons a partir da pergunta “Quantos sons nosso corpo pode fazer?”.

Realizamos a dinâmica “Da confusão à ordem”, porém, antes de iniciarmos a brincadeira, combinamos com as crianças que, quando a professora batesse palmas, elas deveriam parar imediatamente de fazer o que estivessem fazendo no momento, prestando atenção no que a professora falasse. Solicitamos às crianças que cantassem uma música para o seu companheiro do lado, o que gerou um caos. Depois pedi a um aluno que cantasse a música para a classe. As crianças perceberam como o caos é desagradável e como a ordem tem um sentido.

Essa dinâmica – efetiva no retorno de férias, momento em que as regras e os limi-

tes da turma são retomados – destacou a importância das regras serem cumpridas e dos limites serem respeitados, o que gerou debate acerca da nossa *audição*, questionando como nosso ouvido consegue ouvir diferentes tipos de sons ao mesmo tempo, a dificuldade de ouvirmos o que realmente nos interessa em meio a uma confusão de barulhos, de que maneira isso pode afetar a nossa aprendizagem quando estamos em sala de aula. Embora nossa *audição* seja muito eficiente e consiga filtrar os sons que nos interessam, o barulho e a confusão atrapalham nossa aprendizagem e confundem nossa *audição*, que não consegue mandar as informações necessárias ao cérebro.

A história *Ouvir*, de Ruth Rocha, a qual faz parte da coleção *Os cinco sentidos*, trouxe informações importantes e curiosidades sobre o processo da *audição*, abordando conceitos como *labirinto*, pequeno órgão do ouvido que promove o equilíbrio do nosso corpo, bem como nomes engraçados de pequenos ossos importantes para a *audição*, tais como o *martelo*, *estribo* e *bigorna*. O livro traz, ainda, a ideia de construção de instrumentos musicais.

Uma das atividades previstas no projeto era a confecção de um objeto musical, para a qual contamos com a dedicação da professora de Artes. O apoio da professora foi fundamental para a construção dos instrumentos musicais e para a aprendizagem de ritmos simples, estimulando a



Figura 2 - Professora Eliane, de Artes, realizando atividades com a turma
Fonte: acervo pessoal da professora

coordenação motora, a atenção, a percepção, a concentração e o ritmo nos alunos. Instrumentos simples foram confeccionados, com materiais de sucata, mas a aprendizagem foi grandiosa.

Em sala de aula, a brincadeira do silêncio foi proposta aos alunos e eles puderam perceber quantos sons passam despercebidos por nós durante o dia. O silêncio permite ouvir barulhos distantes e nossa memória permite identificá-los, como um ruído de um carro passando, o cantar dos pássaros, o arrastar de uma cadeira na sala ao lado etc. Ouvimos um CD com sons de animais, objetos e situações e os alunos foram incentivados a identificá-los.

Os alunos foram instigados a pensar sobre o modo que uma pessoa surda percebe o mundo, estando impossibilitada de ouvir qualquer ruído. Questionamos sobre como essa pessoa reconhece o mundo no qual está inserida e se há técnicas das quais ela se utiliza para estabelecer comunicação e relação entre ela e as pessoas do seu convívio, assim como instigamos as crianças a pensarem sobre as eventuais dificuldades encontradas no processo de aprendizagem da leitura e da escrita.

Após essa conversa, apresentamos a língua de sinais e os alunos mostraram interesse por ela. A escola, infelizmente, não contempla ainda essa língua, o que dificultou um pouco o conhecimento da mesma, pois não temos nenhum profissional habilitado para trabalhar com a língua de sinais.

Continuando nosso estudo sobre os sentidos, outro livro da coleção de Ruth Rocha, *Tocar*, serviu para introduzirmos outro sentido: o *tato*. Identificamos o órgão responsável por transmitir as sensações, a pele, que, também, é o maior órgão do nosso corpo. Experiências com diferentes texturas e superfícies foram realizadas com os alunos de olhos vendados para que descobrissem através do *tato* o

que se tratava. Um painel do *tato* foi construído com figuras e objetos que possuíam diferentes texturas, liso, áspero, macio, duro etc. Além das texturas, sentimos as sensações do frio e do quente.



Figura 3 - Turma organizando o painel do *tato*
Fonte: acervo pessoal da professora

Brincamos com o *Jogo do Tato*, descrito no livro de Ruth Rocha, em que os alunos, através do toque em diferentes objetos e superfícies, designavam se era duro, macio, áspero etc. A história *O frio pode ser quente* foi contada e discutida na roda formada. Algumas atividades de *escrita* e *leitura* foram realizadas.

O livro *Cheirar*, de Ruth Rocha, também da coleção, deu sequência aos estudos sobre os sentidos. Na rodinha com olhos vedados, os alunos foram desafiados a cheirarem diferentes aromas e des-



Figura 4 - Painel do *olfato*
Fonte: acervo pessoal da professora

cobri-los, utilizando a memória olfativa. A ligação do *olfato* com o *paladar* foi mencionada quando os alunos cheiraram um pedaço de queijo e ficaram com vontade de comê-lo. Um painel contendo diferentes tipos de odores em saquinhos plásticos foi construído com produtos que os alunos trouxeram de casa. A história *Quem vai ficar com o pêssego?* complementou o assunto.

Para a pergunta “O que cheiramos que deu vontade de comer?” tivemos a resposta “queijo”, sendo assim, realizamos uma lista de palavras que iniciassem com a consoante *q*. Ficou por conta do filme *Ratatouille* a discussão sobre a relação estreita entre o *olfato* e o *paladar* ser compreendida. O *Remy*, ratinho do filme, serviu como âncora no estudo da consoante *r* e sua família silábica. Os alunos construíram lista de palavras, jogos de sílabas, uma dobradura de rato. O trava-línguas *O rato roeu a roupa do rei de Roma* foi lido. Algumas histórias, tais como *Nunca conte com ratinhos*, *O casamento do rato com a filha do besouro* e *O rato do campo e o rato da cidade* foram contadas no Cantinho da Leitura. A família ajudou na escrita de outros trava-línguas conhecidos por ela, que foram socializadas na turma.



Figura 5 - Painel com dobraduras
Fonte: acervo pessoal da professora

Encontramos outra versão do trava-línguas no livro didático de Português e também trabalhamos com ela, assim como com as atividades de interpretação. A professora de Artes trabalhou com os alu-

do *projeto* para avaliar os avanços e a aprendizagem de cada aluno, envolvendo *leitura e produção textual* e conhecimentos básicos sobre os cinco sentidos, suas funcionalidades e características.

Realizamos, também, algumas atividades envolvendo raciocínio lógico, conceituação de quantidade, valor e lugar, mas, para esse relato, foi necessário fazermos alguns recortes, por isso, a parte da matemática não apareceu. Outras atividades de *leitura e produção textual* coletiva e individual também fizeram parte do *projeto*.

Compreendemos que o PNAIC é, até o momento, o maior programa de formação continuada para professores alfabetizadores do país, e que, assim como tantas outras políticas educacionais, teve seus desencontros, mas, de maneira geral, todo o programa tem sido fundamental para a compreensão da prática docente no processo de *alfabetização e letramento*.

Compreendemos, também, que a escola não deve estar alheia aos acontecimentos que lhe cercam e acreditamos que ela precisa facultar aos seus alunos uma reflexão acerca dos conteúdos veiculados por ela, desenvolvendo a conscientização, a criticidade e a autonomia de forma humana, justa e respeitosa. A alfabetização e o letramento são indispensáveis para a formação de um cidadão crítico, reflexivo e ativo. Esse processo, portanto, deve ser pensado, planejado e efetivado com a preocupação e a responsabilidade do professor, com o auxílio da instituição escolar, dos atributos governamentais, bem como com a participação da sociedade. Uma educação de qualidade para todos não se faz sozinha, ela precisa estar envolvida com a realidade social, cultural, política, econômica e histórica que lhe cerca.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Secretaria de Educação Básica. **Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa**: o último ano do ciclo de alfabetização - consolidando os conhecimentos. Ano 3, Unidade 3. Brasília: MEC, SEB, 2012.

LIPOVETSKY, Noêmia. **Ciências**: Sentidos do corpo humano – 1ª série. Goiânia, Estado de Goiás: Secretaria de Educação e Cultura, 1996.

PIAGET, J. **A representação do mundo na criança**. Rio de Janeiro: Record, 1936.

_____. *Epistemologia Genética*. Petrópolis: Vozes, 1970.

SOARES, Magda. **Letramento**: um tema em três gêneros. Belo Horizonte: Autêntica, 1998.

APRENDENDO COM A SERPENTE

Michela Cristiane Stinghen de Souza¹
Morgana Rozza Tasca²
Dolores Follador³

O projeto surgiu durante as formações oferecidas pelo Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa, nas aulas de Matemática. Nosso objetivo principal era de despertar nas crianças, por meio da cantiga *História da Serpente*, diversos caminhos para a *aprendizagem interdisciplinar*, visando a aprendizagem da Matemática (números, gráficos etc.), bem como desenvolver conceitos correspondentes às demais disciplinas do currículo escolar, como: *leitura, escrita, habitat, ser vivo, instalação* (artes visuais).

Esse projeto foi realizado com 42 alunos, divididos nos turnos matutino e vespertino, dos primeiros anos do Ensino Fundamental da Escola Municipal de Ensino Fundamental Helmuth Guilherme Duwe, em Jaraguá do Sul/SC, no ano de 2014.

A cantiga foi o “carro-chefe” de todo o projeto, estabelecendo-se como o fio condutor das atividades elaboradas e apresentadas aos alunos. Os alunos conhecem diversas cantigas, por isso, para diferenciar, escolhemos a *História da Serpente* por meio de dramatização, trazendo ludicidade à atividade. Houve, para tanto, a confecção da roupa da serpente. A roupa era composta de uma camisa manga longa e uma calça com 10 aberturas nos quais as crianças colocaram suas cabeças, durante a dramatização. Vale ressaltar que o tecido utilizado imitou a pele da serpente e que outras três roupas foram confeccionadas.

Para dramatizar a cantiga, fizemos a escolha de três alunos que representariam a



Figura 1 - Dramatização da cantiga

Fonte: acervo pessoal da professora

serpente, sendo que os demais seriam os pedaços do rabo da serpente. À medida que a cantiga era cantada, a serpente escolhia uma criança para compor o seu rabo. A criança escolhida deveria passar entre as pernas e procurar a abertura livre para colocar a cabeça.

Em sala de aula, por meio da roda de conversa, a atividade escrita surgiu partindo dos questionamentos sobre as certezas e dúvidas que os alunos tinham em relação às serpentes, registrando-as em forma de lista em seus cadernos. Esse tipo de atividade é de grande importância para a prática da oralidade, bem como para sabermos os parâmetros que seguiremos durante o projeto. Nessa perspectiva, Bortoni-Ricardo (2004, p. 14) ressaltava que cabe à escola “[...] facilitar a ampliação da competência comunicativa dos alunos, permitindo-lhes apropriarem-se dos recursos comunicativos necessários para se empenharem bem, e com segurança, nas mais distintas tarefas linguísticas”.

Dúvidas acerca das serpentes – tais como qual ambiente em que vivem?; como nascem?; qual seu tempo de vida?; cobra e serpentes são a mesma coisa e só tem nomes diferentes?; do que se alimentam? – tornaram-se conteúdos de pesquisa em sala

de aula com o uso de recursos tecnológicos (*datashow, computador, internet*). Cabe ressaltar, ainda, a surpresa dos alunos em descobrir que algumas serpentes podem planar e outras cuspir, bem como em descobrir que há diferença entre cobras e serpentes, mesmo que elas pertençam a mesma espécie.



Figura 2 - Pesquisa em sala de aula

Fonte: acervo pessoal da professora

No dia seguinte, a professora retomou com a cantiga *História da Serpente*. Como atividade de escrita, cada criança recebeu

¹ Alfabetizadora. Licenciada em Pedagogia e Especialista em Educação Infantil e Séries Iniciais. Atua na Escola Municipal de Educação Básica Helmuth Duwe, em Jaraguá do Sul/SC.

² Orientadora de estudos. Licenciada em Pedagogia e Especialista em Educação Infantil e Séries Iniciais. Atua na Escola Municipal de Educação Básica Renato Pradi, em Jaraguá do Sul/SC.

³ Formadora. Licenciada em Matemática e Mestre em Educação Matemática. Atua na Secretaria de Estado da Educação do Paraná.

uma cópia da cantiga incompleta para escrever a (s) parte (s) que faltavam. Em outro momento, ilustraram as partes faltantes da cantiga. Através da roda de conversa, fizeram a interpretação da cantiga. Nesse momento os alunos foram questionados sobre quem estava descendo o morro e o que a serpente estava procurando.



Figura 3 - Ilustração das partes faltantes da cantiga

Fonte: acervo pessoal da professora

Os alunos, então, foram convidados pela professora para confeccionarem o morro da história da serpente. No início, cada aluno teve que recortar, colar e pintar pedaços de caixas de ovos para fazer uma serpente. Depois, amassando papel marrom, os alunos montaram o morro e pintaram algumas partes verdes para representar a vegetação presente no morro. Em seguida, os alunos recolheram diversos tipos de folhas nas proximidades da escola, para tornar o morro mais próximo do real. Para terminar a atividade, os alu-



Figura 4 - Construção da serpente com caixa de ovos

Fonte: acervo pessoal da professora

nos colocaram as serpentes no morro.

O objetivo dessa atividade, além de ilustrar a cantiga, foi trabalhar o conceito de *instalação*, das Artes Visuais.



Figura 5 - Colhendo as folhas

Fonte: acervo pessoal da professora

A Matemática esteve presente no *projeto* por meio da construção de gráfico de barras. O objetivo da atividade era fazer com que as crianças se apropriassem do conceito de *tratamento de informação*. Durante o *projeto*, fizemos duas construções de gráfico: na primeira construção, as crianças, ao término da dramatização da cantiga *História da Serpente*, foram colocadas uma ao lado da outra e uma foto foi tirada de cima, originando, assim, um gráfico de barras; a segunda construção foi feita utilizando pedaços de papel cortados em forma de quadrado. Cada pedaço de papel correspondia a uma criança e cada criança colava o seu pedaço na representação correspondente à sua respectiva serpente. Ao término da construção do gráfico houve a interpretação com questões relacionadas à matemática co-



Figura 6 - Morro da serpente

Fonte: acervo pessoal da professora

mo: “Quantos pedaços a serpente A tem a mais que a serpente B?”; “Qual serpente tem menos pedaços?”; “Quais serpentes têm a mesma quantidade de pedaços?”; “Ao todo quantos pedaços elas pegaram?”.



Figura 7 - Construindo gráfico com os alunos

Fonte: acervo pessoal da professora

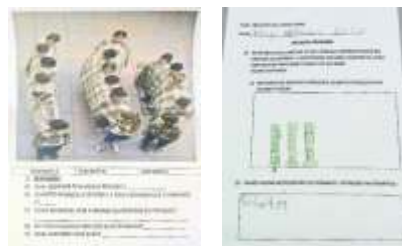
Outra atividade, envolvendo a Matemática, cabe ser mencionada neste relato: a construção de uma situação-problema que envolveu a dramatização da cantiga, para a qual os alunos teriam que representar, através de desenho, quantos pedaços cada serpente pegou. Em seguida, tiveram que fazer a representação em forma de operação matemática. Partindo do pressuposto que

Explorar situações realistas possibilita que as crianças possam imaginar e se colocar no cenário

do problema. Isso fica claro quando elas são estimuladas a representar o enunciado, a estratégia e a solução por meio de desenhos, esquemas, modelos manipuláveis e até por meio de histórias que as crianças podem ouvir, ler ou dramatizar (PNAIC, CADERNO 8, 2014).



Figura 8 - Gráfico elaborado pelos alunos
Fonte: acervo pessoal da professora



Figuras 9 e 10 - Interpretação do gráfico e situação problema
Fonte: acervo pessoal da professora

Dando continuidade às atividades, os alunos receberam uma serpente para escreverem os números cardinais (1 a 10), iniciando da direita para a esquerda. Na sequência, pintaram os números de acordo com o que os enunciados pediam: “Amarelo o número 5”; “Azul o antecessor do 3”; “Vermelho o sucessor do 7”; “Verde o número entre o 7 e o 5”; “Escrever os numerais que ficaram sem pintar”. O objetivo dessa atividade, bem como do gráfico, era aprimorar os conceitos de números e operações.

Após realizar as atividades, os alunos foram convidados para confeccionar o jogo da *Trilha da Serpente*. Uma enorme serpente desenhada no papel foi colocada no chão da sala de aula. Houve muita interação entre os alunos no momento em que



Figura 11 - Atividade com números
Fonte: acervo pessoal da professora

se posicionaram nas laterais do desenho, respeitando o espaço do outro, quando realizavam a pintura da serpente. Os alunos e a professora, nesse momento também na função de escriba, elaboraram os desafios do jogo, tais como: “Emitir o som de uma serpente”; “Você entrou no serpentário, para sair deste lugar resolva a operação $(18 - 9 = ?)$ ”; “Para seguir em frente, resolva $8 + 8 = ?$. Se acertar, avance uma casa. Se errar, fique uma rodada sem jogar”.

No dia seguinte, as crianças puderam jogar o jogo da *Trilha da Serpente*, cujo objetivo era aprimorar o uso do cálculo mental para resolver operações matemáticas, envolvendo adição e subtração, bem como assuntos relacionados à serpente.

[...] há outras formas próprias que cada criança pode expressar, seja por meio de desenho, esquemas, contagens ou outras. Este também pode ser um bom momento para estimular o cálculo



Figura 12 - Jogo da *Trilha da Serpente*
Fonte: acervo pessoal da professora

mental, solicitando às crianças que expressem como pensaram para chegar ao resultado (Jogos na Alfabetização da Matemática, p. 29).

O projeto culminou na exposição das atividades realizadas pelos alunos. Os demais alunos da escola poderiam visitar a Instalação do Morro da Serpente. Durante as atividades, as crianças foram avaliadas e participaram ativamente, demonstrando interesse, principalmente nas rodas de conversas que surgiam à medida que o projeto avançava.

Vale ressaltar que ficamos satisfeitos com os resultados obtidos e acreditamos que houve uma aprendizagem significativa sobre o conteúdo do projeto, enriquecido de novos conceitos da Matemática.

Trabalhar com projetos que tenham temas significativos faz com que haja maior envolvimento das crianças por meio da curiosidade, da criatividade e da imaginação, tornando-o grandioso e gratificante por possibilitar algo que desperte o interesse pela pesquisa e pela aprendizagem.

REFERÊNCIAS

- BORTONI-RICARDO, Stella M. **Educação em língua materna: a sociolinguística na sala de aula**. São Paulo: Parábola, 2004.
- BRASIL. Secretaria da Educação Básica. **Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa: Planejamento Escolar: Alfabetização e Ensino da Língua Portuguesa**. Ano 1, Unidade 2. Brasília: MEC, SEB, 2012.
- BRASIL. Secretaria da Educação Básica. **Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa: saberes matemáticos e outros campos do saber**. Brasília: MEC, SEB, Caderno 8, 2014.
- BRASIL. Secretaria da Educação Básica. **Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa: Jogos na Alfabetização Matemática**. Brasília: MEC, SEB, 2014.

VIAJANDO COM AS TRÊS PARTES

Leonora Maria Machado¹
Eliane de Almeida Dal Berto²
Fabiana Carmen Carneiro Bastos³

O projeto foi aplicado em turma de 1º ano, no ano de 2014, na Escola de Educação Básica Coronel Lara Ribas, pela professora alfabetizadora Leonora Maria Machado.

Baseado no livro *As Três Partes*, de Edson Luiz Kozminski, publicado pela editora Ática, em 1994, o projeto *Trabalhando a História d'As Três Partes nas Diferentes Disciplinas* teve como objetivo principal intensificar o ensino da oralidade, da leitura, da escrita, dos jogos matemáticos e das brincadeiras com a finalidade de ensinar, propiciando a construção do conhecimento e o aprofundamento dos conceitos através de práticas pedagógicas interdisciplinares.

Vale ressaltar que os conteúdos e as atividades que compõem esse projeto, sejam através da *leitura*, da *oralidade*, da *escrita*, do teatro, da contação de histórias, do recorte, da compreensão e da construção dos espaços físicos e sociais, do desenvolvimento dos conceitos matemáticos, utilizando as figuras geométricas, possibilitam ao aluno desenvolver a capacidade de organização, de análise, de reflexão, de argumentação e, ainda, uma série de atitudes que ensinam como lidar com as regras, com o ganhar e o perder, com o trabalho em equipe etc. Permite, além disso, o desenvolvimento individual e coletivo do aluno, ensinando-o a melhor forma de conviver socialmente, respeitando a diversidade e a individualidade de cada ser humano.

O livro que baseou esse *projeto* apresenta a história de três partes que, cansadas de formar uma casinha, resolvem sair

pelo mundo para procurar novas formas e cores, e vão se transformando, a cada novo cenário, em algo diferente, sempre juntando as três partes.



Figura 1 - Capa do livro que deu início à proposta

Fonte: Imagem disponível na Internet (Portal de pesquisa Google Imagens)

Ainda que o livro didático disponibilizado pelo Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa seja um apoio de suma importância para professores e alunos, os diversos materiais fornecidos pela escola e construídos por alunos e professores são igualmente importantes para o auxílio diário na prática pedagógica, pois compreendemos que, quanto mais diversificadas as práticas, maior é a possibilidade de uma efetiva apropriação do conhecimento pelo aluno.

Buscamos contemplar, ao iniciarmos o planejamento da atividade, os *direitos de aprendizagem* no ciclo de *alfabetização*. Com o objetivo de promover a comunicação oral e escrita, utilizamos diversas formas de linguagem, tais como: desenhos, cores, imagens, figuras geométricas, jogos matemáticos, espaços de convivência, dentre outras atividades que contribuiram para o desenvolvimento do conheci-

mento interdisciplinar do aluno.

Também priorizamos o desenvolvimento da capacidade de criar e recriar, a partir de figuras geométricas e dos jogos matemáticos disponibilizados na caixa do programa; a ampliação da capacidade interpretativa, tendo como referência o texto, os espaços de convivência e as formas geométricas; o aperfeiçoamento do aluno enquanto leitor e produtor da sua própria história e a *interdisciplinaridade*, trabalhando a *Linguagem*, a *Linguagem Matemática*, as *Artes* e *Geografia*.

A professora, inicialmente, leu o livro do acervo para os alunos e fez algumas questões, desde a localização de informações até as de inferências, tais como:

1. O texto começa falando de qual objeto?
2. De acordo com o texto, ela se desmontou em quantas partes?
3. Quais os nomes dessas três partes?
4. Em sua opinião, em que mais *as três partes* poderiam se transformar?
5. Você concorda com a casa em querer se transformar em outras coisas? Justifique a sua resposta.
6. Se você pudesse se transformar, em que você se transformaria?
7. Retire do texto palavras que tem *m* ou *n* no meio das palavras.
8. Pinte no texto a 1ª frase e a última frase.
9. Retire do texto frases que tem as pontuações: ! e .

¹ Alfabetizadora. Licenciada em Pedagogia e Especialista em Alfabetização e Letramento. Atua na Escola de Educação Básica Coronel Lara Ribas, em Chapecó/SC.

² Orientadora de estudos. Licenciada em Pedagogia e Especialista em Alfabetização e Letramento. Atua como Integradora do Ensino Fundamental da 4ª GERED, em Chapecó/SC.

³ Formadora. Licenciada em Letras e Mestre em Literatura. Professora da rede municipal de São José/SC e Analista Técnico-Administrativo na área de Letras do Estado de Santa Catarina.

10. Copie as frases trocando as palavras grifadas pelo antônimo.

As três partes **gostaram** do que viram.

Por causa disso ela se **desmontou** em três partes.

As três partes pularam da janela para **dentro** da casa.

11. Enumere de acordo com a ordem em que aparecem os personagens no livro.

- Casa
- Três partes
- Pássaro
- Barco
- Peixe
- Vaso
- Raposa
- Ponte
- Escorregador
- Gangorra
- Cidadezinha
- Uma cidade com um enorme terreno

Os alunos fizeram os registros no caderno e, em seguida, socializaram as respostas, ao passo que a professora ia fazendo o trabalho de *análise linguística* sem precisar se afastar do texto.

Cada aluno fez o registro em forma de *resumo* sobre a história lida. Encerrada a parte de interação por meio do livro, a professora os chamou para uma nova atividade, o *Teatro com Fantoches*, seguindo um roteiro pré-estabelecido, em que cada grupo escreveu suas falas para apresentar:

- 1) Partir da história de *As Três Partes*, organizar e escolher outros personagens.
- 2) Preparação: cada aluno escolhe um



Figura 2 - Alunos em frente à casa construída por eles para o teatro
Fonte: acervo pessoal da professora

personagem que se caracteriza pelas formas geométricas;

- 3) Organização do espaço das crianças: formar grupos de 3 a 5 crianças, cada um com seus personagens.
- 4) Orientação para o professor: O professor dará as orientações para que cada grupo crie uma história incluindo todos personagens.



Figura 3 - Releitura do livro as três partes
Fonte: acervo pessoal da professora



Figura 4 - Confeção do tapete para o jogo e teatro
Fonte: acervo pessoal da professora

Após o teatro, a professora promoveu um amplo debate de interpretação e de produção de texto com base no teatro, propondo, na sequência, uma produção de releitura



Figura 5 - Alunos brincando com as formas geométricas no tapete
Fonte: acervo pessoal da professora



Figura 6 - Formando a cidade com as três partes
Fonte: acervo pessoal da professora

tura da obra *As três partes*. Cada aluno recebeu um livreto com as imagens do livro, sem as cores e sem o texto original, para que produzisse sua própria história e, posteriormente, compartilhasse com os colegas da turma e com os alunos da escola.



Figura 7 - Utilizando as tic's para desenvolver a coordenação motora
Fonte: acervo pessoal da professora

Outras atividades desenvolvidas a partir do livro, envolvendo a ludicidade e os jogos, presentes no ciclo de *alfabetização* em prol da apropriação dos conhecimentos preestabelecidos pelo professor foram realizadas.



Figura 8 - Jogo da velha com formas geométricas
Fonte: acervo pessoal da professora



Figura 9 - Números pares e ímpares

Fonte: acervo pessoal da professora

Se o ato de ler histórias pode nos levar a lugares desconhecidos, gerando emoção e interação com os personagens, nos transformando em amigos, se ler inclui prazer e lazer, se é possível, ainda, ler em diferentes lugares e em diferentes condições, compreendemos que essa proposta vai além da escola, tomando a vida do aluno. Em cada etapa, foi perceptível a progressão em relação aos conhecimentos que os alunos conseguiram se apropriar, com a certeza de que muito ainda é possível fazer.



Figura 10 - Jogo do dobro, par, ímpares, adição, subtração, multiplicação, divisão

Fonte: acervo pessoal da professora

O planejamento das aulas possibilitou reflexões acerca da mudança na prática docente, que passou a nos exigir conteúdos e identificar os interesses dos alunos, detectando necessidades de aprendizagens de modo a ampliar a imersão desses alunos nas exigências sociais que requer a escrita.

REFERÊNCIAS

- BRASIL. Secretaria de Educação Básica. **Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa: Jogos na Alfabetização Matemática**. Brasília: MEC, SEB, 2014.
- BRASIL. Secretaria de Educação Básica. **Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa: Interdisciplinaridade no ciclo de alfabetização**. Caderno 03. Brasília: MEC, SEB, 2015.
- KOZMINSKI, Edson Luiz. **As três partes**. São Paulo: Editora Ática, 1986.
- Santa Catarina, Secretaria de Estado da Educação, Ciência e Tecnologia. **Proposta Curricular de Santa Catarina: Estudos Temáticos**. Florianópolis: IOESC, 2005.

Desenvolvemos o trabalho que será relatado em uma turma de 1º ano, com 22 alunos, na Escola Básica Municipal Santa Maria Goretti, no município de São Lourenço do Oeste, em Santa Catarina. Compreendemos ser a *sequência didática* uma das possibilidades de maior sucesso nos processos de ensino e aprendizagem.

O trabalho com sequências didáticas permite a elaboração de contextos de produção de forma precisa, por meio de atividades e exercícios múltiplos e variados com a finalidade de oferecer aos alunos noções, técnicas e instrumentos que desenvolvam suas capacidades de expressão oral e escrita em diversas situações de comunicação (DOLZ, 2004).

A partir dos *direitos de aprendizagem* para a Matemática, propostos pelo Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa, apresentamos as atividades aos alunos, procurando contemplar os seguintes direitos:

identificar os números em diferentes contextos e funções; utilizar diferentes estratégias para quantificar, comparar e comunicar quantidades de elementos de uma coleção nas brincadeiras e em situações nas quais as crianças reconheçam a sua necessidade; elaborar e resolver problemas de estruturas aditivas, utilizando estratégias próprias como desenhos, representações numéricas e palavras (Caderno PNAIC, Ano 2, Unidade 4, 2012, p. 22).

No primeiro momento, convidamos as crianças para brincarmos no pátio da escola. Lá, solicitamos às crianças que formassem um círculo para quantificarmos por meio de tampinhas de garrafa PET cada número que era retirado de uma cai-

xa surpresa. Na caixa, coloquei numerais de 0 a 10 para que cada criança organizasse a quantidade de tampinhas necessárias para representar o número sorteado.



Figura 1 - Quantificando tampinhas

Fonte: acervo pessoal da professora

Solicitei à turma que dois alunos se juntassem e somassem seus números de tampinhas a fim de que todos do círculo pudessem observar o processo de adição que estava sendo realizado.



Figuras 2 e 3 - Quantificando e registrando

Fonte: acervo pessoal da professora

Após essa atividade, desafiamos os alunos a jogarem *dominó*, não com as regras tradicionais, mas com a regra que todas as peças só possam se encaixar se o re-

sultado da soma for 6. Os alunos, no início, demonstraram um pouco de dificuldade até começarem a perceber que o dominó com duas bolinhas não poderia se encaixar com outro de duas bolinhas, pois a soma, dessa maneira, resultaria em 4. Precisavam, portanto, de uma peça que tivesse quatro bolinhas, pois aí sim, 2 somadas com 4 resultariam no total de 6 bolinhas.



Figura 4 - Jogando Sempre 6

Fonte: acervo pessoal da professora

No desenrolar da atividade, foi grande a interação entre os alunos. Os alunos ficaram encantados porque, nesse jogo, inicia com o resultado das pontas das peças com seis bolinhas e termina com seis bolinhas. Retornamos para sala de aula, ao final do jogo.

Em duplas, jogamos *Atravessando a Mata*, que envolve a adição, necessitando que os alunos somassem o valor sorteado nos dois dados que tinham para atraves-

¹ Professora. Licenciada em Pedagogia e Especialista em Séries Iniciais. Professora da Escola Básica Municipal Santa Maria Goretti, São Lourenço do Oeste/SC.

² Orientadora de estudos. Licenciada em Pedagogia e Especialista em Séries Iniciais. Professora da Escola Básica Municipal Santa Maria Goretti, São Lourenço do Oeste/SC.

³ Formadora. Licenciada em Letras, Especialista em Didática e Metodologia do Ensino e Mestre em Ciências da Linguagem. Professora de Educação Básica na rede estadual de ensino.

sar a mata de acordo com a casa em que estava cada personagem do jogo, nesse caso, eram personagens do folclore os quais havíamos estudado na disciplina de Língua Portuguesa. A criança vencedora foi aquela que conseguiu passar todas as suas peças para o outro lado da mata, ou seja, aquela que sorteou as somas exatas de onde estavam seus personagens.



Figura 5 - Jogando *Atravessando a Mata*
Fonte: acervo pessoal da professora

Realizamos atividades práticas de adição e de subtração, em sala de aula. No coletivo, resolvemos situações-problema, contando nos dedos, com palitos de picolé e, ainda, com canudos. Ao escrever situações-problema, os alunos ousaram da imaginação para criar operações. Com muita criatividade, percebemos que alguns alunos tinham maior facilidade na oralidade e sugeriam numerais, enquanto os demais separavam os materiais para resolver a operação, utilizando material concreto. Uma criança do grupo era escolhida para registrar e, assim, cada grupo realizou dezenas de cálculos como se estivessem brincando de inventar. Todos os grupos conseguiram, com êxito, socializar suas criações.

Percebemos que as crianças poderiam fazer mais, então distribuímos, aos grupos, desafios matemáticos para que resolvessem a seu modo. O desenvolvimento da atividade dependeria do grupo: a leitura, a interpretação, o desenho, toda a resolução da atividade. Eles não tiveram dificuldade em elaborar os algoritmos.

Fizeram ricos desenhos em cartazes, demonstrando não haver dúvida na compreensão do problema em questão.



Figura 6 - Cartazes com ilustrações
Fonte: acervo pessoal da professora

Pedi, no momento seguinte, para que os grupos pensassem e escrevessem situações-problema, usando os materiais que tinham na nossa *Caixa Matemática* e, se desejassem, poderiam usar recortes, ousando e inventando. Para fechar, as crianças socializaram suas produções. Um orador por grupo explanou o trabalho realizado e sua trajetória: a elaboração da ideia, a confecção do material, a escrita, a ilustração e, também, como se sentiram ao realizarem as atividades. Afinal, como afirma Paulo Freire (2004), é na palavra, no trabalho, na ação-reflexão, que os homens se fazem. Compreendemos, portanto, a importância de oportunizar momentos como esses, na sala de aula.



Figura 7 - Socialização das produções
Fonte: acervo pessoal da professora

São vários os autores que consideram o trabalho em grupo como uma estratégia importante para a consolidação do aprendizado. Os estudos sobre desenvolvimento intelectual, do psicólogo Lev Vygotsky, no início do século XX, atribuíram papel às relações interpessoais no processo de apropriação do conhecimento. Ao longo dos anos, pensadores como Piaget

(1987), Vigotski (2007) e Freire (2004) mostraram que a aprendizagem depende de uma ação de mão dupla.

Compreendemos ser a ludicidade um caminho prazeroso para a aprendizagem. Sabemos que o brincar faz parte de ser criança, então, ressaltamos a importância de aproveitarmos isso para fazer com que avancem em sua aprendizagem.

Segundo Neves (2002), o lúdico induz, de forma natural, à motivação e à diversão. As atividades lúdicas possibilitam que as crianças reelaborem, criativamente, sentimentos e conhecimentos e edifiquem novas possibilidades de interpretação e de representação do real, de acordo com suas necessidades, seus desejos e suas paixões.

Acreditamos ter proporcionado às crianças contato com a adição, a subtração, a escrita, a oralidade e a leitura de uma forma interativa criança/criança, criança/objeto e criança/professora, considerando as atividades desenvolvidas que exploraram a participação coletiva das mesmas.

REFERÊNCIAS

- BRASIL. Secretaria de Educação Básica. **Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa**: Vamos brincar de construir as nossas e outras histórias. Ano 2, Unidade 4. Brasília: MEC, SEB, 2012.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2004.
- NEVES, Lisandra Olinda Roberto. **O lúdico nas interfaces das relações educativas**. 2002. Disponível em: <<http://www.centrorefeducacional.com.br/ludico.htm>>. Acesso em: 14 fev. de 2009.
- PIAGET, Jean. **O nascimento da inteligência na criança**. Rio de Janeiro: Guanabara, 1987.
- VIGOTSKY, Liev Semionovich. **Formação Social da Mente**: o desenvolvimento dos processos psíquicos superiores. São Paulo: Editora Martins Fontes, 2007.

ANÁLISE DE ESTRATÉGIAS PESSOAIS PARA RESOLUÇÃO DE SITUAÇÕES-PROBLEMA

Raquel da Silva¹
Jovino Luiz Aragão²

O presente trabalho teve como objetivo desenvolver a elaboração, a interpretação e a resolução de situações-problema, envolvendo o campo conceitual aditivo, a partir da exploração de estratégias pessoais utilizadas pelos estudantes. O trabalho foi desenvolvido com duas turmas de 1º ano da E. M. E. I. E. F. Ângelo Félix Uggioni, no município de Criciúma/SC, com 17 alunos cada. A faixa etária dos estudantes das turmas varia entre 5 e 7 anos.

A *sequência didática* teve início com a leitura do livro *Poemas Problemas* de Renata Bueno. Essa obra é composta por situações-problema, em forma de poemas, que exploram diversos conteúdos e conceitos matemáticos, estruturados e organizados de forma bastante criativa e lúdica.



Figura 1 - Capa do Livro *Poemas Problemas*
Fonte: acervo pessoal da professora

Após a leitura, as crianças puderam manusear o livro e, na sequência, apresentamos um cartaz com a escrita do primeiro problema, envolvendo o *campo conceitual aditivo de composição simples*, o qual dizia: No aquário que comprei, há 2 peixinhos vermelhinhos, 1 laranja que é o rei e mais 9 amarelinhos. Ao todo, contando juntos, quantos peixinhos são?



Figura 2 - Aluno lendo o problema
Fonte: acervo pessoal da professora

Combinamos que os alunos resolveriam esse desafio, após a leitura do problema pela professora e por alguns alunos. Foi necessário fazer a leitura várias vezes, para que os alunos não alfabetizados tivessem condições de reunir os dados necessários para a resolução. Utilizando uma folha sulfite, iniciaram as tentativas de resolução. Antes de fazerem algum tipo de registro escrito, discussão entre eles teve início, aparecendo respostas como: *Eu acho que é 10; Não! é 9; É 12; É 11; É 400; É 13; Ué, esse cara comprou um aquário e não sabe quantos peixes tinha dentro?*

Percebemos que algumas respostas não eram fundamentadas nos dados do problema, sendo apenas tentativas de acerto, sem critérios de resolução e raciocínio lógico-matemático. Aos poucos, passaram a pensar, utilizando critérios matemáticos. Vejamos alguns exemplos:

- *Tem 2, bota mais 1, bota mais 9, dá... não sei!* (aqui o aluno não utilizou

nenhum recurso para contagem, apenas verbalizou o seu raciocínio);

- *Vou fazer um aquário e desenhar os peixinhos;*
- *Primeiro vou fazer o rei com uma coroa, depois os vermelhinhos e os amarelinhos;*
- *1 mais 2, mais 9, dá: 1 2 3 4 5...* (aqui o aluno agrupou seus dedos em 2, 1 e 9 e depois contou até 12, abaixando cada um; pediu ao colega do lado dois dedos “emprestados” para completar 9);
- *2 mais 1, mais 9 dá 12!* (o aluno reuniu seus lápis de cor em grupos de 2, 1 e 9 e, depois, contou todos juntos);
- *2 mais 1... 1 mais 9 dá 10... 10 mais 2 dá 12.* (o aluno utilizou seus dedos para contar, mas o 9 apenas mentalizou, não sendo necessário mais dedos do que tem em suas mãos).

Após a exposição oral de ideias, fizeram o registro escrito, enquanto a professora passava de carteira em carteira para compreender os raciocínios empregados e realizar as intervenções pedagógicas necessárias a fim de auxiliar a compreensão. As crianças apresentaram diferentes modos de registro e de raciocínio aditivo.

Apresentaremos alguns desses registros (figuras a seguir) e faremos uma breve análise no que concerne à estratégia

¹ Professora e Orientadora de estudos. Licenciada em Pedagogia, Especialista em Fundamentos Psicopedagógicos do Ensino e Mestre em Ciências da Linguagem. Atua na rede municipal de ensino de Criciúma/SC.

² Formador. Licenciado em Matemática, Especialista em Matemática - Gestão Escolar e Mestre em Educação. Diretor da E.B.M. Wilhelm Theodor Schürmann, Blumenau/SC.

pessoal empregada para resolver o problema. Todas as crianças desenharam os peixes dentro do aquário. A maioria pintou com as mesmas cores apresentadas no problema, como um recurso para organizar o raciocínio da adição e, depois, elas registraram o número que representa a quantidade de peixes no aquário, nesse caso, 12.



Figuras 3 e 4 - Resolução do problema
Fonte: acervo pessoal da professora

Conforme figura acima, as crianças desenharam e contaram 12 peixinhos, pintando com cores aleatórias, demonstrando que sabem que o mais importante é conservar a quantidade e não a cor.

Algumas, ainda, desenharam a quantidade correta, mas não conseguiram fazer a contagem dos peixes espalhados no aquário porque não houve uma ordem, fazendo que eles contassem duas vezes o mesmo peixe ou mesmo deixassem algum sem contar.

Também ocorreu uma situação em que a criança juntou 2 mais 9, porque eram os números que apareciam escritos no problema em forma de algarismo, mas o número 1 foi ignorado porque estava escrito por extenso, sendo, portanto, compreendido como uma palavra e por isso não incluiu na contagem.

Após desenharem os doze peixinhos, algumas crianças elaboraram tentativas de representação, utilizando números e símbolos.

Outros alunos fizeram, ainda, a representação do algoritmo com números e símbolos antes de desenhar, utilizando os dedos e lápis de cor para fazer a contagem.

A professora solicitou que explicassem o significado de cada número e símbolo. Por exemplo, no registro $2 + 1 = 3 + 9 = 12$, a criança explicou: *Dois vermelhinhas mais um que é o rei dá três peixinhos, três peixinhos mais nove amarelinhos dá 12 peixinhos.*



Figura 5 - Resolução do problema
Fonte: acervo pessoal da professora

Algumas crianças não compreenderam o conceito aditivo presente no problema e fizeram desenhos de aquários com peixes, sem empregar qualquer tipo de raciocínio lógico-matemático, mesmo após a intervenção da professora que fazia perguntas específicas sobre os dados do problema.



Figura 6 - Resolução do problema
Fonte: acervo pessoal da professora

Após o término dessa atividade, os alunos foram desafiados a apresentarem, oralmente, as estratégias utilizadas, com o auxílio da professora que registrava as estratégias na lousa. Esse momento foi muito importante porque a socialização possibilitou o aprofundamento e a consolidação dos conteúdos e conceitos envolvidos, a percepção de diferentes estratégias de resolução e avaliação das suas próprias estratégias.

É importante que as estratégias individuais sejam estimuladas. São elas que possibilitam aos alunos vivenciarem as situações matemáticas articulando conteúdos, estabelecendo relações de naturezas diferentes e decidindo sobre a estratégia que desenvolverão. A socialização dessas estratégias com toda a turma amplia o repertório dos alunos e auxilia no desenvolvimento de uma atitude mais flexível frente a resolução de um problema (BRASIL, 2014).

Lançamos, em aula seguinte, a proposta de criação coletiva de poemas problemas. Para isso, lemos novamente o livro. As crianças ficaram bastante animadas com a proposta e todos queriam colaborar. Enquanto lançavam suas ideias, a professora, como escriba, registrava na lousa. Foram produzidos os seguintes problemas envolvendo o *campo conceitual aditivo de transformação simples*:

- Havia uma casinha em cima de uma montanha. A casinha desmoronou com 15 pessoas dentro, duas morreram. Quantas ficaram?
- Na casa da vizinha tinha 2 cracinhas. Chegaram mais 17 para uma festinha. Quantas crianças estão na casa da vizinha?

As crianças, nos dias seguintes, foram desafiadas a interpretar e resolver outras situações-problema, a partir de estratégias pessoais. O contrato didático utilizado nessa atividade foi o mesmo apresentado anteriormente: a professora faz a leitura do problema várias vezes, tendo em vista que há alunos não alfabetizados; as crianças interpretam, elaboram e registram suas estratégias em folha sulfite, enquanto a professora acompanha as falas e os registros para compreender os raciocínios empregados e realizar as intervenções pedagógicas necessárias; por último as crianças socializam com os colegas suas estratégias pessoais, com auxílio da professora que registra na lousa.

Um dos problemas do *campo conceitual*

de composição simples trabalhado foi o seguinte: A cozinheira trouxe 12 canecas de suculhos com leite e 5 sem leite. Quantas canecas ela trouxe? Algumas estratégias pessoais foram elaboradas para a resolução desse problema.

Alguns alunos desenharam 12 canecas com leite dentro e mais 5 canecas sem leite. Depois contaram todas juntas e anotaram o resultado final. Além de desenharem as canecas, algumas crianças desenharam, também, a situação apresentada no problema, a cozinheira servindo o lanche, a bandeja com as canecas dentro, a sala de aula com a professora e os colegas, utilizando, também, números e símbolos para representar por meio de algoritmos seu raciocínio aditivo.



Figura 7 - Resolução do problema

Fonte: acervo pessoal da professora

Outros desenharam 12 canecas com leite dentro e mais 5 canecas sem leite, lançando mão de números e símbolos para representar por meio de algoritmo seu ra-



Figura 8 - Resolução do problema

Fonte: acervo pessoal da professora

ciocínio aditivo, quando já sabiam o resultado. Outros, ainda, fizeram o algoritmo $12 + 5 = ?$ e pediram tampinhas ou cubinhos para a contagem da adição, escrevendo o número 17 ao lado do sinal de igual. Alguns utilizaram risquinhos e bolinhas para representar as canecas.

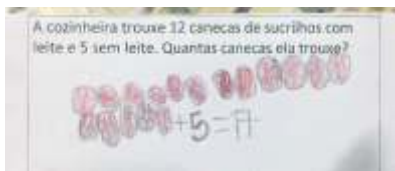


Figura 9 - Resolução do problema

Fonte: acervo pessoal da professora

Também teve aluno que desenhou doze canecas, depois mais cinco e acrescentou $(+ 5 = 17)$; que desenhou 12 canecas e depois mais 5, uma ao lado da outra, para identificar as canecas com leite marcou um pontinho em cima delas; que marcou as 12 canecas sem leite com um risquinho.



Figura 10 - Resolução do problema

Fonte: acervo pessoal da professora

Observamos, também, que as crianças utilizaram diferentes estratégias para resolver as situações-problema e não tiveram dificuldade para evidenciar o raciocínio empregado. Compreendemos, desse modo, que não se faz necessário que a professora leve os alunos a executarem, mecanicamente, a resolução de problemas, seguindo orientações pré-estabelecidas.

Se os alunos estiverem repetindo procedimentos, ou executando o que lhes for dito para fazer, não estarão desenvolvendo estratégias de resolução. O problema estará se convertendo em exercício de repetição ou em execução algorítmica (BRASIL, 2014).

Desafiando os alunos a pensarem e falarem sobre as estratégias de resolução utilizadas, é possível compreender o processo de aprendizagem e identificar as possíveis dificuldades. É muito importante que a professora se certifique que cada criança compreendeu o problema e consegue reconhecer os dados necessários para a resolução. São os próprios alunos que decidem como resolverão o problema, isto é, qual estratégia será empregada na resolução do mesmo. É bastante comum a criança não conseguir resolver o problema porque não conhece os dados necessários ou porque, naquele momento, não dispõem de recursos lógico-matemáticos suficientes para aquela atividade.

O processo de socialização das estratégias foi de expressiva importância, pois, tendo em vista que o processo de aprendizagem ocorre na interação com o outro, é muito valioso que as crianças possam discutir os resultados e o modo como chegaram até ele. Ao conhecer diferentes modos de pensar, a criança está ampliando seus conhecimentos e reforçando sua aprendizagem. Por fim, a interação entre os alunos e a professora, nessa sequência didática, possibilitou a elaboração dos conceitos matemáticos e de novas estratégias de resolução.

REFERÊNCIAS

- BRASIL. Secretaria de Educação Básica. **Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa**: Operações na resolução de problemas. Brasília: MEC, SEB, 2014.
- BUENO. Renata. **Poemas problemas**. São Paulo: Editora do Brasil, 2011.

DEZ SACIZINHOS – O LÚDICO NA ALFABETIZAÇÃO E NA MATEMÁTICA

Ana Cristina B. H. dos Santos¹
Suzane M. Z. Manchein²
Zenilda B. Ceregatti³
Lisete Hahn Kaufmann⁴

Compreendemos a escola como um local no qual o estudante tem a possibilidade de desenvolver suas potencialidades e adquirir novos conhecimentos. Uma aula inovadora deixa os estudantes mais motivados para a aprendizagem e para a realização de suas atividades em sala de aula. O relato dessa experiência se baseia em uma *seqüência didática* aplicada pelas professoras alfabetizadoras em uma turma de 1º ano, com 20 alunos entre 6 e 7 anos, do Centro Municipal de Ensino Luiz Zanchett, no município de Abdon Batista/SC.

A *seqüência didática* teve início com a apresentação do livro *Dez sacizinhos*, de Tatiana Belinky. Trata-se de um livro rímado que contempla a seqüência numérica e que despertou a curiosidade das crianças, pois os dez sacizinhos iam sumindo um de cada vez, no decorrer da história. No final, todos tiveram uma grande surpresa: a Cuca trouxe os sacizinhos de volta.



Figura 1 - Capa do livro utilizado
Fonte: acervo pessoal das professoras

Os alunos observaram a capa do livro e foram instigados a imaginar a que se refere a história, quais os personagens e qual era o local que a narrativa acontecia. Após a leitura, propomos uma atividade

oral de interpretação a fim de verificar-se se os alunos haviam compreendido o enredo.



Figura 2 - Apresentação e leitura da história *Dez Sacizinhos*

Fonte: acervo pessoal das professoras

Com o intuito de elucidar as atividades seguintes, exibimos um episódio do programa *Sítio do Pica-Pau Amarelo*, sob o título de *O Saci*, e mostramos alguns cantos relacionados ao personagem. Vale ressaltar que a *leitura* deleite esteve presente em todo o momento da *seqüência didática*. Levamos um fantoche do *Saci* e trabalhamos sobre este personagem.



Figura 3 - Alunos observando o fantoche do *Saci*

Fonte: acervo pessoal das professoras

Os alunos comentaram acerca das características do *Saci* e cada um desenhou o personagem no seu caderno. Escreveram a palavra *SACI*, identificaram suas sílabas e, com o auxílio das professoras, quando se fez necessário, escreveram outras palavras relacionadas à letra *S*.

Em seguida, trabalhamos com algumas palavras do texto, tais como fogo, dez, biscoito e comida. Os alunos escreveram, leram, separaram sílabas e formaram frases. Realizamos, também, uma atividade com frases enigmáticas relacionadas ao personagem. Os alunos produziram frases a partir de palavras relacionadas à história e ilustraram as páginas do enredo.



Figura 4 - Atividade realizada pelos alunos com as frases enigmáticas

Fonte: acervo pessoal das professoras

Os alunos leram, individual e coletivamente, um pequeno texto sobre o *Saci*; fizeram a reescrita do texto, em seu caderno; e um ditado com palavras presentes no texto.

Na seqüência, os alunos foram instigados a perceber palavras, presentes na história, que terminavam com o mesmo som. Identificamos, assim, as rimas da história,

¹ Alfabetizadora. Especialista em Interdisciplinaridade, Ludicidade e Gestão Educacional e Mestre em Educação. Atua na rede pública municipal de ensino de Abdon Batista/SC.

² Professora. Licenciada em Pedagogia, Especialista em Interdisciplinaridade, Ludicidade e Gestão Educacional. Atua na rede municipal de ensino de Abdon Batista/SC.

³ Orientadora de estudos. Licenciada em Pedagogia, Especialista em Gestão Escolar. Atua como Orientadora Pedagógica no Centro Municipal de Ensino Luiz Zanchett, no município de Abdon Batista/SC.

⁴ Formadora. Licenciada em Pedagogia, Especialista em Educação - Mídias na Educação e Mestre em Educação. Atua na Extensão da FAI Faculdades de Itapiranga/SC.

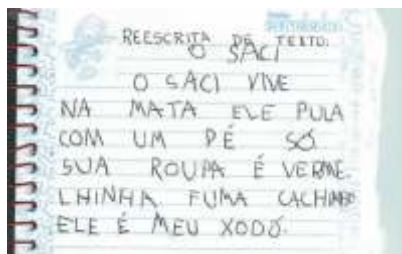


Figura 5 - Reescrita do texto
Fonte: acervo pessoal da professora

ao passo que os alunos observaram que, para cada numeral, havia uma rima: um – urucum; dois – arroz; três – xadrez; quatro – teatro; cinco – brinco; seis – leis; sete – charrete; oito – biscoito. Cada aluno buscou encontrar outras rimas para os números e, em seguida, registraram os pares de rimas em seu caderno.

Propomos uma nova atividade que envolvesse rimas, e os alunos encontraram rimas para os seus nomes. As professoras possibilitaram aos alunos pensar sobre as palavras com sons parecidos no final e refletir sobre a relação entre as partes faladas e partes escritas do sistema de escrita alfabética, pois, segundo Leite e Morais (2012, p. 24) “a capacidade de refletir sobre partes sonoras das palavras é uma condição necessária para a criança avançar em direção a uma hipótese alfabética [...]”.

Com essa mesma temática, realizamos outras atividades: trabalhamos os conceitos de singular e plural, destacando algumas palavras que, na história apareciam na sua forma singular e plural; trabalhamos, também, os conceitos de aumentativo e diminutivo, aproveitando palavras da his-



Figura 6 - Alunos com o origami do Saci produzidos por eles
Fonte: acervo pessoal das professoras

tória, como biscoito/biscoitinho/biscoitão e charrete/charretinha/charretão; propomos a construção de um origami do Saci.

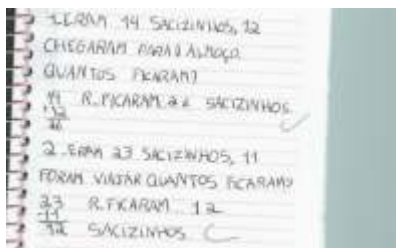


Figura 7 - Situações problemas resolvidas pelos alunos
Fonte: acervo pessoal das professoras

Paralelamente às atividades de alfabetização, trabalhamos atividades com enfoque matemático. Aproveitando a sequência numérica da história, trabalhamos número e numeral, em ordem crescente e decrescente. Os alunos realizaram atividades envolvendo número sucessor e antecessor, além de operações e situações-problema de adição e subtração envolvendo o Saci.



Figura 8 - Alunos com o Saci das formas geométricas confeccionados com jornal
Fonte: acervo pessoal das professoras

Confeccionamos, ainda, um saci com figuras geométricas, identificamos os formatos presentes – círculo, quadrado, retângulo e triângulo – e relacionamos esses



Figura 9 - Alunos pulando amarelinha
Fonte: acervo pessoal das professoras

formatos aos objetos presentes na sala de aula. Em seguida, cada aluno montou, com recortes de jornal, o seu Saci com figuras geométricas.

Aproveitamos a famosa característica do Saci de pular em uma perna só para pularmos *amarelinha*, no pátio da escola, proporcionando um momento muito agradável, em que os alunos relacionaram os números pintados na amarelinha à ordem crescente e decrescente, estudada em sala de aula. Para Sobczak, Rolkowski e Maccarini (2014, p. 5), “o jogo pode propiciar a construção de conhecimentos novos, um aprofundamento do que foi trabalhado ou, ainda, a revisão de conceitos já aprendidos”. Cabe destacar que os jogos possibilitam aos alunos desenvolver capacidades, tais como a análise, a organização, a reflexão e a argumentação. Elas aprendem a ganhar e a perder, a trabalhar em equipe e a respeitar as regras estipuladas.

No intuito de integrar diferentes saberes e áreas do conhecimento, com a ajuda da professora de Artes, Itaciani, os alunos confeccionaram um Saci com rolos de papel higiênico.



Figura 10 - Alunos confeccionando Saci durante a aula de Artes
Fonte: acervo pessoal das professoras

Os Saci's confeccionados foram usados num jogo que contemplava adições e subtrações, o qual, além de ser jogado pelos alunos, foi apresentado na Feira de Matemática.

As atividades realizadas na sequência didática tiveram a duração de, aproxima-



Figura 11 - Alunos durante a Feira de Matemática

Fonte: acervo pessoal das professoras

damente, um mês. Observamos, durante o tempo, o envolvimento dos alunos na realização das atividades propostas. Sabemos da importância de trabalharmos com situações que despertem o interesse, pois enquanto aprendiam, os alunos se divertiam, fazendo com que essa experiência fosse rica em aprendizagem.

O trabalho pedagógico realizado a partir das *sequências didáticas* torna-se uma ferramenta pedagógica imprescindível para a efetivação da aprendizagem dos alunos. Nesse sentido, visamos a ludicidade, buscando atrair o interesse, despertar a imaginação e a participação dos alunos, comprovando, assim, a importância do trabalho realizado com as *sequências didáticas*.

REFERÊNCIAS

- BELINKY, Tatiana. **Dez saczinhos**. São Paulo: Paulinas, 2007.
- LEITE, Maria S. B. Rios; MORAIS, Artur Gomes de. O Ensino do Sistema de Escrita Alfabética: por que vale a pena promover algumas habilidades de consciência fonológica. In: BRASIL. Secretaria de Educação Básica. **Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa**: A aprendizagem do sistema de escrita alfabética. Brasília: MEC, SEB, 2012.
- SILVEIRA, Everaldo. et al. **Alfabetização de crianças de 6 a 8 anos**: relatos de experiência docente. Vol. II. Florianópolis: UFSC/CED/NUP, 2016.
- SOBCZAK, Anne Heloíse C. S.; ROLKOUSKI, Emerson; MACCARINI, Justina C. M. In: BRASIL. Secretaria de Educação Básica. **Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa**: Jogos na Alfabetização Matemática. Brasília: MEC, SEB, 2014.

NASCENTES, UM BEM PRECIOSO

Adriana Maria Tonial Piaia¹
Claudia Elizabet Fávero Boccalon²
Maira Gledi Freitas Kelling Machado³

A experiência relatada foi realizada no Centro Educacional Municipal Frei Silvano, uma escola pública municipal, localizada no município de Água Doce/SC. O trabalho foi desenvolvido no ano de 2015, com os alunos dos 2^{os} anos dos turnos matutino e vespertino, sendo um total de 41 alunos, na faixa etária de 7 e 8 anos.

Compreendendo que a água é um bem valioso, consideramos importante desenvolver um trabalho pedagógico que facultasse a conscientização de preservação e cuidados com a água. Sabendo que vivemos uma crise de falta de água, buscamos meios e recursos para discutir esse assunto com as crianças. Desse modo, aliamos a nossa prática pedagógica informações e conhecimentos em relação a esse tema, dando início ao projeto *Nascentes, um bem precioso*.

Objetivamos levar aos alunos materiais para que reconhecessem a importância da água, em nossas vidas, aprendendo sobre aspectos que concernem a ela, como as nascentes, de que modo podemos preservá-las ou, ainda, recuperá-las. Nosso objetivo era, também, possibilitar aos alunos novos conhecimentos, como a necessidade de preservação de recursos naturais, a adoção de posturas de respeito aos diferentes aspectos da natureza, o reconhecimento dos maiores rios do mundo, do Brasil e do nosso estado, além dos principais rios do município de Água Doce.

Conversamos com alunos sobre de que modo encontramos a água na natureza; sobre a distribuição da água no planeta; sobre o tratamento da água para ser utili-

zada; sobre atitudes que não desperdiçam a água. Trabalhamos com a interpretação, a criatividade, a imaginação, a representação, a leitura e a escrita. Fizemos, ainda, um levantamento prévio sobre o que os alunos sabiam sobre o tema. Após o levantamento, trabalhamos com a história *O mundinho Azul*, de Ingrid Biesemeyer Bellinghausen.

Após a leitura, os alunos recortaram figuras que representassem a importância da água e, em grupos de quatro alunos, confeccionaram cartazes sobre a água.



Figura 1 - Cartaz confeccionado pelos alunos sobre a importância da água
Fonte: acervo pessoal da professora

Exibimos o filme *O Ciclo da água* e construímos um terrário, na sala de aula, para observar o funcionamento do mundo natural.



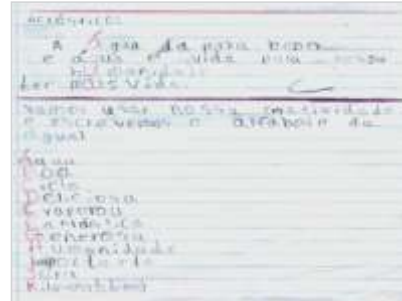
Figura 2 - Construindo um terrário
Fonte: acervo pessoal da professora

Fizemos uma visita à distribuidora de água de nosso município e ouvimos a explicação sobre como acontece o processo de purificação da água.



Figura 3 - Visita ao laboratório da CASAN
Fonte: acervo pessoal da professora

Consideramos que essas experiências vividas ampliaram nosso conhecimento, assim como as leituras de textos literários e textos informativos ligados ao tema. Após essas experiências, solicitamos aos alunos produções textuais coletivas e individuais.



Figuras 4 e 5 - Atividades feitas pelos alunos
Fonte: acervo pessoal da professora

De acordo com o engenheiro Ek Sonn Chan⁴, “Oitenta e cinco por cento da água do mundo é jogado fora sem ser tratada. Nós envenenamos a nós mesmos”.

Precisamos despertar nas crianças, desde cedo, o senso de responsabilidade quanto ao uso da água, e acreditamos ser o ambiente escolar um dos lugares que pode colocá-las em contato com esses conhecimentos, cabendo a nós esse papel, junto com a sociedade, de estabelecer diferentes ações para a conservação e reutilização desse líquido precioso.

É importante preservarmos as nascentes e cuidar das matas, pois é delas que dependem outros ciclos vitais. Assim, devemos conhecer as plantas nativas de nossa região, bem como saber o quanto de água é utilizado na produção de produtos alimentícios.

Propomos uma pesquisa acerca das plantas que cada aluno levou e plantou, em sua casa, no ano de 2015. Após a pesquisa, com os resultados obtidos, montamos um catálogo. Trabalhamos sobre as plantas, suas partes, suas funções, suas utilidades e a importância para o ambiente e os seres vivos, com textos informativos, leituras, pesquisas e atividades. Construímos uma planta com as partes que cada aluno trouxe.

Os alunos tiveram curiosidade em saber o quanto de água essas plantas consomem para se tornarem adultas. Pesquisamos sobre isso, porém não encontramos

respostas específicas, apenas alguns experimentos com o qual podemos controlar qual é essa quantidade de água. Observamos o crescimento das plantas, anotamos os dados e tiramos nossas próprias conclusões, com base nos experimentos encontrados.



Figura 10 - Observando como as plantas fazem a respiração e a transpiração, absorvendo e eliminando a água durante esse processo

Fonte: acervo pessoal da professora

Descobrimos, através de nossas experiências, que o consumo de água depende de vários fatores. Para sabermos a quantidade de água que uma planta consome, precisamos verificar a quantidade de luz solar que ela recebe para fazer a transpiração e respiração; assim como precisamos levar em consideração o clima, o lugar, o tipo de solo e a espécie vegetal. As plantas estão expostas às variações climáticas do ambiente atmosférico, perdem água por evaporação, absorvem água: esse controle, chamado de Balanço Hídrico, é fundamental para a sobrevivência da planta.

No andamento de nossos estudos e pes-



Figura 11 - Analisando a experiência feita para observar a quantidade de água que a planta consome

Fonte: acervo pessoal da professora

quisas, descobrimos algumas curiosidades, como, por exemplo: o eucalipto, para produzir 1 kg de madeira, utiliza, em média, 350 litros de água; já as espécies de vegetais do cerrado, para produzirem 1 kg de madeira, utilizam 2.500 litros de água. Nossa curiosidade foi aumentando, no decorrer das pesquisas: para produzirmos os alimentos qual a quantidade de água é utilizada?

Encontramos algumas respostas para as nossas curiosidades:

- Para produzir 1 kg de arroz precisamos, em média, de 2.500 litros de água.
- 1 kg de milho precisa de 1.220 litros de água, podendo variar de acordo com o lugar.
- Um pé de alface precisa de 240 litros de água.
- Para produzir 1 kg de pão são necessários 1.600 litros de água.
- Para produzir 1 kg de carne bovina são necessários 15.400 litros de água.
- Para fabricar uma calça jeans são necessários 11 mil litros de água.

Com base no estudo sobre o uso da água, pretendemos mudar o olhar de nossos alunos sobre esse uso, incentivando a sua preservação, tornando-se conscientes da importância da água. Aprendemos, nesse projeto, que as experiências são sempre diferentes, crescemos em conhecimento juntamente com os alunos e novas portas foram se abrindo.

Com esse projeto, os alunos demonstraram empenho e curiosidade, em todos os momentos das atividades propostas. Pudemos dar continuidade para a conscientização do uso da água e proteção das nascentes, acompanhando o crescimento das mudas plantadas.

Percebemos que o planeta é riquíssimo em água, mas, se não cuidarmos dela, em

⁴ Graduado de engenharia, Ek Sonn Chan começou seu trabalho no setor da água, em 1979, em Phnom Penh. Em 1993, foi nomeado para chefiar a Autoridade de Fornecimento de Água Phnom Penh (PPWSA), no qual deu o seu pleno compromisso com a reabilitação, levando água potável a um milhão de pessoas na capital do Camboja. Seu trabalho com a PPWSA ganhou reconhecimento internacional e prêmios que incluem o Prêmio Água ADB 2004; o Prêmio Ramon Magsaysay para o Serviço de Governo em 31 de agosto de 2006, a francesa honra medial Chevalier dans l'ordre de la Légion d'honneur primeira onFebruary, 2010, e Estocolmo Award Indústria da água 2010. Ele foi indicado como Secretário de Estado do Ministério da Indústria, Minas e Energia, em Junho de 2012 e como secretário de Estado do Ministério da Indústria e Artesanato em Setembro de 2013.

pouco tempo não teremos água potável suficiente para todos. Precisamos fazer nossa parte e desenvolver a conscientização de que a água pode acabar, por isso devemos cuidá-la.

REFERÊNCIAS

Ensino Fundamental I. 3º ano, Volume 2. 2ª edição revista atualizada – Curitiba. Editora Ibpex, 2009 – (Coleção Um Mundo de Conhecimento).

PINTO, Gerusa Rodrigues. Dia a dia do professor. **Datas Comemorativas, Projetos e Murais.** Mês de março. Vol. 2. 6ª Edição. Editora Fapi Indústria Gráfica Ltda.

PINTO, Gerusa Rodrigues, Dia a dia do Professor. **A Pedagogia de Projetos para 3ª série.** 1º semestre, Vol. 5, 2ª edição. Editora Fapi Indústria Gráfica Ltda.

SABER OS PREÇOS PARA PODER ECONOMIZAR

Carina Paza¹
Ana Carolina da Conceição²
Roberta Schnorr Buehring³

As atividades que relataremos foram realizadas pela professora Carina, com duas turmas de 3º ano, A e B, dos turnos matutino e vespertino, respectivamente, da Escola de Ensino Fundamental Professora Augusta Knorring, localizada no Bairro Cerâmica Reis, em Brusque/SC. O 3º ano A é formado por 21 alunos e o 3º ano B, por 22 alunos.

Realizamos atividades relacionadas à alimentação saudável e não saudável apresentadas na Mostra de Pesquisa, na qual o tema norteador era *Educação e Saúde juntas é a melhor receita*. Para introduzir o tema dos alimentos, a professora contou a história *O que Ana sabe sobre... alimentos saudáveis*, de Simeon Markovic. Esse livro traz diversas perguntas e repostas em relação às escolhas alimentares de uma menina.



Figura 1 - Capa do livro *O que Ana sabe sobre... Alimentos saudáveis?*

Fonte: acervo pessoal da professora

Após a leitura da história, a professora e a turma iniciaram uma roda de conversa, por meio da qual verificamos os conhecimentos prévios dos estudantes acerca do assunto em questão. Os alunos contaram algumas coisas sobre sua alimentação: alguns falaram sobre os alimentos

que comem em casa; outros falaram sobre os lugares que seus pais ou responsáveis compram esses alimentos; outros, ainda, comentaram o que o avô doente não pode comer. Além disso, também questionaram sobre quais alimentos a professora fazia consumo ou não. A partir dessa conversa, sentimos a necessidade de explicar a eles o que era considerado um alimento saudável e o que não era.

Os alunos, depois da explicação, fizeram alguns comentários: *Eu como alimentos saudáveis, mas também como muita besteira que não é alimento saudável; Minha mãe faz regime, come muito alimento saudável; Eu gosto mais de alimentos não saudáveis; Prô, a minha mãe só quer que eu como alimento saudável, porque ela só manda eu comer salada, mas eu não gosto muito; Agora só vou comer alimento saudável, quero ter muita saúde; Então na escola os alimentos são saudáveis.*

Cada criança recebeu uma revista para recortar vários tipos de alimentos que encontrassem. Fizemos, coletivamente, a



Figura 2 - Bonecos confeccionados pelos alunos
Fonte: acervo pessoal da professora

classificação dos alimentos encontrados. A sala foi dividida em dois grupos e cada um deles ganhou um boneco de cartolina para fazer a colagem das figuras – o boneco saudável e o boneco não saudável. No boneco saudável, escrevemos: *Quem de tudo comer... saúde vai ter!*. No boneco não saudável, no entanto, escrevemos: *Quem comer todas as besteiras... sem saúde vai ficar.*

Fizemos diversos questionamentos aos alunos, como: *Onde podemos encontrar os alimentos saudáveis e não saudáveis?; Será que podemos entrar no estabelecimento pegar e levar para casa os alimentos para casa?; O que precisamos ter para levar os alimentos para casa?; Todos os alimentos possuem o mesmo valor em dinheiro?*

Com essas perguntas, antecipamos os temas a serem abordados, objetivando estimular o raciocínio lógico-matemático de cada criança por meio de situações reais do dia-a-dia. Mobilizamos diversas situações de adição e subtração, nas quais tentamos envolver estratégias variadas para cada momento. “Muitos adultos e crianças desenvolvem técnicas de cálculo próprias a partir da necessidade de resolver problemas numéricos do seu dia a dia” (BRASIL, 2014, p. 43).

Nessas atividades planejadas, envolve-

¹ Alfabetizadora. Licenciada em Pedagogia, Especialista em Literatura Infantil. Professora em Brusque/SC.

² Orientadora de estudos. Licenciada em Pedagogia, Especialista em Educação Infantil, Anos Iniciais e Gestão Escolar e Mestranda na Universidade Regional de Blumenau (FURB). Professora em Brusque/SC.

³ Formadora. Licenciada em Pedagogia e Mestre em Educação Científica e Tecnológica. Professora do Centro Universitário Municipal de São José (USJ) e da Prefeitura Municipal de Florianópolis.

mos o nosso sistema monetário (cédulas e moedas), a fim de que as crianças pudessem lidar com o valor do dinheiro, desenvolvendo, assim, operações matemáticas de adição e subtração, e, também, de comparação de preços. Além de conhecer e compreender o sistema monetário, as crianças também desenvolvem a capacidade de raciocínio matemático por meio de situações reais.

Após os alunos compreenderem a diferença entre os alimentos saudáveis e os não saudáveis, entramos nos conhecimentos matemáticos. Fizemos uma visita ao mercado do bairro. Cada aluno fez uma pesquisa de preços de produtos saudáveis, identificando os produtos saudáveis e registrando o preço do produto.



Figuras 3 e 4 - Visita ao mercado do bairro para pesquisar alimentos saudáveis e seus preços
Fonte: acervo pessoal da professora

Vejamos algumas falas dos alunos: *Como a carne é cara!*; *Vou falar para minha mãe pesquisar se tem macarrão de vários preços*; *É bom a gente saber o preço das coisas, podemos ajudar a economizar*; *Às vezes minha mãe vem no mercado com um pouquinho de dinheiro e não dá para comprar tudo o que ela quer e nem tudo o que eu quero*.

Na sala de aula, lançamos uma pergunta para cada aluno pensar, calcular e responder, individualmente: *Se você tivesse R\$ 15,00, quais produtos saudáveis pesquisados no mercado você compraria?*

Cada aluno, nesse momento, teve que usar sua própria estratégia para calcular, escolhendo o que queria comprar. No primeiro instante, foram poucos os alunos que perceberam que não poderiam ultrapassar o valor de R\$ 15,00, não sendo possível atingir, por exemplo, o valor de R\$ 15,75, já que não possuíam a quantia excedente, ou seja, os setenta e cinco centavos. A quantia poderia ser R\$ 14,00 e alguns centavos e, assim, receberiam o troco. À medida que desenvolviam a atividade, os alunos foram percebendo que o valor não podia ultrapassar essa quantia. Alguns alunos comentaram, depois da atividade: *Prô, a dona Nair tem que me dar moedas de troco, a minha compra não chegou a R\$ 15,00*; *Prô, eu não tenho mais dinheiro. Como vou pagar se a minha conta deu R\$ 15,68?*



Figuras 5 e 6 - Atividades dos alunos referentes à visita ao mercado
Fonte: acervo pessoal da professora

Em outro momento, iniciamos a conversa em sala, relembrando a ida ao mercado e a pesquisa de preços de alimentos saudáveis. Questionamos se os pais ou responsáveis dos alunos costumavam fazer pesquisa de preço dos alimentos em diferentes mercados. A maioria dos alunos respondeu que, para economizar, é neces-

sário fazer pesquisa de preço. Alguns falaram que iriam aos seus pais para fazerem essa pesquisa, a fim de economizar nas compras. Muitos lembraram que a pesquisa pode ser feita com os *folders* que os mercados entregam em casa. Com essa observação, iniciamos o trabalho com panfletos de propaganda. Depois de conversarmos sobre os panfletos, solicitamos aos alunos que levassem a escola panfletos de propaganda.

No dia seguinte, vários alunos observaram que nem todos os mercados elaboram esses panfletos. Assim, conseguiram apenas de três mercados da cidade. Analisamos cada parte dos *folders* e, posteriormente, fizemos uma atividade de registro, contemplando os temas dos alimentos saudáveis e não saudáveis, o sistema monetário e alguns cálculos.

Percebemos que os alunos se apropriaram da importância da economia na vida deles, ao analisarem os panfletos, sempre preocupados com o valor dos alimentos ali expostos. Trabalhamos os conceitos de barato e caro, em que os alunos fizeram as comparações, ressaltando o preço por quilo. Associando, assim, o ato de medir com os números.

Conversamos sobre quilo e os alunos identificaram quais alimentos são vendidos por quilo, criando suas próprias hipóteses de cálculos. A maioria dos alunos percebeu que a multiplicação é a maneira



Figuras 7 e 8 - Atividades dos alunos referentes à pesquisa de preço em panfletos de propaganda
Fonte: acervo pessoal da professora

mais rápida e fácil para fazer esse cálculo.

Durante o trabalho com os panfletos, os alunos fizeram várias falas importantes sobre a pesquisa; algumas crianças observaram, nas propagandas, algo que gostavam de comer e calculavam, mentalmente, quanto custaria se comprassem dois.



Figura 9 - Capa da obra *A Economia de Maria*
Fonte: acervo pessoal da professora

Ao terminarem a atividade com panfleto de propaganda, contamos a história *A economia de Maria*, de Telma Guimarães Castro Andrade. O livro conta a história de duas irmãs gêmeas, que ganharam um cofrinho para guardar dinheiro. Nele, são abordadas situações de compra e de venda, de empréstimos e de dívidas.

Após a leitura, apresentamos às crianças a pirâmide alimentar. Discutimos cada parte da pirâmide e, coletivamente, construímos uma pirâmide com caixa de papelão. Nesse momento, os alunos tiveram o contato com as porções certas de alimentos que devemos consumir.

Acreditamos que as atividades desen-



Figura 10 - Pirâmide alimentar confeccionada pelos alunos

Fonte: acervo pessoal da professora

volvidas foram positivas, nas quais houve interesse dos alunos, até mesmo porque os assuntos abordados são relacionados ao dia-a-dia. O *projeto* permitiu articularmos diferentes componentes curriculares. Os alunos conheceram panfletos, aprendendo a sua função social, associando-o ao uso cotidiano e familiar; fizeram a leitura e a interpretação dos panfletos de propaganda de mercados da nossa cidade. No que diz respeito à Matemática, os alunos tiveram contato com o sistema monetário, aprendendo a fazer pesquisa de preços, relacionando as palavras *caro* e *barato*, comparando preços, introduzindo a palavra *economia* na sua vida. Em diversos momentos, exercitaram o raciocínio lógico e usaram diferentes tipos de estratégias para calcular. No que concerne às Ciências, os alunos identificaram os alimentos saudáveis e não saudáveis, aprendendo a importância do equilíbrio desses alimentos, a fim de ter uma vida saudável.

REFERÊNCIAS

- ANDRADE, Telma Guimarães Castro. **A Economia de Maria**. Ilustração Silvana Rando. São Paulo: Editora do Brasil, 2010.
- BRASIL. Secretaria de Educação Básica. **Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa**: Grandezas e Medidas. Brasília: MEC, SEB, 2014.
- BRASIL. Secretaria de Educação Básica. **Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa**: Operações na Resolução de Problemas. Brasília: MEC, SEB, 2014.
- MARINKOVIC, Simeon. **O que Ana sabe sobre alimentos saudáveis**. São Paulo: Nova Alexandria, 2010.

TANGRAM: ARTICULAÇÃO COM PRÁTICAS DE LEITURA E PRODUÇÃO TEXTUAL

Aydir Fátima Balvedi¹
Vera Lúcia Ribeiro de Matos²
Selma Felisbino Hillesheim

O projeto desenvolvido com alunos do 3º ano, da Escola Básica Municipal Santo Antônio, em Fraiburgo/SC, teve início a partir da contação da história do *tangram*, com a exibição do vídeo *A lenda do tangram*. O *tangram* consiste num quebra-cabeça formado por 7 peças, sendo 5 triângulos, 1 quadrado e 1 paralelogramo, por meio das quais várias figuras são formadas.

Após a exibição do vídeo, apresentamos outro intitulado *As Bezas do Mundo*, que apresenta uma adaptação da história da origem do *tangram*, ilustrando as várias possibilidades de montar figuras diferentes utilizando suas peças. Após a apresentação desse vídeo, questionamos os alunos acerca do que é o *tangram*, como ele surgiu e de que maneira ele funciona.

Dando sequência às atividades, fizemos a leitura e exploração dos textos: *A lenda do tangram* e *A história que dá início ao trabalho com o tangram*. Utilizamos esses textos objetivando contemplar vários gêneros do discurso em consonância com a apresentação e o estudo de várias formas geométricas bidimensionais encontradas no *tangram*.

A leitura dos textos foi feita, inicialmente, pela professora, depois pelos alunos, individualmente, e, em seguida, coletivamente. Entregamos aos alunos uma folha de papel sulfite no formato do quadrado, para dramatizarmos o texto *A história que dá início ao trabalho com o tangram*, utilizando uma folha de papel. De acordo com a história, o quadrado, ao dobrar-se ao meio, formou dois triângulos grandes⁴.

Recortando um dos triângulos grandes, formou mais dois triângulos, ficando, assim, com um total de três triângulos. Continuando a história, o triângulo grande dobrou a cabeça ao meio e foi recortado, formando, assim, um trapézio; recortando o trapézio formou-se um par de sapatos; um dos sapatos quebrou o bico e formou um triângulo pequeno e um quadrado. Ao caminhar igual, o *Saci* quebrou o salto do sapato que, recortando formou-se mais um triângulo pequeno e o paralelogramo; formando, assim, as 7 partes do *tangram*: 2 triângulos grandes, 1 triângulo médio, 2 triângulos pequenos, 1 quadrado e 1 paralelogramo.

Fizemos uma discussão na qual cada criança expôs sua opinião em relação ao texto. Um aluno afirmou: *Nós não somos todos iguais, uns são diferentes dos outros, na cor do cabelo, dos olhos, da altura*. Um aluno deficiente físico falou: *Prof., eu sou diferente, quando nasci deu um problema no meu braço, ele é mais curto*. E, assim, cada um foi falando sobre suas diferenças. Alcançamos, portanto, mais um objetivo: sensibilizar os alunos para um novo olhar sobre as diferenças, resgatando a cidadania e a inclusão da diversidade.

Dando continuidade à aula, questionamos se os alunos conheciam o nome das peças do *tangram*. Reconheceram, com facilidade, o triângulo e o quadrado, mas não conheceram o paralelogramo. Um aluno afirmou que era um retângulo com duas pontas; outro disse que era um retângulo com dois triângulos. Apresentamos, então, o paralelogramo aos alunos.

Falamos acerca da ludicidade do *tangram* e explicamos a eles como esse quebra-cabeça é composto, retomando os nomes das formas. Explicamos a eles que todas as peças devem ser usadas para formar figuras, uma não pode ficar em cima da outra, mas devem ficar juntas, encostando suas extremidades. Os alunos recortaram as peças do *tangram* que havia no livro didático de Matemática. Mostramos as características dos triângulos e dos quadriláteros.

Elaboramos as situações-problema: *com quais peças podemos cobrir o quadrado?*; *com quais peças podemos cobrir o triângulo maior?*; *quais peças cobriria o paralelogramo?*; *usando apenas o triângulo menor, quantos são necessários para cobrir o quadrado, o triângulo médio, o triângulo maior e o paralelogramo?* Essa atividade foi realizada com as 7 peças sendo montadas em cima da carteira; os alunos executavam a atividade, de acordo com o problema, respondendo em voz alta para a turma.

¹ Alfabetizadora. Licenciada em Pedagogia, Especialista em Séries Iniciais e Educação Infantil, Metodologia do Ensino, Gestão e Organização da Escola. Atua na Escola Básica Municipal Santo Antônio, em Fraiburgo/SC.

² Orientadora de estudos. Licenciada em Pedagogia, Especialista em Séries Iniciais. Atua na Escola Básica Municipal Santo Antônio, em Fraiburgo/SC.

³ Formadora. Licenciada em Matemática e Mestre em Educação Científica e Tecnológica. Atua na Escola Básica Estadual Professora Zulma Becker, em Santo Amaro da Imperatriz/SC.

⁴ Embora saibamos das limitações de tal consideração, nessa atividade desprezamos a espessura do papel, considerando, dessa forma, que os prismas de base triangular são aqui chamados de triângulos, assim como o prisma de base quadrada é chamado de quadrado e o prisma de base trapezoidal é chamado de trapézio. Sabemos que, na realidade, triângulos, prismas e quadrados não podem existir fisicamente dado que são figuras geométricas bidimensionais.

Para finalizar, as crianças foram desafiadas a montar o quadrado inicial da história do *tangram*. Encontraram algumas dificuldades, mas conseguiram montar, algumas individualmente e outras com a ajuda dos colegas.

Dando continuidade, utilizamos a lousa digital para apresentar figuras formadas a partir das peças do *tangram*, com o objetivo de explorar as características físicas das peças e compor e decompor figuras, identificando as suas formas.



Figura 1 - Montando o *tangram*
Fonte: acervo pessoal da professora

Entregamos pedaços de papel colorido a cada aluno para montarmos o seu *tangram*, confeccionando e colando as figuras em uma folha branca, para, em seguida, criarmos um painel na sala com as produções das crianças.



Figura 2 - O painel de *tangram*
Fonte: acervo pessoal da professora

Em seguida, propomos a produção de uma história coletiva com as figuras montadas a partir das peças do *tangram*. Na produção dessa história, as crianças deveriam pensar nos personagens, no lugar em que aconteceram as situações e as ações dos personagens.



Era uma vez um Chinês
Que vivia numa
Fazenda e
Falava Inglês.



Morava numa casa
De madeira
Ao lado de
Uma palmeira.



Ele tinha um gato
Chamado Tobi
Que corria atrás
Do rato Robi



Tinha um cachorro
Chamado Cabo
Que só queria
Morder o rabo.



Montava num cavalo
Pangaré que ele
Chamava
De Banzé.



Também tinha o
Jumento Merlim
Que gostava de
Comer capim.



No lago havia um
Cisne muito falante
Nadava de um jeito
Bem elegante.



E também tinha uma
Linda carpa
Que animava as visitas
Tocando harpa.



Nesta fazenda
Era só felicidade
Pois o Chinês era
Um poço de bondade.

Apresentamos aos alunos poesias a fim de promover o apreço pela leitura e o interesse pelos textos escritos. Essa atividade mexeu com o imaginário das crianças, levando-os a expressar seus desejos, senti-

mentos e descobrindo que se pode brincar com as palavras.

Para finalizar, realizamos atividades nos computadores da sala de aula informatizada, entretanto, antes de realizamos

essa atividade, abordamos sobre o programa *Série Educacional GCompris - Matemática* e as suas funções.



Figura 3 - Atividade na sala informatizada
Fonte: acervo pessoal da professora

Durante o desenvolvimento das atividades, os alunos demonstraram desenvoltura no uso do computador. A visualização oferecida no ambiente virtual foi um fator de motivação para os alunos. No computador, as crianças puderam ver o movimento das figuras na construção de outras figuras e tiveram a oportunidade de obter resultados mais imediatos, sendo possível, também, fazer a autocorreção.

Cada aluno, ao montar seu próprio *tangram*, formou figuras de seu interesse. A montagem dessas figuras possibilitou o desenvolvimento da atenção, da cooperação, da interação, do raciocínio lógico-matemático, da criatividade na produção de textos e na oralidade.

Nos *direitos de aprendizagem* da Matemática para o ciclo da alfabetização, encontramos um dos grandes objetivos da geometria como sendo o de auxiliar a criança a “reconhecer formas geométricas tridimensionais e bidimensionais presentes no ambiente” (BRASIL, 2014, p. 52). Nesse sentido, compreendemos que o projeto alcançou esse objetivo, pois foi proposto aos alunos construir e representar formas geométricas planas, descrevendo, comparando e classificando essas figuras por características comuns.

Nesses momentos propostos, percebe-

mos a importância de trabalharmos a *geometria*, no ciclo da *alfabetização*, por meio de atividades que facultem aos alunos classificar formas, identificar propriedades e atributos. Quando as crianças demonstraram estranheza ao visualizar o paralelogramo no *tangram*, elas puderam não apenas conhecer essa forma, mas também discerni-lo das outras. “Podemos dizer que um dos objetivos do ensino da geometria no ciclo de alfabetização é levar os alunos a classificar as figuras geométricas por meio de suas características, as quais denominaremos de atributos definidores” (BRASIL, 2014, p. 21). Entendemos como atributos definidores os invariantes que distinguem uma figura da outra e que são utilizados nas suas definições.

Podemos dizer, desse modo, que o triângulo e o quadrado, os quais foram reconhecidos facilmente pelas crianças, apresentam alguns atributos definidores que os diferenciam entre si, como, por exemplo, a quantidade de lados. O triângulo possui três lados e o quadrado possui quatro. Ter quatro lados, entretanto, não é um atributo apenas do quadrado, é um atributo comum a todos os quadriláteros. Podemos pensar que a ideia apresentada por um dos alunos a respeito do paralelogramo, ao afirmar que ele é um retângulo com duas pontas, faz sentido, pois o paralelogramo e o retângulo compartilham algumas características comuns, visto que tanto o retângulo quanto o paralelogramo possuem os lados opostos com as mesmas medidas. O retângulo, porém, possui os quatro ângulos retos e o paralelogramo possui dois ângulos agudos e dois ângulos obtusos.

Outra resposta apresentada por um dos alunos pode ser destacada, nesse contexto, pois ele sugeriu que o paralelogramo é um retângulo com dois triângulos. Se analisarmos a demonstração do cálculo

da área de um paralelogramo, iremos perceber que essa ideia é significativa. A área do paralelogramo AEFD pode ser calculada, fazendo a soma da área do retângulo ABCD com as áreas dos dois triângulos retângulos ACF e BDE, conforme figura a seguir.



Figura 4 - Paralelogramo
Fonte: Imagem disponível na web (Google Imagens)

Isso nos leva a compreender que, mesmo o aluno não conhecendo o paralelogramo, ele conseguiu estabelecer relações entre as formas que ele já conhecia e sabia classificar. As atividades escolares, relacionadas à formação de conceitos geométricos, devem proporcionar às crianças experiências de confronto, ou seja, de exemplos e contraexemplos, permitindo, desse modo, a generalização necessária para a formação dos conceitos.

Com relação à atividade da *produção textual* coletiva, a partir das figuras confeccionadas com as peças do *tangram*, percebemos que ela atende a um dos *direitos de aprendizagem* para a Língua Portuguesa: “compreender e produzir textos orais e escritos de diferentes gêneros, veiculados em suportes textuais diversos, e para atender a diferentes propósitos comunicativos, considerando as condições em que os discursos são criados e recebidos” (BRASIL, 2012, p. 32). Acreditamos que, no ciclo da *alfabetização*, a integração entre Língua Portuguesa e Matemática proporciona uma aprendizagem mais significativa.

As crianças devem ter uma finalidade para os seus textos, de maneira que possam compreender que um texto sempre tem uma função. A criança precisa estar

ciente dos motivos pelos quais escreve e terá uma preocupação maior na hora de escrever, pois precisará se fazer entender. No decorrer do processo da produção textual coletiva, as crianças foram estimuladas a escrever a partir das suas produções, e, também, valorizadas, pois tiveram as suas ideias ouvidas e acolhidas perante o grupo.

Quando os alunos e professor discutem a leitura, o professor passa a ter a tarefa de não apenas ler para o aluno, mas possibilitar meios para ler com o aluno, que é entendido como agente ativo e interativo no processo de ler e compreender. A leitura é enriquecida e o professor, através de uma atividade mediada, contribui para a formação de um novo leitor, crítico, capacitado para agir na relação sujeito e meio social (SILVA; RÊGO, 2006, p. 229).

No ciclo da *alfabetização*, a prática da *leitura* e da *escrita* possibilita um trabalho interdisciplinar, não somente entre a Língua Portuguesa e a Matemática, mas entre outras áreas de ensino. Entendemos que “[...] é preciso disseminar as fronteiras existentes entre o ensino da língua materna escrita e o ensino da matemática de maneira que os alunos possam ser colocados frente a situações desafiadoras para que consigam ampliar as formas de comunicação escrita” (HILLESHEIM; CRISTOFOLINI, 2016, p. 289). O trabalho interdisciplinar se constitui como uma alternativa valiosa para que a *alfabetização* e o *letramento* sejam concretizados, principalmente no que diz respeito ao ensino da língua materna e da matemática.

REFERÊNCIAS

A história que dá início ao trabalho com o tangram. Disponível em: <<http://docslide.com.br/documents/historia-que-da-inicio-ao-trabalho-com-o-tangram1.html>>.

A lenda do tangram. Educação matemática em revista, nº 5, Ano 3, p. 15. Disponível em: <<http://www.espacoeducar.net/2011/07/atividade-es-com-o-tangram.html>>.

A lenda do tangram. Direção de Cibele dos Santos Silva, M^a Selma, Rosivan Alves e Verônica Macedo. Trabalho realizado na disciplina de Fundamentos e Metodologia do Ensino de Matemática na Universidade Federal do Tocantins - UFT em Tocantinópolis. Disciplina ministrada pela professora Rosimeire Rodrigues. Duração: 3'20". Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Q-f_25aFtGk>.

As belezas do mundo. Direção: Vera Elenita Medeiros. Uma adaptação da história da origem do Tangran. Duração: 2'04". Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=TjICciyKRLLI>>.

BRASIL. Secretaria de Educação Básica. **Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa:** Currículo na Alfabetização: concepções e princípios. Brasília: MEC, SEB, 2012.

BRASIL. Secretaria de Educação Básica. **Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa:** geometria. Brasília: MEC, SEB, 2014.

DANTE, L. R. **Alfabetização Matemática.** São Paulo: Ática, 2014.

HILLESHEIM, S. F.; CRISTOFOLINI, C. Língua Portuguesa e Matemática: pontos de encontro no ciclo da alfabetização. In: SILVA, E.; BAZZO, J. L.S.; CHAGAS, L.M.; AGUIAR, M. A. L.; PEDRALLI, R. (org.). **Alfabetização na Perspectiva do Letramento:** letras e números nas práticas sociais. Florianópolis: UFSC/CED/NUP, 2016, p. 271- 291.

SILVA, A.; RÊGO, R. Matemática e Literatura Infantil: Um estudo sobre a formação do conceito de multiplicação. In: BRITO, M. R. F. (Org.). **Solução de problemas e a matemática escolar.** Campinas: Alínea, 2006, p. 207-236.

OS PIRATAS - APRENDENDO O VALOR DAS COISAS

Ana Paula David de Oliveira Tecila¹
Vera Marilize Schröer²
Dolores Follador³

Este projeto foi realizado em 2014, com duas turmas de 2º ano do Ensino Fundamental, nos turnos matutino, com 27 alunos, e vespertino, com 26, na Escola Municipal de Educação Básica Vítor Meirelles, no município de Jaraguá do Sul/SC.

A ideia de desenvolver este projeto surgiu após a leitura de livros sobre piratas e a realização de brincadeiras de faz de conta em que havia um pirata, espiando as crianças. O contato com os livros e as brincadeiras aguçou a curiosidade das crianças, fazendo com perguntassem sempre pelo pirata.

Começamos a relacionar a realidade com conteúdos oriundos da curiosidade dos alunos, estabelecendo relações entre o real e o imaginário, o passado e o presente, ampliando conhecimentos de *leitura* e *escrita* e conceitos matemáticos. Concordamos com Naspolini (1996, p. 14) ao afirmar que “uma atividade é significativa quando propõe um desafio que a criança tem condições de enfrentar e resolver em interação com os demais colegas e com o professor”.

Para explorar a capacidade criativa do grupo, realizamos uma conversa e uma escrita coletiva das hipóteses das crianças sobre os piratas e, posteriormente, cada um registrou suas ideias.



Figuras 1 e 2 - Chuva de ideias
Fonte: acervo pessoal da professora

A escrita daquilo que os alunos já sabiam contribuiu para, diante das descobertas que faziam através de leituras, de pesquisas em dicionários e pesquisas na *internet*, confrontarem os saberes. A leitura e as pesquisas passaram a rejeitar ou confirmar seus conhecimentos, ampliando o saber que já tinham.

Utilizamos o dicionário através do qual as crianças descobriram o significado da palavra *pirata*, surpreendendo-se com o resultado, pois viram que não havia nada de mágico como viam nos livros e nos filmes: pirata significa ladrão. O significado foi copiado e exposto no mural das descobertas, pois “responder questões a partir da leitura de um texto são atividades que podem revelar o conhecimento que as crianças já construíram ou não” (Naspolini, 1996, p. 10).

Continuando a pesquisa, as crianças fizeram leitura compartilhada no *Livro dos Piratas*, de Robin Witight, e na *internet*, da qual após retiraram informações sobre o modo de vida dos piratas. Embora, a cada leitura, as crianças percebessem que o verdadeiro pirata não era bom, não perdiam o encantamento por esse personagem que enfrentava diferentes perigos.



Figura 3 - Leitura do significado de pirata
Fonte: acervo pessoal da professora

O projeto se tornou tão significativo que acabou envolvendo outros profissionais da escola. Nossa Orientadora, Sandra Mara Gruber, sabendo das pesquisas e das descobertas que as crianças estavam realizando em relação ao tema, apresentou à turma a possibilidade de entrevistarmos um oficial da Marinha, para que pudesse falar dos piratas da vida real. Nesse momento, as crianças entraram em contato com o gênero entrevista, pois tínhamos que delinear a entrevista, desenvolvendo perguntas a serem feitas.



Figura 4 - Entrevista com o oficial da Marinha
Fonte: acervo pessoal da professora

Depois da entrevista com o oficial, as crianças produziram um texto coletivo sobre os piratas dos mares, nos dias atuais. Elas concluíram que os piratas da vida real prejudicam a vida de outras pessoas e que, para os piratas, o valor dos bens materiais é importante acima de outras coisas.

No desenvolvimento do projeto, foi importante registrar o que as crianças queriam saber sobre os piratas, para isso orga-

¹ Alfabetizadora. Licenciada em Pedagogia e Especialista em Psicopedagogia Clínica e Institucional. Atua na Escola Municipal de Educação Básica Vítor Meirelles, em Jaraguá do Sul/SC.

² Orientadora de estudos. Licenciada em Pedagogia e Especialista em Educação Infantil e Séries Iniciais. Atua na Escola Municipal de Educação Básica Professora Gertrudes Steilein Milbratz, em Jaraguá do Sul/SC.

³ Formadora. Licenciada em Matemática e Mestre em Educação Matemática. Atua na Secretaria de Estado da Educação do Paraná.



Figura 5 - Texto coletivo
Fonte: acervo pessoal da professora

nizamos um mural ao qual demos o nome de *Mural das Descobertas*, utilizando palavras-chave para melhor as crianças se localizarem. As palavras foram escritas em forma de listas e depois copiadas pelas crianças e representadas com desenhos.

A partir do mural, as crianças produziram, individualmente, um texto acerca do que aprenderam. O texto foi reescrito duas vezes, sendo que, primeiramente, foi feita a correção da escrita das palavras e, em segundo momento, a organização dos parágrafos.



Figura 6 - Texto produzido individualmente
Fonte: acervo pessoal da professora

Com essas relações estabelecidas entre o que é real e o que é imaginário, entre o que é verdadeiro e o que é criado pela imaginação humana nas histórias infanto-juvenis, as crianças foram reelaborando o saber que traziam consigo e construíram um conhecimento sobre o mundo em que vivem.

Embaladas pela curiosidade de descobrir onde estava o pirata, as crianças produziram, no computador, um *anúncio* de “Procura-se”. Questionamos de que forma poderíamos encontrar o pirata e, assim, apresentei o *anúncio* a fim de que as

crianças percebessem a função desse gênero. Os alunos coloriram o anúncio de acordo com as características físicas e a cor da roupa que o pirata usava, para facilitar sua procura. As produções escritas permearam o projeto, com diferentes gêneros e diferentes funções.



Figura 7 - Espalhando o anúncio
Fonte: acervo pessoal da professora

Após o encontro com o pirata e a entrevista com o oficial da Marinha, consideramos que, no mundo, todas as coisas têm seu valor e que elas podem ser classificadas em bens materiais e bens não materiais. Escrevemos, coletivamente, uma lista de coisas que são materiais e imateriais, explorando os conceitos de *concreto* e *abstrato*, não deixando de afirmar que todas as coisas têm valor, mas só os materiais podem ter preço.



Figura 8 - Mural coletivo sobre bens e registro individual da lista
Fonte: acervo pessoal da professora

A partir dessa lista, em outro momento, pudemos identificar as coisas que o dinheiro compra e o que o dinheiro não compra. Enquanto produzíamos as listas, trabalhamos, também, os *fonemas*, e o número de sílabas. Exploramos o conceito de escassez e de abundância, no que as crianças identificaram coisas que existem em abundância e coisas que são escassas no mundo.

Aliando o trabalho, em sala de aula, aos deveres de casa, as crianças receberam uma poesia sobre a água para fazerem sua leitura e interpretação com desenhos, reforçando a ideia da contribuição dos seres humanos na conservação e preservação do meio ambiente.



Figura 9 - Identificando os bens e atividade de leitura e interpretação
Fonte: acervo pessoal da professora

Enquanto registravam suas novas descobertas a respeito dos piratas, os alunos desenvolviam, também, atividades matemáticas em que eram abordadas as orientações espaciais. Durante as descobertas e escritas sobre piratas, o uso de mapas para caça ao tesouro surgiu como uma das ações dos piratas. Conversamos, portanto, sobre o uso dos mapas, nos dias atuais, e as crianças observaram e localizaram, no *Mapa Mundi*, o Brasil e a África. A África porque descobrimos nas pesquisas que fizemos que, nos dias atuais, é o continente que tem a costa mais ameaçada pelos piratas. Mostramos às crianças as linhas das coordenadas do mapa e sua função de facilitar a localização de algum lugar.

As crianças foram convidadas a participar de uma caça ao tesouro. O tesouro foi deixado pelo pirata na escola. Dividimos a sala em dois grupos, pois as coordenadas que eles deveriam seguir estavam em dois envelopes, assim, cada grupo recebeu coordenadas diferentes. Os alunos fizeram uma leitura compartilhada das coordenadas e, em seguida, foram atrás das pistas deixadas, trabalhando as orientações espaciais de direita e de esquerda, bem como o número de passos e os lugares que deviam passar. No final, en-



Figura 10 - Caça ao tesouro
Fonte: acervo pessoal da professora

contraram o baú do tesouro com moedas de R\$ 1,00 e R\$ 0,50.

Ao retornarem para a sala com o baú do tesouro, as crianças foram surpreendidas com o pirata que estava à espera delas. Após a visita do pirata, as crianças fizeram um mapa, registrando o caminho que percorreram para encontrar o tesouro, relembando novamente a direção que seguiram e os lugares por onde passaram.

Em outro momento, produziram pistas para que os amigos procurassem por tesouros que elas esconderam. Cabe ressaltar que “no ciclo de alfabetização as crianças podem trabalhar na construção e leitura de mapas e esquemas simples” Garnica e Salandim (2014, p. 58). A escrita de coordenadas com pistas para caçar um tesouro escondido e depois a produção do mapa, representando o trajeto percorrido foi uma interessante forma de trabalhar noções espaciais. Além dos doces no baú, também colocaram mensagens com ações valiosas sobre o cuidado com os bens coletivos que são aqueles que podem se acabar um dia.

Pistas para a caça ao tesouro

- 1- Vá até a porta, vire à direita. Desça as escadas e vire à direita novamente.
- 2- Siga em frente até o jogo de trilha do alfabeto.
- 3- Pule com os dois pés juntos em cada casa até a letra “J”. Pare e ande de lado para a esquerda até chegar em frente ao banheiro dos meninos.
- 4- Vire de frente para o refeitório e siga até a mesa de servir o lanche.
- 5- Vire para a esquerda e caminhe com passos largos até chegar em frente a cozinha.
- 6- Vire para a direita até chegar à horta. Vire a direita e caminhe em direção ao campo. Olhe para a esquerda em direção as mesas lá estará o tesouro.

As crianças separaram e agruparam os doces que trouxeram como recompensa e



Figura 11 - Escrita de coordenadas e ideia de divisão com os doces que seriam guardados nos baús
Fonte: acervo pessoal da professora



Figura 12 - Leitura das coordenadas
Fonte: acervo pessoal da professora



Figura 13 - Dicas de como cuidar do meio ambiente
Fonte: acervo pessoal da professora

dividiram em partes iguais para colocarem no baú da caça ao tesouro que elas mesmas organizaram. Antes de comerem, registraram o valor de cada moeda que escolheram no baú. Fizeram, em seguida, composição de valores até R\$ 3,50 com as moedas. Em grupos, juntaram suas moedas e calcularam o valor total. Depois das contagens, conferimos, no quadro, os cálculos.



Figura 14 - Registro das operações com as moedas
Fonte: acervo pessoal da professora

A professora fez a leitura da história *A economia de Maria*. As crianças compartilharam a leitura e confeccionaram um cofre. Elas compreenderam que economi-

zar quer dizer guardar, usar o necessário, sendo importante termos uma meta, que é o mesmo que ter um motivo para guardarmos o dinheiro. Assim cada um escreveu a sua meta para suas economias e colocou no cofrinho.

Os alunos ficaram com a missão de fazerem uma caça ao tesouro com seus pais ou com quem quisessem fazer, calculando e registrando o tesouro que encontraram.



Figura 15 - Leitura compartilhada e confecção do cofre
Fonte: acervo pessoal da professora

As crianças observaram novamente o mapa e, ao fazê-lo, perceberam que próximo ao continente Africano fica a Ilha de Madagascar. Questionamos quais as formas poderíamos chegar a Madagascar, saindo de nossa cidade. Criamos, a partir desse desafio, uma rota de viagem até a Ilha de Madagascar.



Figura 16 - Leitura e localização no globo terrestre
Fonte: acervo pessoal da professora

Enquanto explorávamos as coordenadas, identificamos alguns recursos, tais como o mapa, a bússola e o *Google Maps* os quais nos indicam a localização dos lugares. Identificamos, também, os meios de transportes possíveis de serem usados e descrevemos o percurso que deveria ser feito.

Cabe ressaltar que o *projeto* foi bastante inusitado como experiência de aprendizagem, uma vez que, ainda que nos parecesse bastante limitado como um trabalho pedagógico, percebemos as inúmeras pos-

sibilidades de produção de conhecimento que o tema possibilitou às crianças.

O uso da literatura objetivou um encantamento das crianças, de modo que percebessem a importância e a função dos *gêneros*. No desenrolar do *projeto*, os conteúdos de aprendizagem foram adquirindo significado para as crianças, mostrando que se pode aprender com prazer, e que um trabalho interdisciplinar pode acontecer mesmo com temas inusitados, devendo estar atentos às possibilidades de articulação que as ideias e os interesses das crianças possibilitam ao processo de aprendizagem.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Telma Guimarães Castro. **A economia de Maria**. São Paulo: Editora do Brasil, 2010.

BRASIL. Secretaria de Educação Básica. **Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa**: Geometria. Brasília: MEC, SEB, 2014.

CERBASI, Gustavo; SOUSA, Mauricio. **Descobrimo o valor das coisas**: o guia de educação financeira para os pais e professores ensinarem as crianças brincando. São Paulo: Editora Gente, 2012.

MENDES, Maria Celeste Garcia. Os informativos. **Um salto para o futuro**. Programa nº 8, 04/12/1996.

NASPOLINI, Ana Tereza. **Didática de português** - tijolo por tijolo: leitura e produção escrita. São Paulo: FTD, 1996.

PINNINGTON, Andrea. **O livro de atividades dos piratas**. São Paulo: Ed. Ciranda Cultural, 2012.

Revista Ciência Hoje. **Caça ao tesouro**. Instituto Ciências Hoje. Rio de Janeiro: Ano 20, nº185, novembro de 2007.

Revista Ciência Hoje. **Como funciona a fabricação do dinheiro**. Instituto Ciências Hoje. Rio de Janeiro: Ano 23, nº 208, dezembro de 2009.

Revista Ciência Hoje. **Você sabia que o dinheiro colonial mal cabia na carteira?** Instituto Ciências Hoje. Rio de Janeiro: Ano 21, nº 190, maio de 2008.

Revista Ciência Hoje. **Como funciona a bússola?** Instituto Ciências Hoje. Rio de Janeiro: Ano 20, nº 179, maio de 2007.

WRIGHT, Robin; HEGARTY, Pat. **O navio pirata**. São Paulo: Ed. Ciranda Cultural, 2007.

FLORA: CONHECENDO O AMBIENTE QUE NOS CERCA

Carolina Kuhnen¹
Maria Letícia Naime-Muza²
Gracielle Boing Lyra³

A experiência relatada foi realizada com uma turma de 3º ano, da Escola Desdobrada e N. E. I. Costa da Lagoa, em Florianópolis/SC, com um grupo de 8 crianças, entre 8 e 9 anos, no ano de 2015. As atividades de aprendizagem tiveram como objetivo geral conhecer a flora que nos cerca, sistematizando os conceitos em dois gêneros do discurso, texto informativo e poema.

As atividades iniciaram com a leitura do livro *Planta do Brasil*, de Gabriela Brioschi. Levantamos, a partir dele, alguns questionamentos, tais como: *As plantas podem ser consideradas animais de estimação?*; *Damos a devida importância ao meio ambiente?*; *Como nos portamos quando estamos caminhando no meio da natureza?*

Durante a discussão, um aluno se lembrou de algumas placas que havíamos visto, em ocasião de uma trilha que realizamos, em Ratores: essas placas alertavam as pessoas quanto ao silêncio, quanto ao lixo e quanto aos animais ali presentes. Propusemos que cada criança se lembrasse da trilha que havíamos feito e elaborasse uma placa, alertando às pessoas como devem se portar quando estão caminhando ou fazendo trilhas, em meio à natureza.

Na sequência, fizemos uma pesquisa, na sala informatizada, sobre algumas plantas nocivas. Para a realização da pesquisa, apresentamos um roteiro que continham os alguns pontos: nome da planta; onde podemos encontrá-la na natureza; que parte da planta é nociva; se for nociva, quais são os sintomas da nocividade e

cuidados que temos que tomar. Com as informações coletadas pelos alunos, propusemos que escrevessem um texto informativo a partir do que haviam pesquisado. O texto foi corrigido e reescrito. Após a reescrita, as crianças sistematizaram as informações, pois, para fazer parte do guia, precisaríamos de textos curtos e objetivos.

Na etapa seguinte, fizemos, em duplas, a pesquisa das árvores. Elaboramos, também, um roteiro para que as crianças pudessem limitar seu campo de pesquisa. O roteiro continha os seguintes pontos: a origem da planta, as características (tamanho, se produz frutos, cor etc.), utilização e curiosidades. A pesquisa se deu por meio de leituras de textos⁴ previamente fotocopiados. Essa seria, então, a terceira parte do guia informativo: conhecendo algumas árvores.

A partir das leituras, das anotações e da pesquisa, as crianças sistematizaram as informações mais importantes para compor o texto informativo. Vale ressaltar que os alunos fizeram a escrita, o grupo fez a avaliação da escrita, coletivamente, e, em seguida, a reescrita. Depois de termos o guia pronto, cada dupla ilustrou seu texto



Figura 1 - O guia
Fonte: acervo pessoal da professora

com desenhos e apresentou à turma.

Durante a etapa de pesquisas das árvores, trouxemos folhas de algumas delas e os alunos puderam comparar tamanho, forma, textura e cor.



Figura 2 - Alunos observando as folhas
Fonte: acervo pessoal da professora

Na etapa seguinte, tabulamos o comprimento das árvores (altura) e a espessura dos troncos (diâmetro), aproveitando para explicar o conceito de diâmetro. Saímos a campo para medir o diâmetro de algumas árvores, de modo que os alunos entendessem na prática o que é o diâmetro. Após a tabulação dos dados, propusemos que fizessem dois gráficos, um demonstrando a altura e outro, o diâmetro.

Durante essa etapa, as crianças vivem-

¹ Professora. Licenciada em Pedagogia. Atua como professora dos anos iniciais na Prefeitura Municipal de Florianópolis

² Orientadora de estudos. Licenciada em Letras - Português/Inglês, Bacharela em Letras Tradutor-Intérprete Inglês e Alemão, Especialista em Métodos e Técnicas de Ensino de Português e Línguas Estrangeiras e Mestre em Linguística Aplicada. Atua como professora de Língua Portuguesa e Inglesa, na Prefeitura Municipal de Florianópolis e como Coordenadora da área de línguas, na SME de Florianópolis.

³ Formadora. Licenciada em Pedagogia, Especialista em Educação Infantil e Mestre em Educação. Atua na Universidade do Vale do Itajaí.

⁴ Para todos os textos fotocopiados são apresentados aos alunos a fonte.

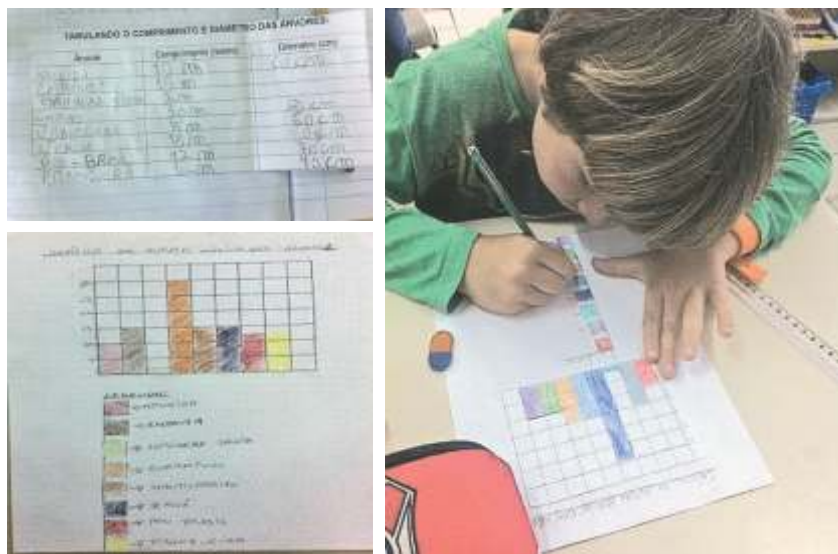


Figura 3 - Tabulando os dados e construindo os gráficos

Fonte: acervo pessoal da professora

ciaram algumas situações do campo aditivo, relacionadas à altura e ao diâmetro das árvores, como, por exemplo: a diferença da árvore maior para a menor; o resultado da soma de todas as alturas; o questionamento de, se um metro tem 100 cm, quantos centímetros uma árvore com 5 metros terá.

Para finalizar as atividades propostas, cada dupla fez um poema sobre a árvore que pesquisou. Trabalhamos, nessa etapa, o gênero poema, suas características e funções.

A montagem do guia foi feita pela professora com a ajuda dos alunos. Depois de pronto, foi entregue às crianças dois

exemplares para que pudessem distribuí-los na escola e na comunidade.

As atividades de aprendizagem proporcionaram a articulação de diferentes áreas do conhecimento, entre os componentes curriculares da Língua Portuguesa, das Ciências e da Matemática. Foram atividades que as crianças puderam se apropriar de conceitos científicos relacionados à flora; ao cuidado com o meio ambiente; ao conceito de plantas nocivas e onde podemos encontrá-las; às características de algumas árvores e para que servem. Na Língua Portuguesa, fizemos leituras, produzimos textos informativos e poemas. Ressaltamos, ainda, a

apropriação e ampliação de conhecimentos linguísticos em relação à compreensão, à autoria e à consolidação do SEA. Na Matemática, destacamos a construção de gráficos, a partir da tabulação de dados, nos apropriando dos conceitos de metro, de centímetro e de diâmetro, bem como de operações do campo aditivo.

Assim, nesse projeto, os alunos puderam ampliar seu conhecimento sobre a flora do local onde vivem e, conhecendo-a, respeitá-la e fazer uso responsável do que a natureza pode oferecer, exercitando a cidadania. O trabalho interdisciplinar, além disso, mostrou a relação dos conceitos das diferentes áreas.



Figura 4 - Guia informativo

Fonte: acervo pessoal da professora

Embaúba e Garapuvu

O Garapuvu é uma árvore
Alta pra chuchu
O Garapuvu tem na Costa da Lagoa
com o seu tronco se faz canoa
E a Embaúba tem o tronco oco
que nem coco.

Eloá P. E Gustavo

Pitangueira

A Pitangueira dá um fruto vermelhinho
E também muito docinho!
Na Costa da Lagoa, tem essa árvore de montão
É só você prestar mais atenção!
Na Costa da Lagoa tem uma linda cachoeira
Lá tem muita Pitangueira
Cuide da natureza
Porque ela é uma beleza!

Vitória e Daniel

REFERÊNCIA

BRIOSCHI, Gabriela. **Plantas do Brasil**. São Paulo: Ed. Odysseus, 2004.

A GEOMETRIA NOS DIFERENTES ESPAÇOS DO COTIDIANO

Ediane Zanesco¹
Lucimara Frigo Machado²
José Antônio Gonçalves³

Este relato de experiência é baseado em uma *sequência didática* aplicada, em 2014, em uma turma bisseriada da Escola Centro Educacional de Ensino de 1º Grau de Presidente Castello Branco. A turma tinha 15 alunos, sendo 6 de 2º ano e 9 de 3º ano.

A *sequência* teve por base a construção de conceitos acerca da *Geometria*. A metodologia foi baseada na *interdisciplinaridade*, de forma a alcançar objetivos como identificar, classificar, comparar, descrever e seriar figuras planas e espaciais.

O Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa prevê *direitos de aprendizagem* para o ciclo da *alfabetização* em cada área do conhecimento. Dentre os direitos a serem alcançados na área da geometria está o reconhecimento das figuras geométricas. Assim, faz-se necessário facultar ao aluno o pensamento geométrico, no qual deve visualizar e perceber as diferenças entre as figuras geométricas, nomeando, classificando e atribuindo características próprias de cada uma (BRASIL, 2014).

As atividades da *sequência didática* iniciaram com uma roda de conversa acerca do tema *Geometria*, de modo que, durante a conversa, pudéssemos perceber o que os alunos já conheciam sobre as formas geométricas. Durante a roda de conversa, alguns questionamentos foram feitos: *o que são formas geométricas?*; *onde podemos ver formas geométricas?*; *aqui na sala de aula quais as formas que podemos identificar nos objetos?*; e *fora da sala onde podemos visualizar formas geométricas?*

Na continuidade, contamos *A História do Quadrado*, da autora Alexandra Prasinis Bernal, utilizando a técnica de contação em forma de cartaz. A história conta sobre uma família de quadrados que vive em uma cidade na qual tudo é quadrado. Nas férias, a família de quadrados foi passear em um parque cheio de formas, descobrindo, então, a existência de outras formas.

A partir dessa história, refletimos que, igual ao quadrado, precisamos perceber o mundo que nos cerca e assim as inúmeras e diferentes formas que existem.



Figura 1 - A História do Quadrado
Fonte: acervo pessoal da professora

A atividade seguinte consistiu em um passeio pela cidade com destino ao parque de diversão, localizado na praça municipal, com o objetivo de identificar as formas no espaço externo à sala de aula. Assim, com a mediação da professora, as crianças perceberam as formas das placas de trânsito, o formato dos canteiros, dos brinquedos no parque, sendo possível comparar e perceber as diferenças e semelhanças encontradas durante o passeio.

Na sala de aula, realizamos o registro, através de desenho, da atividade do passeio, em que cada criança registrou o que mais lhe chamou a atenção. Coletivamente, produzimos um relatório sobre o passeio. Percebemos, por meio dos relatos dos alunos, a importância de atividades de observação. Eles destacaram que passavam pela rua e não percebiam tantas formas.

O documento Brasil (2014) pontua que, para que a aprendizagem seja significativa, deve haver um indivíduo pensando, observando e questionando. Defende, também, que o professor tem papel fundamental na interação, na organização do pensamento e das relações entre o conhecimento e novas descobertas, pois

A aprendizagem matemática não acontece exclusivamente na escola [...]. Aprende-se matemática no dia a dia, observando as coisas ao redor e colocando-as em relação. Aprende-se matemática também nas relações sociais, trocando ideias com os colegas, [...], indo para a escola ou passeando, observando as coisas da natureza e do lugar em que se vive na cidade [...] (BRASIL, 2014, p. 33).

¹ Alfabetizadora; Polo 4; Licenciada em Pedagogia, Especialização em Psicopedagogia Educacional; Escola Centro Educacional de Ensino de 1º Grau; Presidente Castello Branco-SC.

² Orientadora de estudos; Polo 4; Licenciada em Pedagogia, Especialização em Educação Infantil e Anos Iniciais e Coordenação Pedagógica; Secretaria Municipal de Educação, Cultura e Desporto; Presidente Castello Branco-SC.

³ Formador; Polo 4; Licenciado em Matemática, Especialização em Metodologia e Prática Interdisciplinar do Ensino; Atua na Secretaria Municipal de Educação e Cultura de Garopaba - SC e como professor da Rede Estadual de Ensino de SC, Formador do PNAIC em 2014 e 2015, na área de Matemática.



Figura 2 - Registro da produção escrita e ilustrativa dos alunos
Fonte: acervo pessoal da professora

Realizamos, também, uma atividade de resgate de objetos ou brinquedos de casa, que tivessem alguma relação com a *geometria*. Tínhamos como objetivo valorizar os conhecimentos prévios das crianças e o contexto familiar, valorizando, assim, o tema em estudo. Foi possível comparar, nomear, classificar e relatar a história do objeto.



Figura 3 - Amostra de objetos trazidos de casa com formas geométricas
Fonte: acervo pessoal da professora

Utilizamos material alternativo para a comparação e verificação das formas de cada uma das embalagens trazidas pelos alunos. Durante essa atividade, percebemos que os alunos comparavam as embalagens com as formas geométricas estudadas, contavam, agrupavam por tamanho ou forma, assim, remetendo-se ao princípio da história da contagem de quantidades, que era por agrupamentos.

Compreendemos que agrupar é uma estratégia de contagem que organiza o que é

contado, ajudando a não se esquecer de contar nenhum objeto, evitando que o mesmo objeto seja contado mais de uma vez.

Na Matemática, o jogo e a atividade lúdica tem papel fundamental no desenvolvimento do conhecimento, pois possibilita ao aluno construir, resolver e relacionar situações cotidianas através de situações-problema que contribuem para a constituição da inteligência.

Jogar revela-se, pois, como espaço de constituição de inteligência, uma vez que,

respeitando o sistema de regras imposto, o jogar se tornará capaz de dar respostas inusitadas e inesperadas por aqueles por quem partilha a atividade (BRASIL, 2014, p. 56).

Realizamos, também, a confecção do tapete das formas geométricas, baseado no jogo *Equilíbrio Geométrico*, presente no caderno de Jogos na Alfabetização Matemática, do PNAIC. No tapete, colamos círculos, quadrados, retângulos e triângulos de quatro cores diferentes. Depois da confecção do tapete, iniciamos a combinação das regras do jogo. Esse jogo possibilitou reconhecer e nomear figu-



Figura 5 - Jogo no tapete geométrico e registro do Jogo em História em Quadrinhos
Fonte: acervo pessoal da professora



Figura 4 - Análise, comparação e contagem por agrupamento das embalagens com formas geométricas
Fonte: acervo pessoal da professora

ras geométricas, bem como desenvolver a lateralidade e percepções corporais.

Essas atividades contribuíram significativamente para o desenvolvimento e para a aprendizagem para a *alfabetização* matemática na perspectiva do *letramento*, visto que passaram a realizar uma melhor leitura do contexto em que estão inseridos, relacionando os espaços e as formas aos conceitos matemáticos desenvolvidos em sala de aula.

Através dos encontros de formação continuada, do Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa, o planejamento pedagógico priorizou os direitos de aprendizagem, contemplando situações dinâmicas, integradas e reflexivas, proporcionando ao aluno, um desenvolvimento autônomo, crítico e criativo.

A *sequência didática* interdisciplinar, estratégia pedagógica implantada na rede municipal de ensino de Presidente Castello Branco, após a formação do PNAIC, possibilitou aos alunos a apropriação de conceitos específicos à *geometria*, que teve objetivos, como identificar, classificar, comparar, descrever e seriar as figuras planas e espaciais, partindo do contexto social e familiar do aluno.

REFERÊNCIAS

BERNAL, Alexandra Prasinós. **A história do quadrado**. Disponível em: <<http://blogda.propatria.blogspot.com.br/2010/12/livro-historia-do-quadrado.html>>. Acesso em: 5 de set. 2016.

BRASIL. Secretaria de Educação Básica. **Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa**: Geometria. Brasília: MEC, SEB, 2014.

BRASIL. Secretaria de Educação Básica. **Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa**: Apresentação. Brasília: MEC, SEB, 2014.

BRASIL. Secretaria de Educação Básica. **Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa**: Quantificação, Registros e Agrupamentos. Brasília: MEC, SEB, 2014.

BRASIL. Secretaria de Educação Básica. **Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa**: Jogos na Alfabetização Matemática. Brasília: MEC, SEB, 2014.

BRASIL. Secretaria de Educação Básica. **Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa**: Interdisciplinaridade no ciclo de alfabetização. Brasília: MEC, SEB, 2015.

O USO DE MAPAS, TABELAS E GRÁFICOS PARA O LETRAMENTO

Enisia Tolardo Magnavita¹
Samara de Alencar Cabral dos Santos²
Gracielle Böing Lyra³
Jussara Brigo⁴

Este relato de experiência apresenta a sequência didática desenvolvida com alunos do 1º ano do Ensino Fundamental, do Centro Educacional Municipal Tomaz Francisco Garcia, em Balneário Camboriú, no ano de 2015. A turma era composta por 25 alunos, com idade entre 5 e 6 anos.

O ponto de partida da sequência foi um passeio no bairro onde fica a escola. Os alunos foram acompanhados pelo professor do Laboratório de Ciências. Antes e durante o passeio, os alunos foram instigados a observar as mudanças geográficas que ocorreram nas ruas do bairro, com as construções e as pavimentações. Retornando à escola, a turma conversou sobre as observações feitas.

Os alunos observaram que havia uma ordem alfabética no nome das ruas, surgindo, assim, a ideia de trabalharmos a localização das moradias dos alunos. Para que pudéssemos saber com precisão, cada criança levou para casa uma ficha de pesquisa, que deveria ser preenchida com a ajuda dos pais.

Ao retornarem com as fichas preenchidas, apresentamos o mapa do bairro, destacando a localização da escola, de modo que tivessem um ponto de referência e localizarem seus endereços, identificando as proximidades e os distanciamentos.

Na sequência, com um mapa confeccionado pela professora, cada aluno foi localizando seu endereço, tornando-se o mapa das casas dos alunos do primeiro ano.

Cada criança escreveu uma plaquinha com o seu nome na rua em que mora.



Figura 1 - Mapa das ruas
Fonte: acervo pessoal da professora

Fizemos, em seguida, a leitura do mapa, discutindo:

- Quais alunos moram mais próximos da escola?
- Quais alunos moram mais distantes da escola?
- Qual a rua que tem mais moradores do 1º ano?
- Qual a rua que tem menos moradores do 1º ano?
- Qual a rua que não tem nenhum morador do 1º ano?

Os dados recolhidos foram anotados, para que, em outras atividades, as crian-

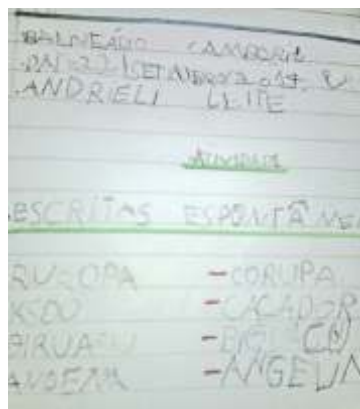


Figura 2 - Construção da lista
Fonte: acervo pessoal da professora

ças pudessem consultar. Após a leitura do mapa, os alunos escreveram, em seus cadernos, uma lista em ordem alfabética com os nomes das ruas nas quais os colegas moravam.

Fizemos, em seguida, a correção das escritas, no quadro, tendo a professora como escriba. Com os dados coletados, realizamos a construção de um gráfico, registrando o número de moradores de cada uma das ruas.



Figura 3 - Gráfico dos endereços dos alunos
Fonte: acervo pessoal da professora

Após a construção do gráfico de endereços, cada aluno pode identificar seus vizinhos. Trabalhamos, também, com tabelas, nas quais organizamos o número de ruas que não moravam nenhum aluno da turma, as quantidades de ruas com apenas um aluno etc.

¹ Alfabetizadora. Licenciada em Pedagogia e Especialista em Educação Infantil e Séries Iniciais. Professora em Centro Educacional Tomás Garcia.

² Licenciada em Pedagogia e Especialista em Educação e Supervisão Escolar e Psicopedagogia Institucional.

³ Formadora. Licenciada em Pedagogia, Especialista em Educação Infantil e Mestre em Educação. Atua na Universidade do Vale do Itajaí.

⁴ Formadora. Licenciada em Matemática Aplicada e Computacional, Mestre em Educação Científica e Tecnológica e Doutoranda em Educação Científica e Tecnológica (UFSC). Professora substituta no CEAD/UDESC e Assessora Pedagógica da Rede Municipal de Ensino de Florianópolis.



Figura 4 - Gráficos dos estudantes
 Fonte: acervo pessoal da professora



Figura 5 - Registro dos gráficos
 Fonte: acervo pessoal da professora

A sequência didática oportunizou aos alunos do 1º ano a ampliação de repertórios a respeito do lugar em que vivem e estudam, por meio de situações reais. Ao entrarem em contato com mapas, gráficos e lista, puderam compreender a função social da escrita. As crianças compreendem que a escrita materializa-se em um sistema de símbolos, sobre o qual se constroem hipóteses e conceitos, e, ainda, compreendem que, sob eles, estão escondidas as palavras (SOARES, 2016).

REFERÊNCIAS

SOARES, Magda. **Alfabetização** - a questão dos métodos. Rio de Janeiro: Contexto, 2016.

UTILIZANDO RELATÓRIO NA DESCOBERTA DO ECOSISTEMA A PARTIR DO TERRÁRIO

Edma Firminio Fortunato¹
Jacqueline Policarpo²

Com base em Leonardo da Vinci acerca de que “Aprender é a única coisa de que a mente nunca se cansa, nunca tem medo e jamais se esquece”, considera-se o ambiente escolar um espaço altamente propício para tal efetivação do pensamento exposto. A experiência³ com *terrário* foi uma ideia nascida através das inúmeras realidades dos alunos da comunidade de Morro Grande, em Laguna/SC, na instituição Isolada Morro Grande, que de 'isolada' não tem nada, pois é cercada de belezas naturais ímpares e de recursos naturais de sobra para vivenciar e experimentar muitas aprendizagens para os 7 alunos matriculados no 2º ano.

A turma do 2º ano do Ensino Fundamental tinha suas experiências estudantis ligadas à terra, a recursos que separam a Lagoa Santo Antônio dos Anjos de Laguna da porta da instituição. Em conformidade com o currículo e com os conteúdos de Ciências direcionados ao 2º ano, pensamos numa *sequência didática* que permitisse uma compreensão concreta e real no que diz respeito aos os seres vivos. Assim, a partir da construção de um microcosmo, o *terrário* – uma simulação do ambiente natural –, criamos uma experiência real a fim de que os estudantes pudessem ter contato direto com esse ecossistema, bem como relatar por escrito e oralmente as situações vivenciadas ao longo desse interessante processo.

O *terrário*, cuja construção foi realizada pelos alunos, sob a orientação da professora, tinha por objetivo principal discutir a relação entre os seres vivos, descon-

truindo a ideia muitas vezes pronta de que só os animais respiram, crescem e se reproduzem, esquecendo-se do universo vegetal, das plantas, e de seu papel fundamental para o equilíbrio do ecossistema.

Em consonância com os ideais de sustentabilidade, preservação e consciência ambiental, utilizamos sucata para a preparação do *terrário* (garrafas PET), pedaços de barbantes e cortes pequenos de tecidos de textura fina ou telas; além disso, utilizamos pedras de jardim, terra própria para plantio e uma plantinha cuja florzinha agradava a muitos e estava presente nos jardins e canteiros de muitas casas da comunidade: a Maria-sem-vergonha ou, ainda, beijo-turco (*Impatiens walleriana*). O restante dos materiais para a construção do *terrário*, conseguimos indo “a caça” dos bichinhos, outros seres vivos para colocarmos dentro do nosso ecossistema “particular”. Precisávamos, portanto, de algumas minhocas, caramujos, tatus-bola (pequenos), joaninhas e/ou possíveis insetos que poderiam se adaptar a esse ambiente.



Figura 1 - Exemplificação do terrário
Fonte: Imagem disponível na web (Portal de pesquisa Google Imagens)

Com os materiais em mãos e muito atentos para o que iriam aprender, levamos esses recursos para a sala de aula. Mas o que realmente os alunos poderiam aprender com isso? As etapas subsequentes deixaram claro que:

- As pedras são parte do nosso solo, estão presentes em qualquer região e, no caso do *terrário*, juntamente com a camada de terra, elas são necessárias para a drenagem da água a ser depositada no *terrário* e fundamental para a sobrevivência da plantinha;
- A pequena flor que, fincada na terra escura (propícia para o plantio), serve de *habitat* para outros seres vivos e, futuramente, como fóssil vegetal serviria de adubo e enriquecimento da terra;
- As minhocas deixam a terra fofa ao produzirem espécies de túneis onde facilitam a ventilação para as raízes das plantas, penetração da água e produção de húmus – matéria orgânica, necessária para o crescimento da plantinha;
- A joaninha, o pequeno caramujo ou tatu-bolinha não são meros coadjuvantes nessa experiência toda, mas partes de um pequeno *habitat* natural o qual mostra e explica claramente co-

¹ Alfabetizadora. Licenciada em Pedagogia. Atua na Escola de Ensino Fundamental Municipal Isolada Morro Grande, em Laguna/SC.

² Orientadora de estudos. Licenciada em Pedagogia e Especialista em Metodologia Interdisciplinar de Ensino. Atua na Secretaria Municipal de Educação, em Laguna/SC.

³ A formadora Maíra de Sousa Emerick de Maria, do PNAIC/SC, foi consultora na escrita da versão final deste relato.

mo os seres se relacionam e se compreendem, harmonicamente, na natureza, vivem na planta, alimentam-se da planta e residem nela num complexo harmônico.

Ainda, no tocante às possibilidades de aprendizagem provindas de práticas como essa atividade, não podemos descartar a importância do desenvolvimento da reflexão sobre os questionamentos aflorados, tais como: *as plantas consomem água?*; *o que é ser vivo?*; *o que acontece quando uma planta morre ou um ser vivo morre?*; *a pedra é um ser vivo?*. Todas essas problemáticas não ficariam tão divertidas e de fácil compreensão se não fossem explicadas por outro meio, se fossem escritas apenas no caderno, por exemplo; por isso, foi importante extrapolar o caráter conteudista, conforme assinala Leonel (2013, p. 112) em que:

O ensino de Ciências Naturais não deve e não pode limitar-se apenas a uma abordagem conteudista; é também um espaço privilegiado em que as diferentes explicações sobre o mundo, os fenômenos da natureza e as transformações produzidas pelo homem podem ser expostos e comparados

Ainda, segundo Moraes e Ramos (1988, apud Leonel, 2013, p. 120),

[...] no contexto da experimentação, a ação propriamente dita caracteriza-se como capacidade de manipular materiais, observar fenômenos e, principalmente, estimular habilidades como a reflexão, a discussão e as explicações gerando o conhecimento a partir de ações e não somente através de aulas teóricas expositivas (grifo nosso).

O interessante é que as crianças aprendam através de experimentos em que possam intervir amplamente. Durante 15 dias, os alunos da escola observaram atentamente o *terrário* (cada aluno tinha o seu próprio), anotavam as mudanças, permanências e fatos curiosos que se davam nele. Cada órbita de uma minhoca ou tatuzi-

nho era tristemente relatado, principalmente quando a minhoca do colega persistia viva! Surgiam muitas perguntas, nesse processo, e, quando uma das plantinhas morreu, ocorreu uma dúvida geral regada de debates e especulações; que belos cientistas estavam se formando. Fiquei muito feliz.

Para organizar as anotações sobre o *terrário*, os alunos receberam um formulário, exemplificado abaixo:

MODELO DE RELATÓRIO
ESCOLA:
PROFESSOR (A):
SÉRIE/ANO:
DATA:
TÍTULO:
MATERIAIS UTILIZADOS:
PROCEDIMENTOS:
RESULTADOS DA PRÁTICA (O QUE O ALUNO CONCLUIU COM A EXPERIÊNCIA):
ESQUEMAS OU DESENHOS:



Figura 2 - Observação e registro do *terrário*
Fonte: acervo pessoal da professora

O ganho com essa atividade não foi apenas para a turma, a família da maioria dos alunos ganhou, no sentido de serem eles, também, os colaboradores dessa ação, todos se mobilizaram na busca de minhocas e pedras, as mães dos alunos sempre perguntavam o que mais faltava para a construção do *terrário*. Nesses momentos, nos damos conta que o dever de

educar entrelaçado entre escola e família se efetiva.



Figura 3 - Análise do *terrário*
Fonte: acervo pessoal da professora

Todas as observações e anotações realizadas pelos estudantes culminaram numa grande reflexão e debate crítico que os levou a repensarem seus lugares na escola, o que realmente fazem nela, para que e a razão de estarem ali. Isso foi comprovado através de nossos diálogos, comprovando, também, o pensamento de Leonardo da Vinci, registrado no início desse relato, sinalizando que não se esquece de uma experiência mesmo depois de anos.

Outro ponto sobre o ensino de Ciências, do 1^a ao 4^a ano é que, conforme os Parâmetros Curriculares Nacionais apontam “[...] neste contexto, o papel das Ciências Naturais é o de colaborar pa-



Figura 4 - Alunos do 2º ano complementando relatório na beira da lagoa
Fonte: acervo pessoal da professora

ra a compreensão do mundo e suas transformações, situando o homem como **indivíduo participativo e parte integrante** do Universo” (BRASIL, 1997, p. 15, grifo nosso).

Da mesma forma que não é errado dizer que uma atividade como essa explica-se na realização de uma transposição didática; 'ressuscitando' dos livros didáticos conteúdos que somente nas linhas dos cadernos não teriam tanto valor expressivo por meio dessa prática, como também não pretere o exercício didático dos livros; pelo contrário, consolida-o à luz de um conhecimento que não será estanque e sim movido pela curiosidade estimulada.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais** (1ª a 4ª série): Ciências Naturais, 1997. Disponível em: <<http://portal.mec.gov/seb/arquivos/pdf/ciencian.pdf>>. Acesso em: 1 de set. 2016.

BRASIL. Secretaria da Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais**: Ciências Naturais. Brasília: MEC/SEF, 1998.

LEONEL, André Ary et al., **Conteúdos e metodologias do ensino de ciências II**. – 1ª ed. Florianópolis: DIOESC/UDESC/CEAD/UAB, 2013.

PENSADOR. **Frases de Leonardo da Vinci**. Disponível em: <http://pensador.uol.com.br/frases_de_leonardo_da_vinci/>. Acesso em: 1 set. 2016.



Pacto Nacional pela
Alfabetização na Idade Certa



Secretarias
Municipais
de Educação

ISBN 978-85-9457-006-2



9 788594 570062